

*Lugar simbolicamente
qualificado e de interação social*

PARQUE BOTAFOGO

REVITALIZAÇÃO

Estudante: Lucas Mendes
Orientadora: Evelyn Soares



MENDES-SILVA, Lucas

Requalificação do Parque Botafogo: *lugar*
simbolicamente qualificado e de interação social.

Lucas Mendes Silva - 2021

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)

Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Escola Politécnica

Arquitetura e Urbanismo

Trabalho de Conclusão de Curso II

Orientadora: Prof. Me Evelyn Cristine M. Soares

Contato:

Email: lucashartlieb@gmail.com

Telefone: 62 99520-4603

Lugar simbolicamente qualificado e de interação social

P A R Q U E B O T A F O G O **REVITALIZAÇÃO**

Estudante: Lucas Mendes
Orientadora: Prof. Me Evelyn Soares

Memorial do processo de desenvolvimento do projeto

Uma flor nasceu na rua!
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do
tráfego.
Uma flor ainda desbotada
ilude a polícia, rompe o asfalto.
Façam completo silêncio, paralitem os negócios,
garanto que uma flor nasceu.

Trecho de A Flor e a Náusea,
de Carlos Drummond de Andrade



AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe, pelas lições de generosidade e comprometimento ao longo da vida; ao meu pai Carlos Antônio, meu maior exemplo de responsabilidade e humildade; e, ao Sebastião, por me acolher como filho. Com o suporte destes tudo me é possível e vale mais a pena.

Agradeço a minha orientadora, Evelyn, cujo as valiosas lições levo para este projeto e para vida. Obrigado também pelas palavras de conforto e motivação.

Minha gratidão a arquiteta Luísa Azevedo: as oportunidades que me deu em grande parte formam o arquiteto que estou me tornando.

A Amanda, companheira de jornada acadêmica, agradeço pela parceria em inúmeros trabalhos e ao apoio constante nesta jornada.

SUMÁRIO

	1. Introdução	08
	1.1 Tema e temática	09
	1.2 Justificativa	09
	1.3 Objetivo	09
	1.4 Metodologia	10
	1.5 Conceitos importantes	14
	2. Estudos de caso	18
2.1	Recuperação do Riacho Cheonggyecheon – Seul, Coréia do Sul;	19
	2.2 Parque da Família – Santiago, Chile;	23
	2.3 Olympic Sculpture Park – Seattle, Estados Unidos;	25
	3. Contextos	28
	3.1 Parque Urbanos	29
	3.2 Contexto histórico: Goiânia e seus Parques	32
	3.3 Contexto sócio-econômico	34
	3.4 Contexto ambiental	35
	4. Parque Botafogo	36
	4.1 Histórico	37
	4.2 Situação atual e relações urbanas	38
	4.3 Contexto urbano;	39
	4.3.1 Usos;	41
	4.3.2 Gabaritos;	42
	4.3.3 Cheios e vazios.	43
	4.3.4 Aspectos Naturais	44
	4.3.5 Sistema viário e mobilidade	45
	4.4 Lugar simbolicamente qualificado e de interação social	47
5.	Usuários: O Parque enquanto equipamento metropolitano e universal	48
	6. O Projeto	49
	6.1 Problemas, Potencialidades e Ações	50
	6.2 Diretrizes	52
	6.3 Metodologia de projeto	53
	6.4 Masterplan	54
	6.4.1 Circulação interna e mobilidade	55
	6.4.2 Aspectos ambientais e drenagem urbana	63
	6.4.3 Usos e Equipamentos	69
	6.4.4 Praças e Pavilhão	73
	7. Referências	93
	8. Anexos	94

RESUMO

O Parque Botafogo faz parte da cidade de Goiânia desde seu primeiro plano urbanístico, proposto pelo urbanista Attílio Corrêa Lima, em 1930. Diversas intervenções, da implantação aos dias atuais, foram realizadas no Parque, parte delas marcadas por processos de degradação ambiental e espacial que resultam atualmente em uma expressiva subutilização e em problemas infraestruturais. Historicamente e ambientalmente relevante, o Parque Botafogo é potencialmente um vetor de revitalização da região do centro histórico/tradicional de Goiânia, bem como um significativo equipamento de lazer, cultura e prática de atividades físicas.

O presente projeto objetiva a revitalização do Parque Botafogo, contribuindo para que este se torne vetor de melhoria da qualidade da área central da cidade, em termos de território e espaço, sociais, econômicos e de qualidade de vida. O processo da intervenção começa pela compreensão dos aspectos teóricos, conceituais e estudos de caso que subsidiam a intervenção. Em seguida, os levantamentos, análises e a pesquisa de opinião pública dão a devida compreensão do Parque nas dimensões histórica e contemporânea. A partir do diagnóstico as áreas de atuação são definidas e as ações desenvolvidas.

O projeto assimila e adequa as infraestruturas e equipamentos existentes (Parque de diversões, trincheira da Av. Araguaia, pista de bicicross, infraestrutura viária, e outras), e seus elementos naturais, explorando as potencialidades do local. A implantação de novos usos e equipamentos são propostos nas áreas de cultura, lazer, esportes e gastronomia. Ainda, soluções de mobilidade e acessibilidade, ações ambientais e de drenagem urbana compõe o projeto.

Palavras-chave: Parques Urbanos; Revitalização; Áreas centrais; Drenagem Urbana

«A qualidade do espaço público é a chave para melhorar a qualidade de vida, para aumentar a sociabilidade e nos aproximarmos da sustentabilidade»
Montaner e Dias, 2017



1 INTRODUÇÃO

O Parque Botafogo faz parte da cidade de Goiânia desde seu primeiro plano urbanístico, de Atílio Corrêa Lima, em 1930, que o previu como parte do cinturão verde que envolveria a cidade. Diversas intervenções, da implantação aos dias atuais, foram realizadas no Parque, parte delas marcadas por processos de degradação e subutilização. Estas intervenções influenciam diretamente os usos e significados exercidos ali pelos indivíduos e grupos, bem como ajudam a definir a paisagem da região.

O Parque é um equipamento urbano relevante, no Setor Central, cortado por infraestruturas urbanas significativas (Marginal Botafogo, Av. Araguaia, Av. Independência, Av. Anhanguera e Av. Leste-Oeste) e por um dos principais mananciais da cidade, o córrego Botafogo. Como parque central e acessível, se conforma como um potencial equipamento metropolitano, de caráter democrático e relevância social, ambiental e histórica.

Apesar da relevância do Parque Botafogo para Goiânia, especialmente para o núcleo central da cidade, as pesquisas realizadas neste trabalho, os levantamentos de notícias e os relatos de moradores indicam uma precarização das infraestruturas e sua subutilização. Inúmeras alterações modificaram profundamente a paisagem e a relação dos moradores com o Parque: a implantação do Parque Mutirama, da Marginal Botafogo, da trincheira sobre a Avenida Araguaia, entre outras.

Apresenta-se pesquisas voltadas a compreensão da dinâmica urbana, das relações do Parque Botafogo com a cidade e seus moradores e dos seus aspectos ambientais. Pretende ainda compreender: as infraestruturas presentes; as intervenções realizadas ao longo dos anos; as razões da atual configuração deste espaço; e, as consequências destes aspectos nas atividades ali desenvolvidas.

Este caderno visa apresentar o processo do projeto que propõe a requalificação do Parque Botafogo, entendendo-o como equipamento urbano relevante para toda a Região Metropolitana de Goiânia e historicamente significativo. O projeto assimila e adequa as infraestruturas e equipamentos existentes (Parque de diversões, trincheira da Av. Araguaia, pista de bicicross, infraestrutura viária, e outras), e seus elementos naturais, explorando as potencialidades do local. A implantação de novos usos e equipamentos são propostos nas áreas de cultura, lazer, esportes e gastronomia. Ainda, soluções de mobilidade e acessibilidade, ações ambientais e de drenagem urbana compõe o projeto.

No mundo da fluidez e velocidade, da vertigem, do grande número de viagens e do movimento constante (HARVEY, 2016), parar e se conectar com o espaço e com os outros é um privilégio. Ter experiências que deem significado a existência é importante e espaços que possibilitem e democratizem isso são fundamentais.



Vista aérea do Parque Botafogo



Marginal Botafogo.



Planetário.



Pista de Bicycross.

1.1 TEMA / TEMÁTICA

Tema: Requalificação de áreas urbanas centrais

Temática: Requalificação do Parque Botafogo

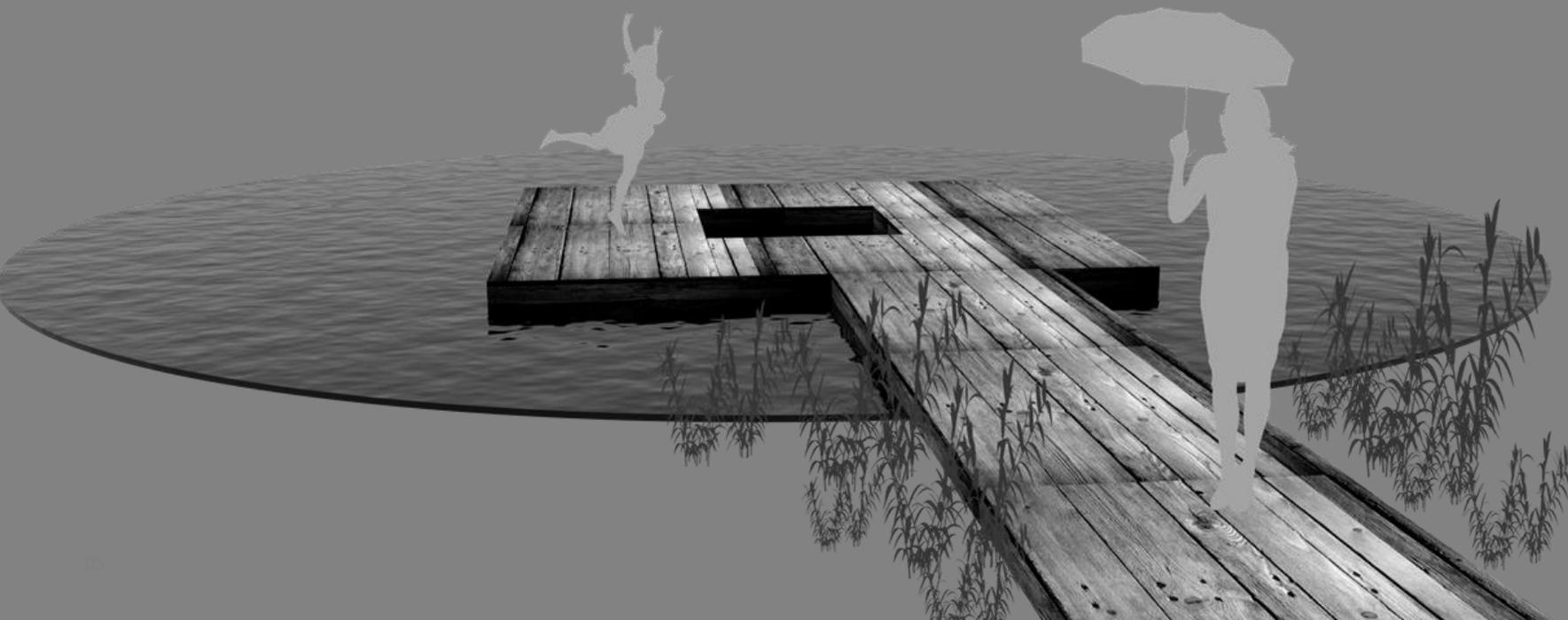
Título: Requalificação do Parque Botafogo: lugar simbolicamente qualificado e de interação social

1.2 JUSTIFICATIVA

Diversas intervenções e processos, da implantação aos dias atuais, aconteceram no Parque, muitos deles marcados por processos de degradação ambiental e espacial que resultam em uma expressiva subutilização. Historicamente e ambientalmente relevante, o Parque Botafogo é potencialmente um vetor de revitalização da região.

1.3 OBJETIVO

Compreender processos urbanos relativos aos espaços públicos, mais precisamente os parques urbanos, e desenvolver projeto de revitalização do Parque Botafogo contribuindo para que este se torne vetor de melhoria da qualidade da área central da cidade, em termos de território e espaço, sociais, econômicos e de qualidade de vida.



1.4 METODOLOGIA

1.4.1 Repertorização teórica

- Pesquisa bibliográfica e sistematizações críticas de leituras sobre: revitalização urbana; centralização; descentralização; núcleos secundários; agentes urbanos; espaço público; parques urbanos; acupuntura urbana; gentrificação e demais conceitos pertinentes ao tema;
- Estudos direcionados a história de Goiânia, do Parque Botafogo e das diversas intervenções e processos urbanos ao longo da história na região;
- Estudos de caso paradigmáticos de intervenções urbanas, em diferentes escalas, aplicados em cidades que compartilhavam problemáticas semelhantes as vivenciadas pela região do Parque Botafogo;
- Levantamento e análise das legislações urbanas vigentes relacionadas a uma intervenção urbana no Parque Botafogo, como, por exemplo, o plano diretor de Goiânia, o Estatuto das Cidades (Lei n 10.257) o Código de Edificações de Goiânia (para os edifícios do Parque) e demais legislações que se mostrarem pertinentes.

1.4.2 Levantamentos

Levantamentos das características urbanas da região do Parque Botafogo: aspectos naturais; sistema viário; uso e ocupação do solo; infraestruturas e cheios e vazios. Além dos levantamentos presenciais, ferramentas de geolocalização como o Google Earth e Google Maps subsidiam os levantamentos, bem como os levantamentos obtidos no referencial teórico, devidamente referenciados.

1.4.3 Eixos de intervenção e escalas

A revitalização deve ser o elemento integrador de diferentes dimensões urbanas onde apenas o planejamento estratégico pode garantir o êxito. Moura et al (2007) definem quatro grandes áreas envolvidas no projeto de requalificação:



EixoFonte: MOURA, Dulce *et al.* A Revitalização Urbana, 2007.

Essas áreas foram interpretadas neste trabalho como os quatro eixos de intervenção, entendendo que ações específicas para cada eixo são necessárias para explorar suas potencialidades, solucionando ou minimizando problemáticas encontradas.

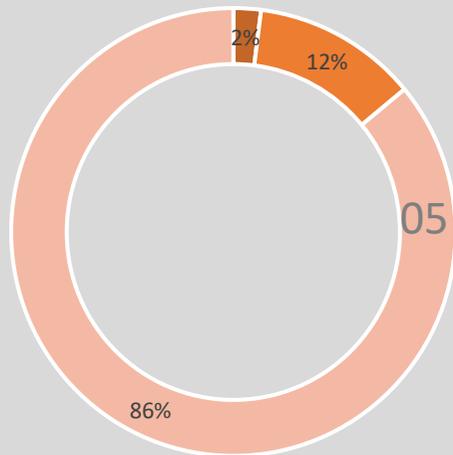
Três escalas de atuação do projeto de requalificação são consideradas: a primeira, trata das relações de vizinhança (R=500), a segunda das relações com a região (R=2500m) e a terceira suas relações com a RMG

Entendendo o Parque como um equipamento metropolitano, as ações propostas surtirão efeitos também em uma escala metropolitana.

1.4.4 OPINIÃO POPULAR (POP)

Entendido como um equipamento passível de configurar uma opção de lazer, cultura e prática de esportes para toda a população da Região Metropolitana de Goiânia, se faz necessário compreender como é a relação desses moradores com o Parque e quais as expectativas deles em relação a sua requalificação. Para tal, compõe este trabalho *Pesquisa de Opinião Pública (POP)* sobre o tema. Previsto no Estatuto da Cidade – art. 2º, II – estão assegurados processos participativos nas discussões e debates sobre a cidade, onde encontra-se o principal respaldo legal para a pesquisa

A pesquisa é direcionada a qualquer morador da RM de Goiânia e tem três grupos distintos de perguntas: o primeiro grupo

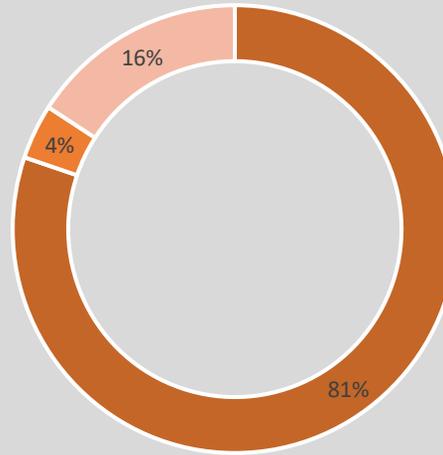


Você frequenta o Parque Botafogo e o utiliza como uma opção de lazer ou local de prática de atividade física?

■ Sim, com frequência ■ Sim, raramente ■ Não

pretende local o entrevistado em relação ao Parque, se ele mora em Goiânia ou outra cidade da RM e se mora em algum bairro dentro do raio de atendimento local do Parque; o segundo grupo de perguntas pretende entender a relação dos moradores com o Parque e sua percepção sobre seu estado hoje; finalmente, o terceiro grupo traz questões relativas a possíveis intervenções no Parque, buscando entender se o entrevistado concorda e quais suas observações a respeito.

O apoio a uma proposta de intervenção no Parque se comprovou em diversos eixos, segunda a pesquisa. Inclusive, o apoio, em termos gerais, compreende a opinião da quase totalidade dos entrevistados como observamos abaixo:



Um projeto de revitalização do Parque Botafogo aumentaria sua atratividade como opção de lazer, cultura e prática de esportes para os moradores de Goiânia e da Região Metropolitana?

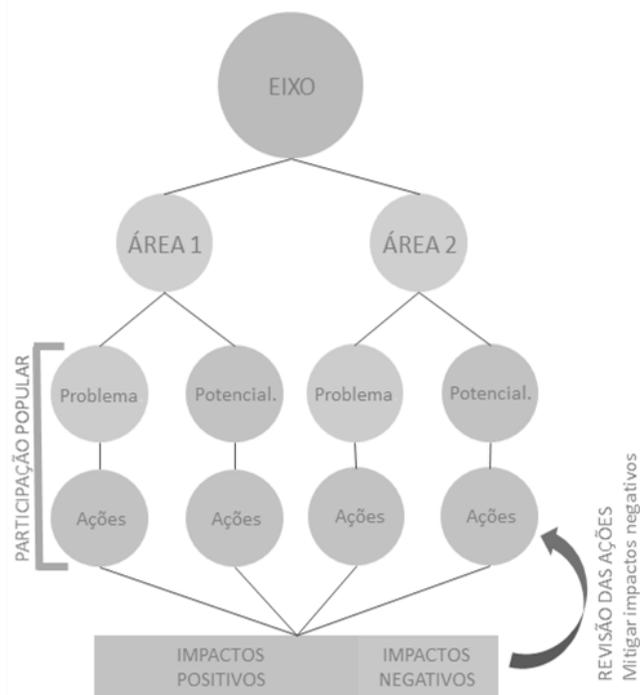
Você se considera a favor de um projeto de Revitalização do Parque Botafogo?

■ Sim ■ Não ■ Talvez

Você pode conferir a pesquisa e seus resultados nos anexos deste trabalho

1.4.5 Diagnóstico e ações

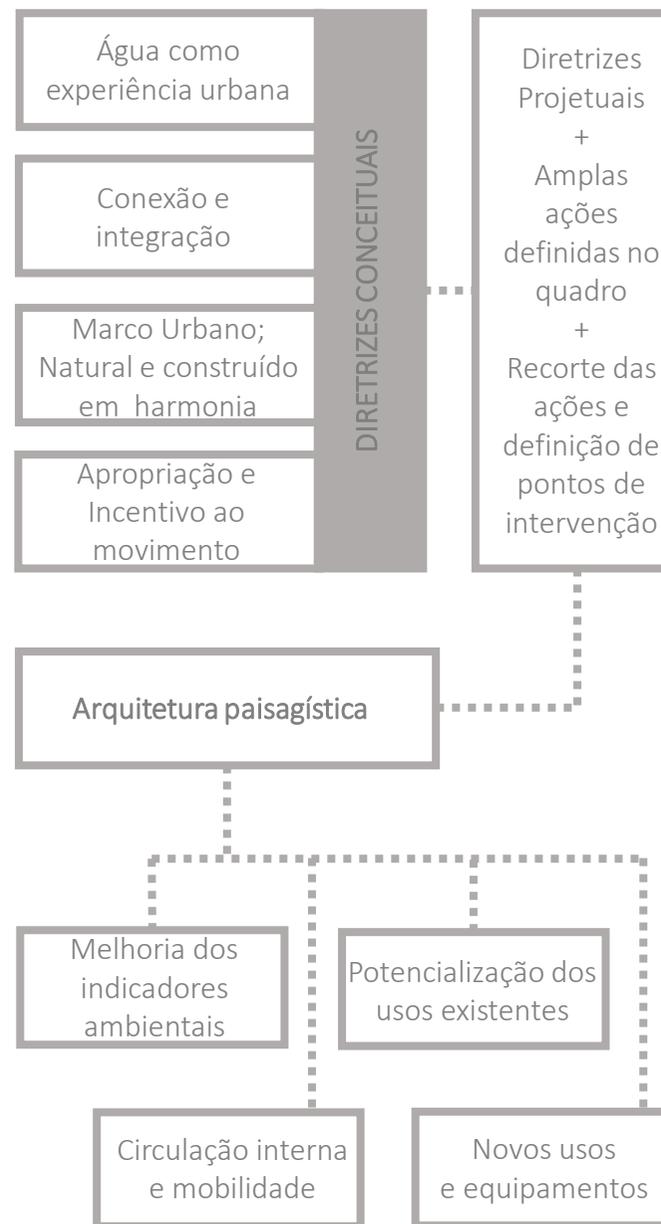
A repertorização teórica, os levantamentos, as pesquisas em jornais e a pesquisa de opinião popular (POP) subsidiam a análise e diagnóstico dos problemas e potencialidades do Parque Botafogo. Esta análise é sintetizada no Quadro de Problemas, Potencialidades e Ações, apresentado mais a frente neste caderno. O seguinte esquema demonstra o processo metodológico usado na

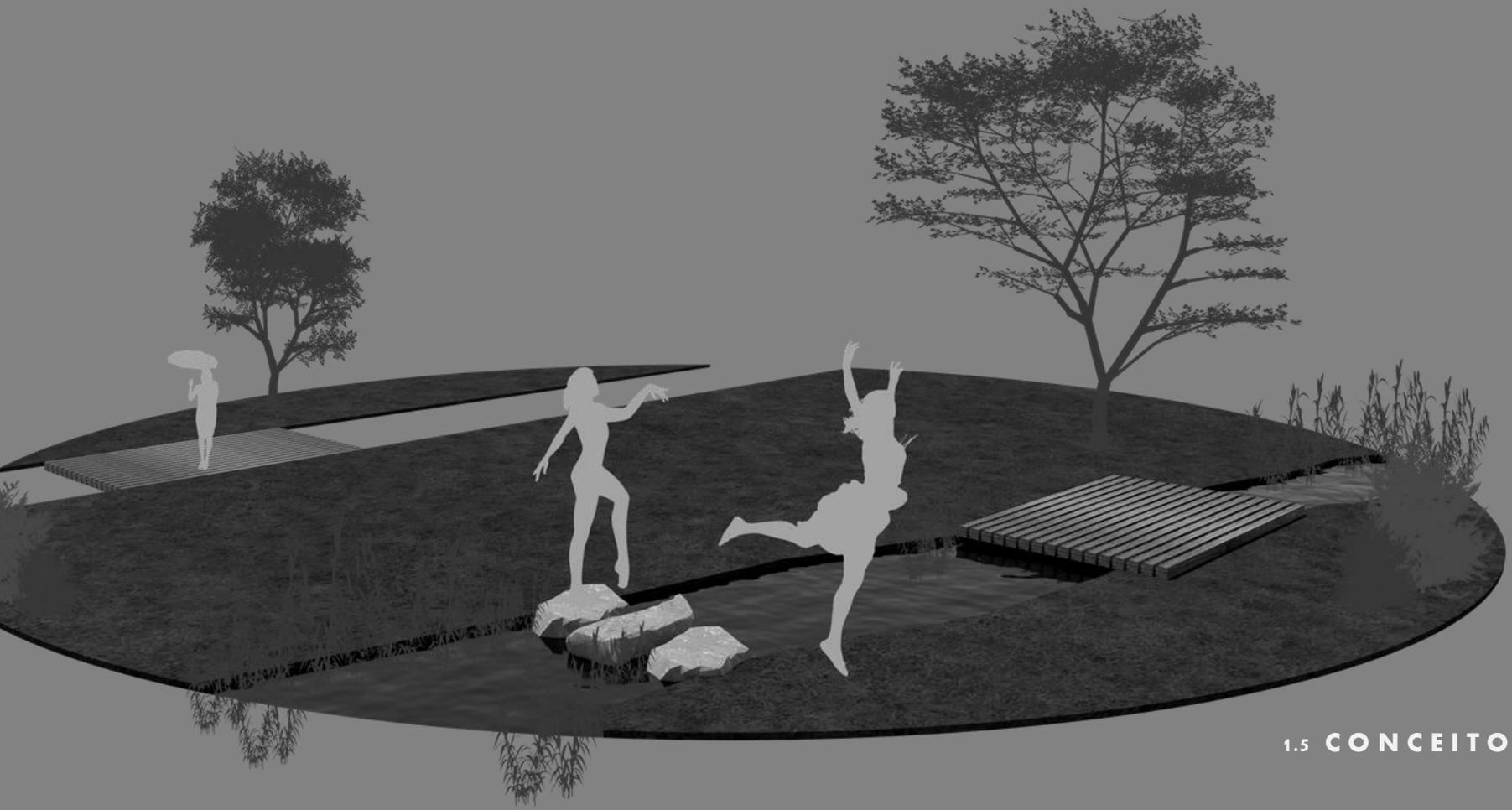
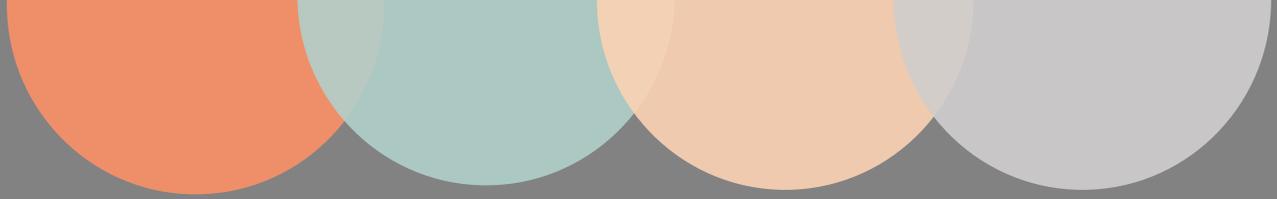


Cada um dos eixos apresentados no item 1.4.3 é desenvolvido no quadro. Das ações indicadas, algumas delas serão desenvolvidas neste projeto de revitalização, outras ficam estabelecidas apenas como diretrizes, para desenvolvimento posterior.

1.4.6 Metodologia de projeto

A partir das quatro diretrizes conceituais são definidas as diretrizes projetuais, as ações e o recorte de ações e pontos de intervenção tratados neste projeto. O Projeto pretende trazer soluções que contemplem os usos existentes e novos usos, bem como soluções de circulação, mobilidade e meio ambiente:





1.5 CONCEITOS IMPORTANTES

Revitalização urbana

A revitalização urbana refere-se a intervenção que visa a qualificação e melhoria do ambiente urbano, das condições sociais e econômicas e na qualidade de vida em certo território (MOURA, 2007).

Moura et al (2007) nos ajudam a entender o processo de revitalização como um acontecimento de médio e longo prazo, visto que agem sobre o território forças constantes de vitalização e desvitalização próprias das dinâmicas urbanas. Assim, a revitalização deve ser uma força que age ao longo do tempo impulsionando o território a uma maior vitalidade urbana.



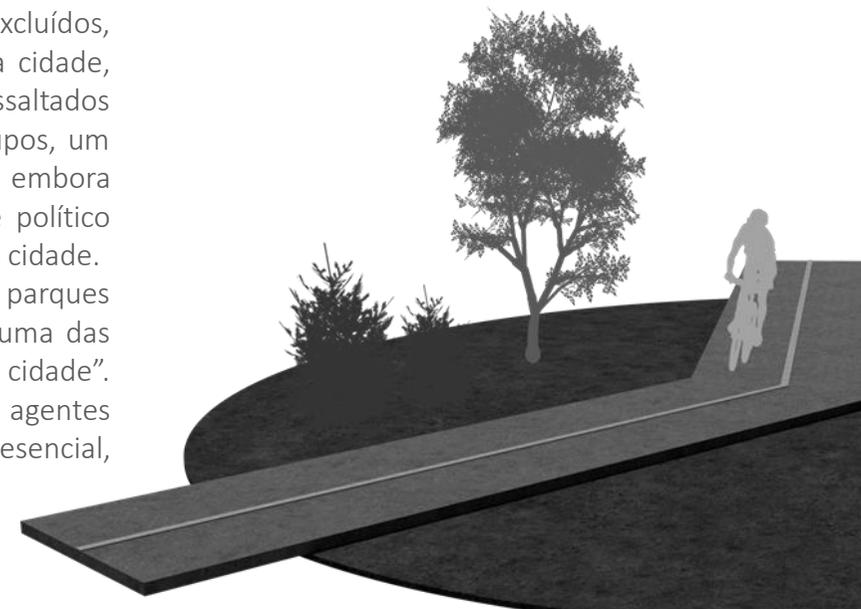
As autoras ainda destacam 5 territorialidades cujo a revitalização comumente é aplicada: centros urbanos e núcleos históricos; expansões periféricas e peri-urbanas; áreas de oportunidade pontual e estratégica; espaços de reserva com potencialidade derivadas; e, espaços de relação e sinergia. Destes, o Parque Botafogo só não se enquadra no segundo.

Espaço urbano e seus agentes

Para entender o que é espaço urbano e os fenômenos que o configuram recorreremos a Roberto Lobato Corrêa em seu livro O espaço urbano (1995). Uma das principais referências no tema, Corrêa elucida com precisão a conformação das cidades brasileiras e suas alterações na contemporaneidade.

Corrêa (1995) encara a cidade como um espaço urbano a ser analisado de diversas formas: por sua morfologia urbana, como um conjunto de pontos, linhas e áreas; pela percepção das pessoas ali presentes; pela conexão entre forma espacial e estrutura social. Entende o espaço urbano como fragmentado e articulado, causa e consequências dos aspectos sociais, simbolicamente definido e um campo de lutas. É a materialização da sociedade, uma de suas dimensões.

Se o espaço urbano é a forma mais aparente da sociedade, os agentes ali presentes fazem e refazem a cidade. São eles: os proprietários dos meios de produção; os proprietários fundiários; os promotores imobiliários; o Estado; os grupos sociais excluídos, dentre outros. A depender da região da cidade, dos aspectos sociais e econômicos sobressaltados no momento e do engajamento dos grupos, um agente pode ter mais ou menos poder, embora àqueles que detém poder econômico e político partidário nitidamente manipulam mais a cidade. Para Raimundo e Sarti (2016), os parques urbanos são, na contemporaneidade, “uma das maiores expressões de luta pelo direito à cidade”. Logo, são campos de atuação desses agentes urbanos, seja de maneira explícita e presencial, seja de forma invisível e especulativa.



Centralização e área central

A área central constitui-se no foco principal da cidade, onde se concentram as principais atividades comerciais, de serviço, da gestão pública e privada e os nodais do transporte (CORREA, 1995). Certamente, estas características fazem os preços da terra ali se elevarem, gerando êxodos para a periferia, tanto de moradores como de comércio, serviços e, principalmente, indústrias.

Como afirmam Vargas e Castilho (2015) “os centros das cidades têm sido identificados como o lugar mais dinâmico da vida urbana, animado pelo fluxo de pessoas, veículos e mercadorias [...] transformando-se no referencial simbólico das cidades”. Há ainda que se destacar que os centros são elegidos como local de implantação de órgãos públicos e entidades religiosas.

Descentralização e núcleos secundários

A partir da metade do século XX os centros históricos/tradicionais passam a não desempenhar o mesmo papel de relevância indicado no item anterior, originando o processos e formas espaciais chamados de descentralização e de núcleos secundários.

Descentralização e os núcleos secundários aparecem, principalmente, pela ação de empresas visando maior dinâmica econômica diante da excessiva centralização da área central. Associa-se ainda ao crescimento da cidade, demográfica e espacialmente. Fábricas passam a atrair outras fábricas, que por sua vez atraem trabalhadores, também atraídos pelo menor custo da terra, que na sequência demandam serviços e produtos com mais fácil acesso.

Importante observar que uma cidade descentralizada e com núcleos secundários pode ser bastante positiva para a vida de seus moradores. Questões de mobilidade, como potencial descongestionamento da área central, economia com o transporte e tempo são alguns das possíveis vantagens da cidade descentralizada e polinucleada. É preciso, no entanto, zelar para que essa descentralização não esteja atrelada a um espraiamento da cidade: apenas uma cidade concentrada pode ser descentralizada sem que isso agrave e gere novos problemas urbanos. Também é necessário que políticas de manutenção do centro histórico/tradicional mantenham a vitalidade e conservação deste quando não for mais a única ou principal centralidade da cidade.

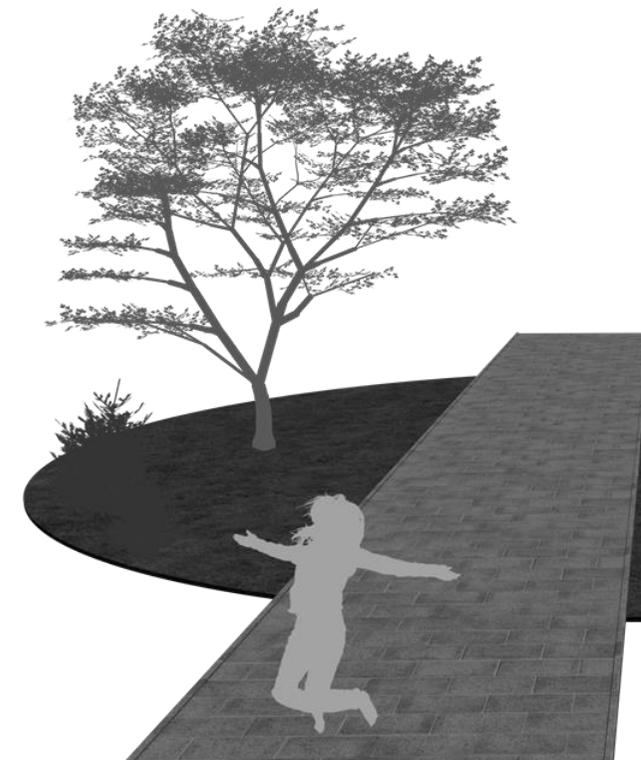
Gentrificação:

Em sua discussão sobre segregação socio-espacial, Evelyn Soares (2016), discutindo os postulados de Villaça (2001), afirma que a “valorização de algumas regiões da cidade, sua ocupação e os diferentes índices de investimentos públicos” condicionam a “concentração de diferentes classes ou camadas sociais em regiões ou bairros da metrópole.

A reflexão anterior nos leva também a discussão sobre gentrificação: o processo de elevação do custo de vida de uma determinada área da cidade, dado principalmente por maiores investimentos e intervenções, que força moradores de determinada classe ou camada social, a migrar para áreas mais baratas, geralmente periféricas e com menor

infraestrutura básica. Este processo agrava a segregação socio-espacial e intensifica desigualdades urbanas.

Os parques urbanos, a exemplo daqueles presentes em Goiânia, tem uma tendência de gerar processos de gentrificação. Muitas vezes já implantados em área de prévio interesse dos especuladores urbanos, ao melhorarem aspectos de qualidade de vida, ambiência e lazer, elevam o preço da terra do entorno, atraem serviços, comércios e habitações de maior padrão econômico e acabam por tornar os custos de permanência dos moradores anteriores insustentáveis. Deve-se, assim, prever mecanismos que amenizem os efeitos da gentrificação e garantam um uso democrático desses espaços e uma ocupação socialmente justa do seu entorno.



Participação popular

É cada vez mais fundamental a participação da cidadania na construção de espaços públicos, do projeto a apropriação. Para Montaner e Dias (2017) “os processos de participação para defini-lo são cada vez mais ineludíveis, dado que geram sentido de pertencimento e de apropriação”. Deduzimos que o próprio sentido dos espaços públicos se fundamenta na participação popular, e se, ao menos na apropriação, isso não acontece, o espaço público não se concretiza plenamente.

Quanto antes a participação popular for considerada no projeto de espaços públicos, sejam eles de concepção ou intervenção, mais chances de efetivamente contribuir para o bem estar social ele terá. Processos participativos devem garantir as considerações de diferentes grupos, especialmente aqueles negligenciados na vida urbana, de modo a conformar um projeto construído coletivamente na direção de um trabalho a partir das reais expectativas e necessidade dos moradores.

Existe respaldo legal que garanta isso: previsto no Estatuto da Cidade – art. 2º, II – estão assegurados processos participativos nas discussões e debates sobre a cidade, “por meio da participação da população e de associações representativas dos vários segmentos da comunidade na formulação, execução e acompanhamento de planos, programas e projetos de desenvolvimento urbano”. Este trabalho já desenvolve, inclusive, pesquisa de opinião pública sobre o Parque Botafogo, no intuito de garantir a consideração da opinião da

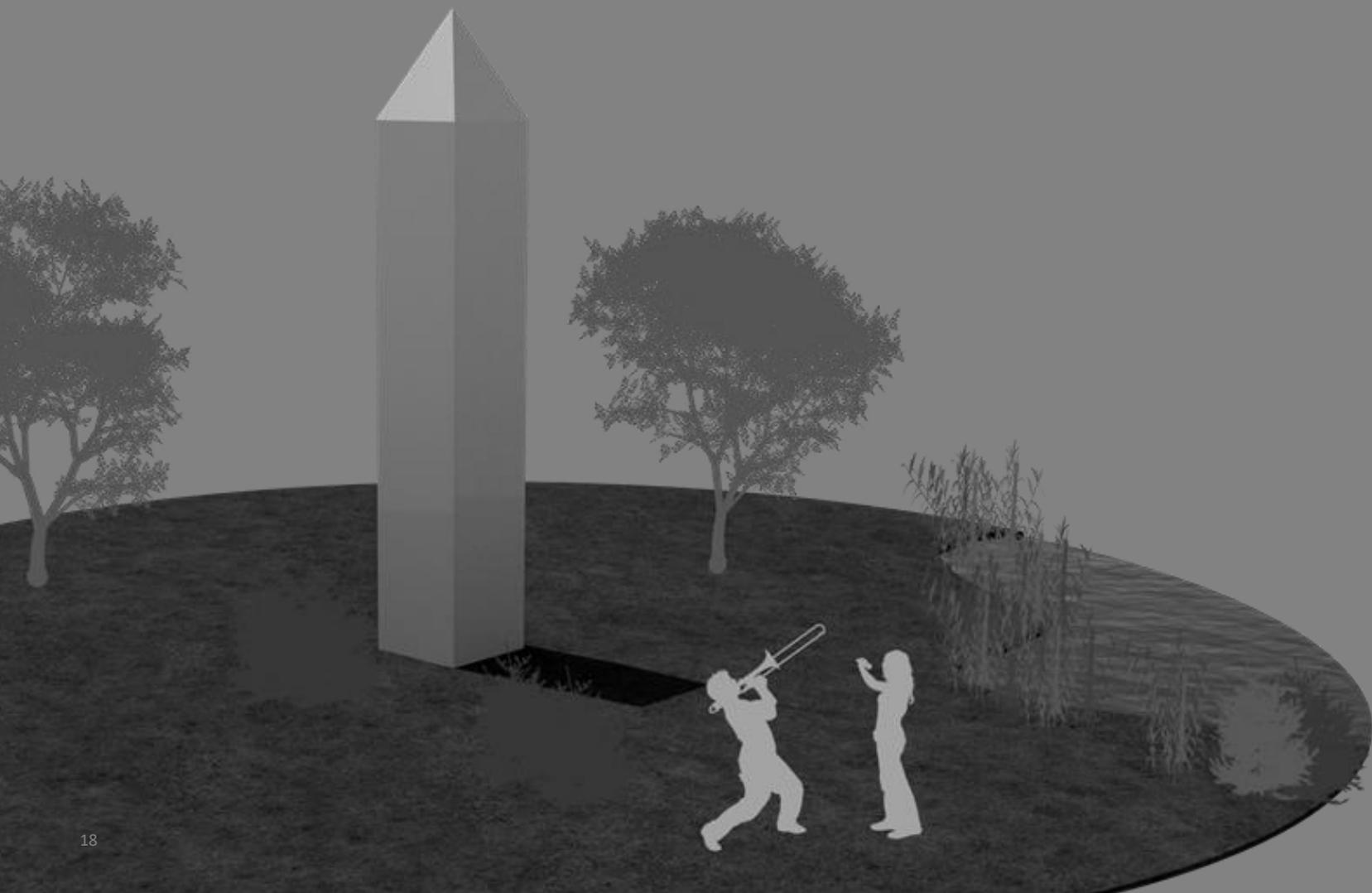
população sobre o tema. Outros processos participativos poderão ser integrados ao longo do trabalho.

Acupuntura urbana

Acupuntura urbana é um método que tem na figura de Jaime Lerner seu principal teórico. O método defende que intervenções pontuais, muitas vezes inicialmente em pequenas escalas, acabam por gerar mudanças significativas em outros pontos ou escalas, pelo despertar do interesse na intervenção inicial. As intervenções locais são como agulhas em uma acupuntura: a somatória delas e sua rede de efeitos resultam em mudanças efetivas na cidade, em um processo de "cura urbana".

Revisões recentes do conceito vem alertando para consideração dos contextos sociais em que a *acupuntura* ocorre e a necessidade de concebê-las dentro de um planejamento integrado. Ações pontuais são válidas desde que em consonância com as macro ações da cidade, zelando pela inclusão e melhoria da população como um todo.





2. ESTUDOS DE CASO

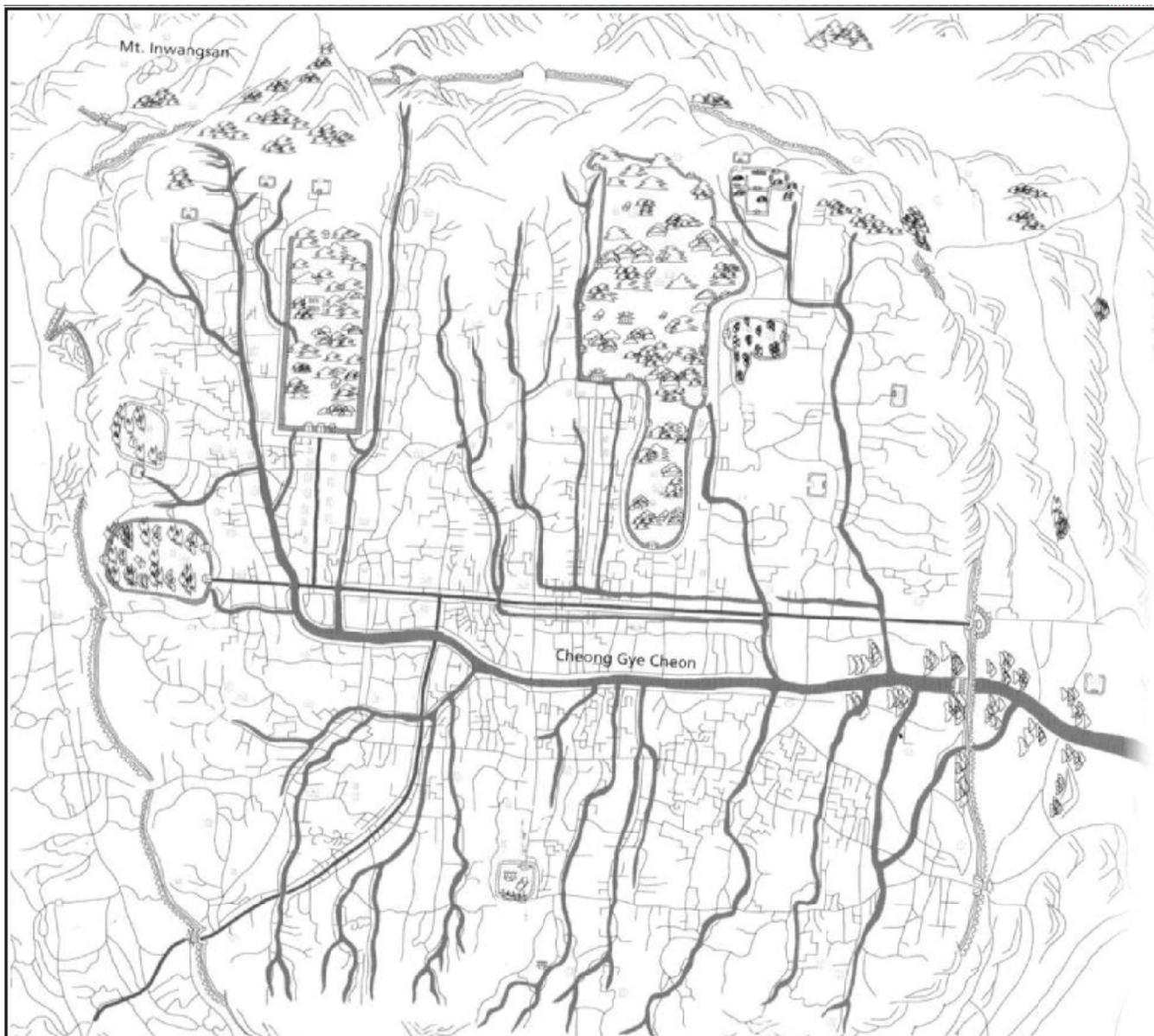
2.1 Recuperação do Riacho Cheonggyecheon – Seul, Coréia do Sul;

Local: Centro de Seul, Coréia do Sul

Data do projeto: 2003

Data da conclusão: 2007

Figura 1 - O Cheong-Gye-Cheon e afluentes ocupando a velha Seul murada. Fonte: REIS, Lucimara Flávio. SILVA, Rodrigo Luiz Medeiros. Decadência e renascimento do Córrego Cheong-Gye em Seul, Coreia do Sul: as circunstâncias socioeconômicas de seu abandono e a motivação política por detrás do projeto de restauração. Revista Brasileira de Gestão Urbana. 2016.



A história de Seul é a história do córrego Cheonggyecheon. A ocupação da região inicia-se em 1394, e o córrego e as montanhas foram critério para a ocupação. Hoje Seul é o centro de uma grande região metropolitana e o Córrego somou inúmeros problemas até sua recuperação. Segundo Reis e Silva (2016) “havia mais de 600 anos que o Córrego Cheong-Gye era usado como natural sistema de drenagem e esgoto, e, conforme a população aumentava, cresciam os inconvenientes ocasionados pelos transbordamentos das águas”. A solução “tecnicamente equivocada” foi o encobrimento do córrego por uma rodovia suspensa, que tinha como objetivo evitar enchentes (daí o “equivocada”) e esconder a poluição.

O projeto de reocupação foi executado por um consórcio formado por três agentes: o Governo Metropolitano, responsável pelo plano básico de atuação operacionalização dos processos; Institutos de Pesquisa, que acompanhavam as questões relativas ao tráfego; e os grupos de cidadãos organizados, que, infelizmente, eram limitados a questões pontuais, ficando o protagonismo do projeto para o Governo.



O Projeto

O córrego Cheonggyecheon corta Seul, capital sul-coreana, e sua recuperação conforma um dos projetos urbanos de maior êxito dos últimos tempos. Além das vias laterais, uma rodovia elevada construída nos anos 60 desvalorizou a área e afastou 40 mil residentes e 80 mil empregos ao longo de uma década (REIS e SILVA, 2016). Em 2003 um passo de coragem foi dado pela administração municipal e a demolição da rodovia e recuperação do canal foi iniciado. O amplo programa considerava ainda questões de mobilidade e drenagem urbana, além do aquecimento econômico da região.

Uma parque linear de 6Km, dos quais 3,6 conformam um continuum de áreas verdes para os moradores e turistas. Um campo de recreação, passeio e descanso:

- Orla e passeios ao longo das margens;
- Áreas para transbordo da água e recuos e aterros de absorção;
- Terraços e calçadas em nível ao longo do curso d'água, com passeios junto ao nível mais baixo;
- Na margem mais alta, foram instaladas separadamente linhas coletoras de esgoto e de águas pluviais;
- Por ser um córrego intermitente e com o intuito de evitar as secas dos períodos de estiagem, a água para curso restaurado é bombeada do Rio Han, purificada e distribuída em quatro pontos ao longo do Córrego;
- Duas vias de cada lado, uma margeando o córrego e outra via de acesso às ruas transversais;
- Ruas de pedestres foram projetadas ao longo das margens, bem como ao longo das calçadas de acesso ao comércio local;
- Pontes de acesso a orla do córrego;
- Entre as pontes existentes, todas mantidas, e as novas, há 22 travessias ao longo do córrego;



Antes e depois. Fonte:Revista Brasileira de Gestão Urbana



Fonte:Archdaily

Construção:

Divisão em três trechos, minimizando a geração repentina de resíduos relativos a demolição da rodovia:

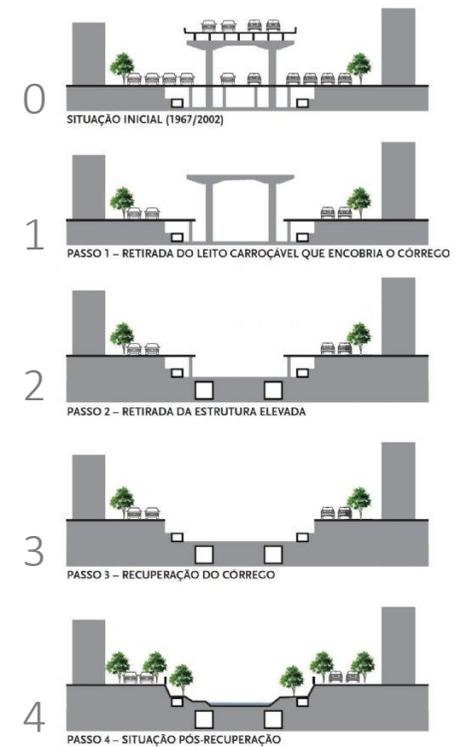
“A demolição da estrutura gerou um total de 680 mil toneladas de lixo, dos quais a totalidade das sobras metálicas e 95% do concreto e do asfalto foram reciclados, em consonância com o plano do governo de defender o projeto como solução ambientalmente correta”

Mobilidade:

A retirada da rodovia sobre o córrego era o ponto mais crítico da intervenção. Os mais críticos não acreditavam em uma alternativa eficiente para o tráfego local. Mas um projeto amplo e integrado considerou diferentes ações, que resultarão em uma significativa melhoria da mobilidade da região.

São elas:

- Investimento na oferta de transporte público;
- Melhoria da malha viária;
- Restrições ao estacionamento de automóveis;
- Conexão com cinco linhas de metrô nas proximidades e 18 linhas de ônibus: crescimento de 15,1% no número de passageiros de ônibus e 3,3% no número de passageiros de metrô.





Considerações

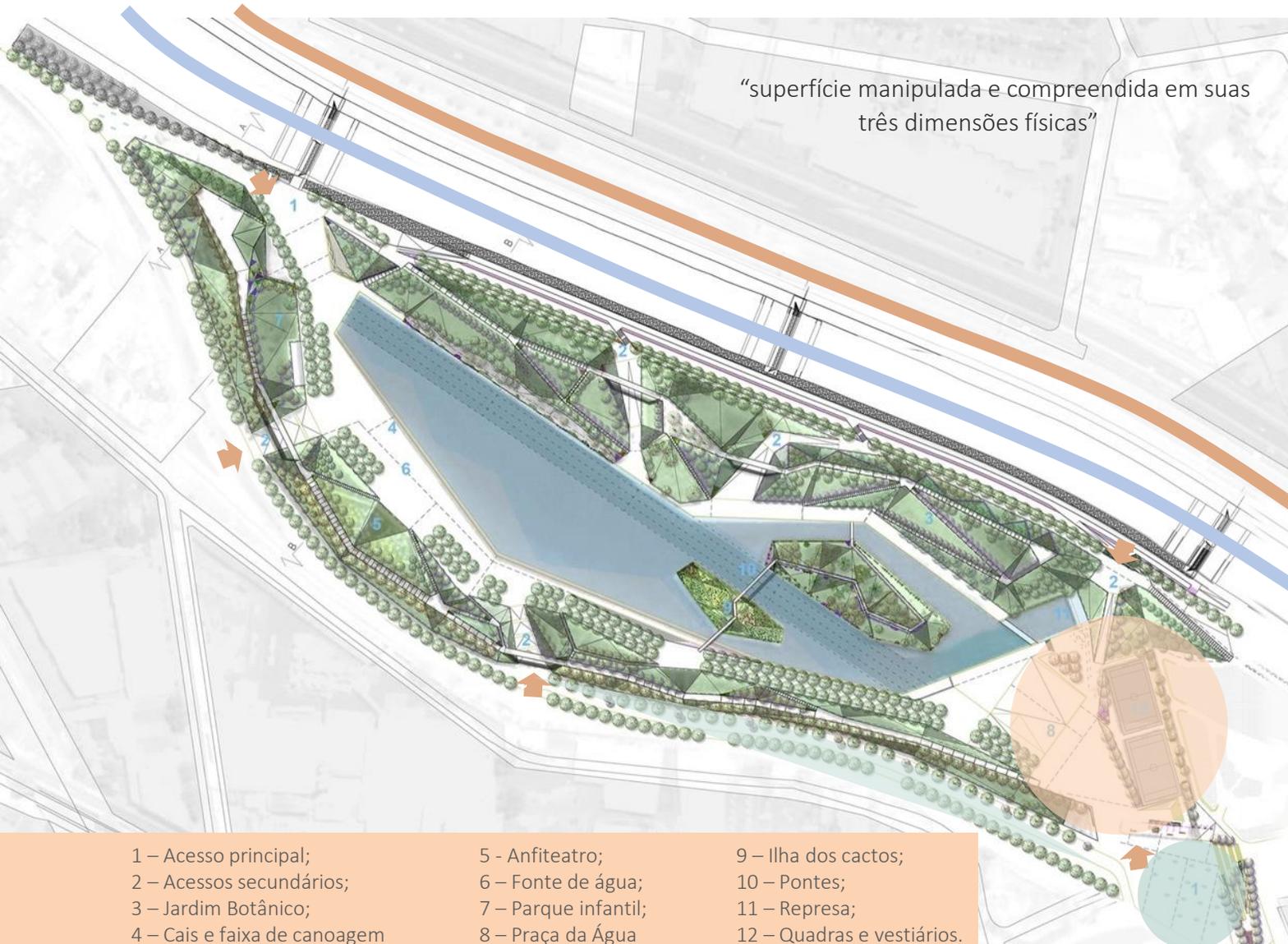
Insistir no modelo de desenvolvimento já ultrapassado baseado no fordismo ou buscar uma abordagem ambientalmente correta para as questões da cidade? Reis e Silva (2016) são assertivos ao definirem essa como a questão central que alçou Seul ao status de Cidade Global.

A recuperação do córrego Cheonggyecheon foi ecologicamente correta e ao mesmo tempo conforma espaços recreativos, de lazer e permanência, e, como resultado de um plano amplo, questões de mobilidade e econômicas também foram impulsionadas.

Impossível não perceber as inúmeras semelhanças do caso com a relação de Goiânia com o córrego Botafogo. Também baseado em um modelo de privilégio do carro e desconsideração dos aspectos ambientais, o córrego Botafogo é canalizado e sufocado pela Marginal Botafogo. Anteriormente, com uma infraestrutura viária ainda mais complexa sobre o Cheonggyecheon, Seul deu exemplo de que a recuperação de um curso d'água em situação semelhante é possível, não só não comprometendo a mobilidade da região, mas, a despeito de um plano integrado, melhorando a circulação em vários níveis.

2.2 Parque da Família - Boza Arquitetos Santiago – Chile

Local: Santiago, Chile
Data do projeto: 2015



- | | | |
|------------------------------|----------------------|----------------------------|
| 1 – Acesso principal; | 5 - Anfiteatro; | 9 – Ilha dos cactos; |
| 2 – Acessos secundários; | 6 – Fonte de água; | 10 – Pontes; |
| 3 – Jardim Botânico; | 7 – Parque infantil; | 11 – Represa; |
| 4 – Cais e faixa de canoagem | 8 – Praça da Água | 12 – Quadras e vestiários. |



REVITALIZAÇÃO



PAISAGEM



ÁGUA COMO
EXPERIÊNCIA
URBANA



CONECTIVIDADE

-  Rio Mapocho;
-  Rodovia;
-  Esportes;
-  Estacionamento
-  Acessos
-  Água como experiência

2.3 Olympic Sculpture Park Weiss/Manfredi

Nome: Olympic Sculpture Park

Arquitetos: Weiss/Manfredi

Local: Seattle, Washington, Estados Unidos

Data do projeto: 2001

Data da Inauguração: 01/2007

Pavilhão de exposições: 1600m²



Antes e depois. Fonte: Archdaily

Problemas:

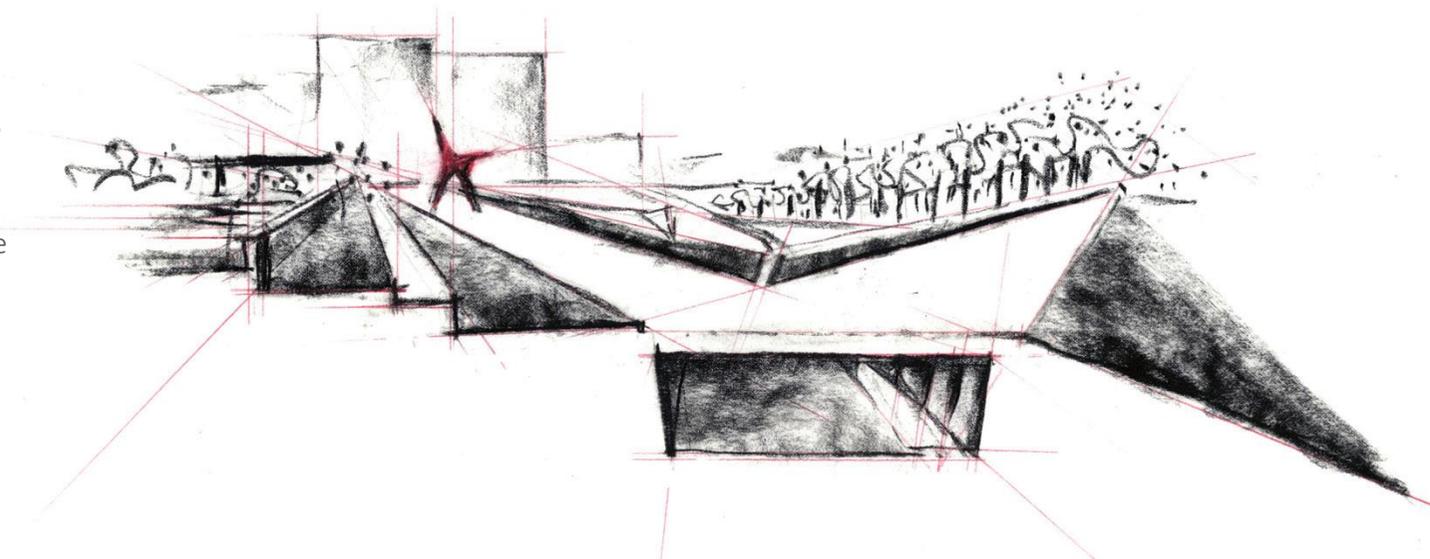
- Contaminação do solo e da água; Despoluir mais de 120.000 toneladas de solo do terreno industrial;
- Infraestrutura de transporte (uma linha férrea de 3 faixas e uma avenida) separando cidade e costa;
- Diferença de nível de 12 metros entre a rua principal e a costa;
- A borda costeira abandonada e fragmentada.

“Este projeto, além de revitalizar uma área industrial, é uma referência paradigmática de como criar espaços públicos que se relacionam com as infraestruturas de transportes [...] hoje em dia conectar áreas que foram outrora divididas por rodovias ou ferrovias é um problema bastante presente nas grandes cidades...”

Equipe do projeto

Lugar e entorno

O Parque foi implantado na parte costeira do centro de Seattle, Washington, Estados Unidos. Com uma vista privilegiada do mar, o Parque é emoldurado pela vista da cidade. . Tratava-se do último trecho da parte costeira da cidade ainda era considerado “sem desenvolvimento”, conforme os arquitetos do projeto definem. A área pertencia a petrolífera Unocal, que até os anos 70 explorou a região. A equipe do projeto relata a alta contaminação industrial deixada pela companhia, o que reforçava a necessidade de uma intervenção.





"o projeto cria uma paisagem construída contínua para a arte, forma uma plataforma verde ininterrupta em forma de "Z", descendo 12 metros desde a cidade até a água, aproveitando as vistas do skyline e de Elliot Bay e alçando-se sobre a infraestrutura existente para reconectar a área urbana com a orla revitalizada."

Equipe do projeto

Implantação

O projeto assimila o terreno natural enquanto partido. A grande diferença de nível (12 metros), um problema, a princípio, somada ao design em "Z", com inclinações suaves, possibilita a travessia das linhas férreas e avenidas de forma suave e segura. Conforma, também, espaço de permanência e de exposições, com visuais interessantes do mar e da cidade.

A parte costeira do Parque, antes subutilizada e em estado de abandono assume um novo desenho, agora integrada ao Parque por um acesso livre. A orla agora é contínua, sem fragmentações. Importante notar que, conectada ao Parque, a orla está integrada a cidade, dado o caráter acessível do equipamento.

Pelo lado da cidade, o parque recebe os visitantes com um pavilhão de exposições de 1.600m². A planta é relativamente simples, há um estacionamento no subsolo, que atende também um enxuto programa de serviços, e o uma planta livre para as exposições no pavimento térreo.



“...o ideal é planejar estrategicamente o traçado dessas infraestruturas de transportes. Não obstante, no caso desse planejamento não ter sido feito, devemos ter ferramentas para resolver, em parte, a acessibilidade e a conectividade interrompida.”

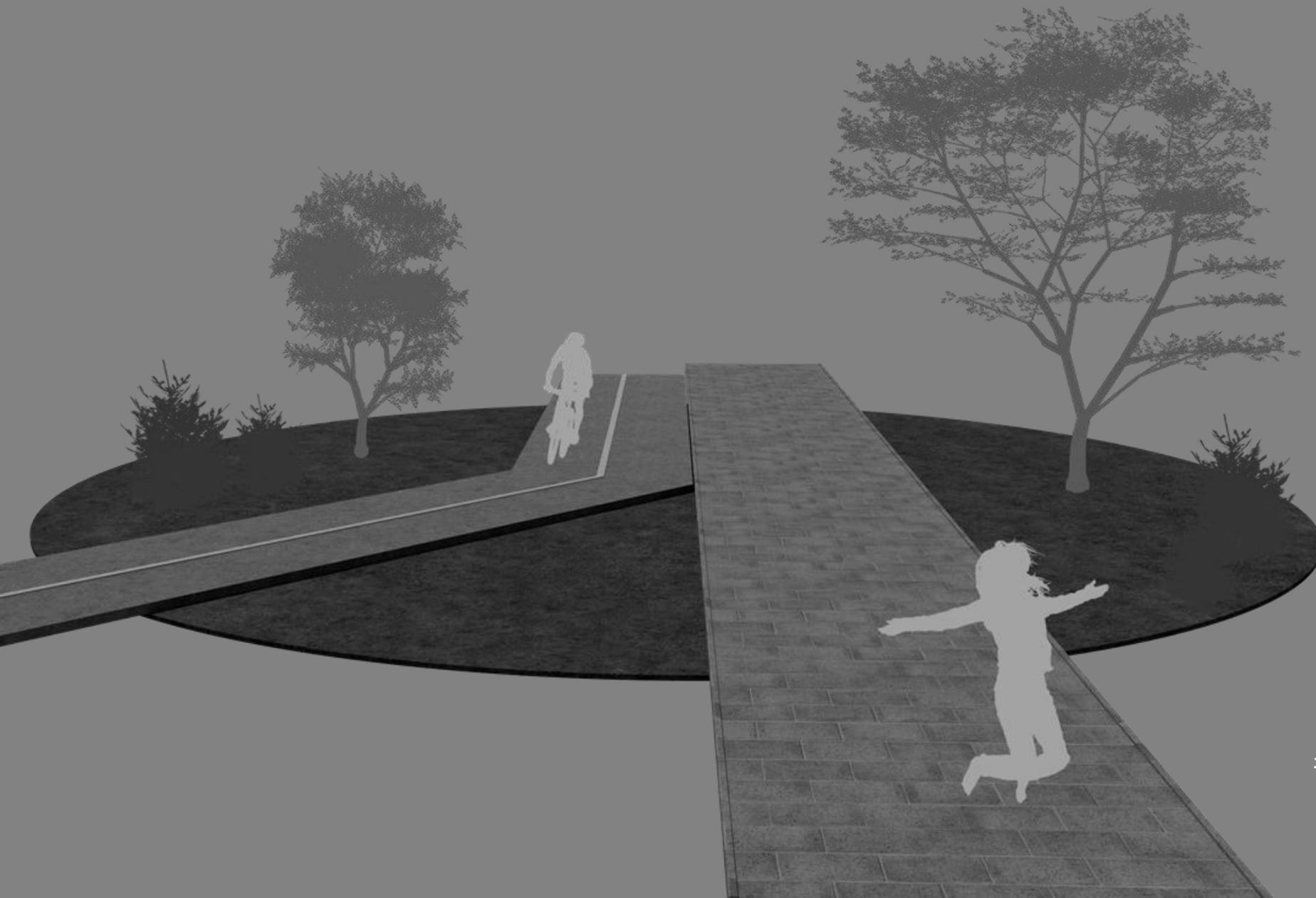
Equipe do Projeto

Considerações

Como a própria equipe do projeto descreve, o projeto é um exemplo paradigmático no tratamento de infraestruturas de transporte que comprometem espaços públicos a ponto de quase anular as relações e experiências sociais de determinado local. Sem remover as linhas férreas e a avenida, o projeto consegue integrar Parque, orla e cidade, criando espaços de estar e circulação de pedestre, além de conformar mais uma opção cultural.

Embora em contextos distintos, as semelhanças com o Parque Botafogo são muitas. A Marginal Botafogo e Av. Araguaia fragmentam o Parque e comprometem os aspectos ambientais, especialmente o córrego Botafogo. O Olympic Sculpture Park mostra como uma conexão entre as partes, pensada pelo ponto de vista do pedestre, assimilando também espaços de estar e recuperação ambiental, tem a capacidade de conformar espaços públicos que efetivamente contribuam para o bem estar nos centros urbanos.





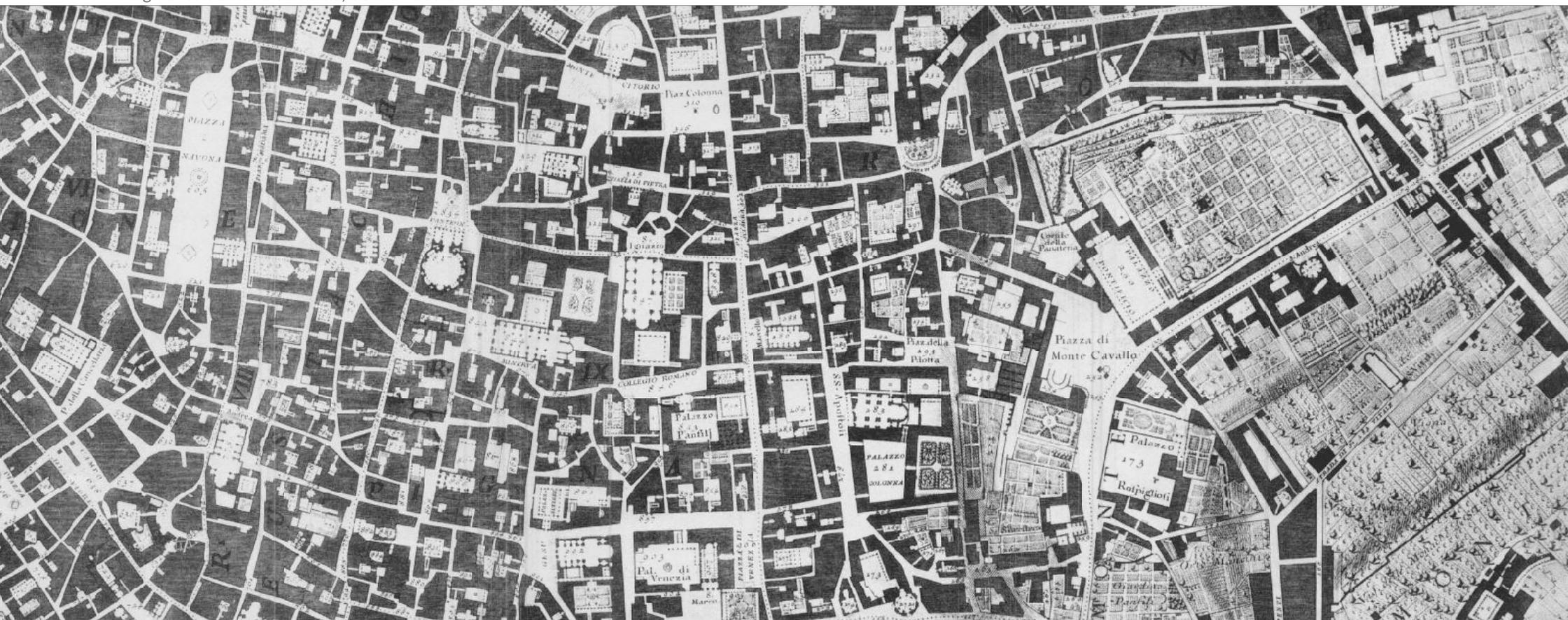
3.1 Parques Urbanos

O caráter público dos espaços urbanos sempre teve grande destaque: da Ágora grega aos pátios das cidades italianas no Renascimento, das igrejas Barrocas aos setores de lazer e de circulação da cidade modernista. No famoso plano de Roma, de Giambattista Nolli, realizado em 1748, observamos que os espaços privados aparecem em negro e sem cor aqueles que ele considerou espaço público (MONTANER, 2017). Mas, a partir do trabalho de Nolli, para Martín de Peco (2012), podemos considerar as cidades contemporâneas com uma ampla paleta de cinza, “entre o totalmente público e o totalmente privado”. Nesse sentido, os parques públicos

ainda seriam representados sem cor, confirmando-os como um espaço público por excelência.

Para Raimundo e Sarti (2016), os parques urbanos mudaram radicalmente seu papel nos últimos 150 anos: deixaram de ser espaços de “controle social das massas de trabalhadores no início da revolução industrial” para serem “locais que presentemente são uma das maiores expressões de luta pelo direito à cidade e às práticas de lazer e turismo”. Os autores ainda acrescentam a importância dos parques urbanos nos “serviços ecossistêmicos”, destacando a relevância ambiental destes.

Fragmento do Plano de Roma, de Giambattista Nolli - 1748



Parques Urbanos

Alguns marcos históricos

A partir do momento que parques se tornam “marcos urbanos”

O termo 'jardim público' foi cunhado quando os guias de viajantes e os tratados começaram a utiliza-lo para indicar alguns jardins urbanos particulares, destinado a um uso relativamente coletivo. O jardim público provinha de uma amálgama entre espaços verdes e construção urbana... (PANZINI, 2013, p. 475).

XIX

Na sociedade industrial, foi concebido para cumprir uma função utilitarista do lazer ao enfatizar a revigoração da força de trabalho por meio da recreação.

1840 - Hausmann

“Argumentos a favor do saneamento das cidades atingem seu ápice, com as reformas urbanas implantadas na gestão do Prefeito Hausmann, pós 1840”, em Paris, inspirando intervenções ao redor do mundo pelas décadas seguintes.

Apesar orquestrado a favor das elites, parques urbanos nas periferias foram implantados.

Higienismo: parques começam a ser vistos e projetados como objetos urbanos aos quais se associava a salubridade do ambiente.

XX primeira metade

1943 - Carta de Atenas

“urbanismo de hoje tem em consideração as condições de habitação, de trabalho, de repouso e de circulação” (LE CORBUSIER, 1977, p. 41).

Pós II Guerra Mundial: “os parques e áreas livres [...] assumem um caráter de resistência no confronto de percepções da vida urbana e, embora não libertos dos pressupostos higienistas, procuram responder à diversidade cultural, paisagística e ambiental.”

[...] nunca o projeto higienista conseguirá esvaziar totalmente a rua das práticas e da presença popular. Por mais funcionais, por mais que se especializem, os espaços públicos são eternamente reinvidados, repossuídos, reinventados, por aqueles que dele fazem o jogo da vida (PECHMAN, 1994, p. 33).

segunda metade XX e XXI

Segunda metade do século XX:

“[...] cobertura vegetal da cidade como um componente da qualidade de vida”

“Adjetivos para cidades como sustentável, ecológica, entre outras, a partir de 1970 passam a ser evidenciadas e os parques urbanos ressignificados”

1992 – Plano Barcelona 2000

Século XXI: os Parques “começam a ser pensados como pontos de encontro, onde a interculturalidade pode se expressar. Mas não é uma tarefa nem simples nem “dada”, mas conquistada cotidianamente”

“Ligados aos ideais de conservação da natureza e de direito ao lazer e à cidade os parques urbanos são entendidos presentemente em sua materialidade e em seu simbolismo.”

Como observado e Raimundo e Sarti (2016) nos ajudam a entender, os parques urbanos “passaram de elementos para o desfruto das elites e de controle social das camadas populares” para um local de efervescência social, onde significados são construídos e experiências válidas são vividas. Essa transformação dos parques urbanos tiveram uma constante na história recente: locais de conservação e/ou reverenciação da natureza. Os processos de industrialização e urbanização determinaram a carência humana em relação a um meio natural, cabendo muitas vezes aos parques a possibilidade de integração com a natureza e, assim, a “oportunidade para um autoconhecimento”.

Nos aspectos ambientais os parques se provam igualmente importantes: preservação de nascentes e cursos d’água, conforto ambiental, qualidade do ar e uma ambiência urbana mais adequada, dentre outros aspectos. Apesar da inquestionável importância, um maior número de parques, uma melhor manutenção destes e uma conectividade destes por “fundos de vale e demais áreas livres, fazendo valer a ideia de floresta urbana”, são uma demanda, em diferentes níveis, de todas as cidades.

Serpa (2011) reforça o quão fundamentais são estes equipamentos para as cidades. Para ele, parques urbanos são fundamentais para “[...] transformar a imagem dos bairros do entorno, embelezar a cidade, oferecer lugares de entretenimento e diversão à população e etc”.

3.2 Contexto histórico: Goiânia e seus parques

Foi o Interventor Federal, o Dr. Pedro Ludovico Teixeira, que veio tornar realidade a já tão abordada mudança da capital do Estado de Goiás, ou seja, da Cidade de Goiás para o que viria a ser a cidade de Goiânia, para atender as necessidades e interesses econômicos, ambientais e sociais do período.

O urbanista responsável pelo projeto da cidade foi Atílio Corrêa Lima, que, recém-chegado depois de estudar na França, trouxe os conceitos urbanísticos vigentes no país europeu. O desenho radiocêntrico do plano original da capital é uma clara referência a aplicação destes conceitos. No seu plano urbanístico constavam o Setor Central, destinado a administração pública, comércio e serviços, admitindo também residências de funcionários públicos e trabalhadores do comércio, além do setor Norte Ferroviário e Campinas (cidade pré-existente que acabou por conformar um bairro da nova capital).

No plano original, entregue em 1935, observa-se que a concepção da cidade considerava os aspectos topográficos e hidrográficos, além de propor um zoneamento da cidade e um tráfego racional: estes últimos bastante característicos das concepções urbanas já influenciadas pelo movimento moderno. Chama atenção a preocupação e as propostas no âmbito ambiental, característica interessante do trabalho de Corrêa.



Figura 1: Esboço de zoneamento de Goiânia de Atílio Corrêa Lima, de 1932. Neste esboço vemos a **indicação do Córrego Botafogo (1) e do Parque Botafogo (2)** representado pela mancha verde, se estendendo até sudeste da cidade, indicando o cinturão verde objetivado pelo urbanista. Fonte: Diniz (2017).

Na vanguarda das questões ambientais, Corrêa Lima adota critérios para a nova cidade comparáveis as discussões atuais sobre cidade e preservação. Segundo Livia Sousa Pereira (2011):

Corrêa Lima tomou por empréstimo os efeitos da integração dos recursos da flora nativa, então existentes, para realçar os valores arquitetônicos da composição dos edifícios públicos interligados por passarelas no núcleo central, mantendo-as intactas: o Bosque do Capão dos Buritis, na extremidade da Rua 26, e o Bosque do Botafogo, no final da Avenida Araguaia; as matas ciliares ao longo dos Córregos Botafogo e Capim Puba, foram acrescidas de faixas ajardinadas (park-ways) com uma largura de 50 metros a partir da ZPA de um e outro lado dos córregos.

O plano ainda indicava de “[...] 50 a 30% de área de infiltração, nas partes ajardinadas, gramadas ou cobertas com camadas de cascalinho [...]” (MONTEIRO, apud Diniz, p.122, 2007), em um exemplo da “vanguarda” de Corrêa na preocupação com o escoamento das águas pluviais, especialmente nos períodos chuvosos. Nesse mesmo sentido, era proposto a implantação de grandes parque lineares, demonstrando mais uma vez como o urbanista já considerava questões de preservação das matas ciliares dos córregos da região: Botafogo, Capim-puba e Buritis.

Do cinturão verde proposto (figura 2), grandes áreas foram ocupadas e descaracterizadas. O Parque Botafogo (figura 2, item 10), além da perda de áreas, foi seccionado por vias urbanas, com destaque para a Marginal Botafogo, flagrante agressão ao córrego de mesmo nome.



Figura : Projeto de Goiânia, de Atílio Corrêa Lima (1932-1935). Fonte: Goiânia, uma utopia europeia no Brasil. DAHER, Tânia. Intervenções sobre a imagem: PEREIRA, Livia.

Naturalmente, o Setor Central de Goiânia, como plano original, teve desde a idealização fundamental importância, sendo por muito tempo o núcleo exclusivo das atividades públicas, comerciais e de serviços. Porém, há exemplo de outras cidades modernas, Goiânia passa pelo processo de metropolização (ARAÚJO, ALMEIDA,

2007) caracterizado por problemáticas urbanas que vão desde novas centralidades na cidade, que Vargas e Castilho (2015) chamam de subcentros, passando por problemas de segurança pública, transporte e marcadas desigualdades sociais (ARAÚJO, ALMEIDA, 2007), tudo isso marcando profundamente a produção espacial



3.3 Contexto sócio-econômico

A partir da metade do século XX os centros históricos/tradicionais passam a não desempenhar o mesmo papel de relevância, originando novos processos e formas espaciais como a descentralização e os núcleos secundários (CORRÊA, 1995). Os resultados disto são processos de degradação e subutilização dos centros urbanos históricos/tradicionais. Goiânia passou por este processo e o Parque Botafogo, enquanto equipamento do Centro, refletiu os variados problemas decorrentes: problemas de segurança pública, contra-usos, problemas ambientais e de infraestruturas, subutilização, dentre outros.

O centro histórico/tradicional de Goiânia, apesar de significativa diferença em sua relevância social e econômica em relação ao seu passado, devido ao processos elucidados por Corrêa (1995), ainda conforma importante espaço social e econômico da cidade de Goiânia. Com áreas especializadas e relativa variedade de comércio e serviço, o centro continua sendo a opção de várias camadas da população na busca por produtos e consumo de serviços. A relativa perda do uso habitacional traduz o êxodo para outras centralidades: incentivar o Centro como uma opção de moradia é fundamental no seu fortalecimento enquanto área qualificada e bem abastecida da cidade.

Os parques também têm grande capacidade de influenciar o uso e ocupação de seu entorno bem como ser influenciado por ele. Há uma tendência de adensamento quando parques são inaugurados ou requalificados. **Deve-se, no entanto, prever mecanismos que amenizem os efeitos da gentrificação e garantam um uso democrático desses espaços e uma ocupação socialmente justa do seu entorno.**

3.4 Contexto Ambiental

O córrego Botafogo corta parte da cidade de Goiânia no sentido sul-norte da cidade. É margeado pela Marginal Botafogo, cujo a implantação significou a canalização do córrego e o comprometimento integral de seu curso e da conformação topográfica local. Com o passar dos anos, além da canalização do córrego, Goiânia foi se adensando e, conseqüentemente, as áreas impermeáveis crescendo e áreas verdes sendo suprimidas em função de ocupações pouco ou nada planejadas. O resultado disso é a sobrecarga de vários dos cursos d'água da capital durante os períodos chuvosos, incluindo o córrego Botafogo.

Notícias de acidentes, deslizamentos e comprometimento das infraestruturas lindeiras ao córrego Botafogo são recorrentes. Vários trechos da Marginal Botafogo são constantemente interditados para prevenir ou corrigir problemas decorrentes.

Sendo uma via de trânsito rápido, que interliga importantes bairros e regiões da cidade, inclusive o Centro, a Marginal Botafogo se tornou muito importante para a mobilidade na cidade de Goiânia. Isso faz haver uma divergência entre os posicionamentos dos agentes da cidade sobre como intervir na via.

Dentre aqueles mais atentos as questões ambientais, há os que chegam a defender a retirada da Marginal Botafogo e o retorno as características naturais do córrego e seu entorno. Do outro lado, há quem reconheça que não há alternativa viável para o escoamento do trânsito que hoje margeia o córrego, bem como a alta ocupação na maior parte de seu curso.

Muito atrás de propostas que visem solucionar a questão, a última gestão municipal prolongou a marginal ao longo de um trecho até então não canalizado do córrego. Além de não resolver o problema, literalmente, o aumentou.

O córrego Botafogo está diretamente ligado com a história de Goiânia. Como já dito, nos primeiros croquis do urbanista Atílio Corrêa Lima para a cidade, o córrego aparece compondo o cinturão verde que o plano original contemplava para a cidade. Pelo exposto, já sabemos que esse cinturão nunca foi totalmente implantado, e, ao contrário, o córrego foi profundamente comprometido.

O comprometimento ambiental do córrego Botafogo é uma realidade, atestada sistematicamente pelas enchentes nos períodos chuvosos, que afetam a segurança, as infraestruturas lindeiras e a paisagem da cidade. Ainda, o grau de consolidação da cidade e suas infraestruturas ao longo do córrego é inquestionável. **Este cenário exige pesquisas que direcionem soluções sistemáticas, não só para drenagem urbana, mas também de sustentabilidade urbana, melhoria da paisagem urbana, mobilidade e afins.**

Imagens do G1 mostrando as infraestruturas de drenagem e mobilidade da Marginal Botafogo e Av. Araguaia comprometidas pelas cheias do Córrego Botafogo. A segunda imagem mostra as águas do Córrego quase alcançando o viaduto da Av. Independência, demonstrando que o canal é, por vezes, insuficiente.

Trecho da Marginal Botafogo desaba durante chuva em Goiânia

Local foi interditado e ninguém se feriu por causa do acidente. Ruas, casas e até o Hospital das Clínicas alagaram por causa do temporal.

Por Vanessa Martins, G1 GO
14/12/2017 21h25 - Atualizado há 3 anos

Goiânia

Após fortes chuvas, Marginal Botafogo tem novos trechos de interdição

sexta-feira 06 abril 2018 8:36 Por Larissa Quixabeira Edição 2229

Com temporal da última quinta-feira (5/4), córrego transbordou e a via ficou totalmente inundada nos dois sentidos

30/10/2016 20h45 - Atualizado em 30/10/2016 21h09

Chuva forte arranca asfalto de trecho da Marginal Botafogo, em Goiânia

Via está interditada na altura do viaduto da Avenida Independência, diz SMT. Quedas de árvores também bloquearam, pelo menos, três pontos da capital.





4. PARQUE BOTAFOGO



4.1 História

Um dos mais significativos parques da cidade de Goiânia, o Parque Botafogo, como já dito, está previsto já no plano original do urbanista Atílio Corrêa Lima, idealizador da cidade. É flagrante, no entanto, como, apesar de um valioso patrimônio histórico e natural, o Parque vem sendo mutilado e seccionado ao longo dos anos, por consecutivas gestões do estado e do município.

Originalmente proposto como parte do “cinturão” verde que envolveria Goiânia, o Parque perdeu a maior parte de sua área. Da área original constituída de 54 hectares ou 540.000 m², resta apenas a área de 187.654 m², em decorrência dos desmembramentos sofridos que se estimam em 352.346 m², dispersos nas áreas seguintes: Parque Mutirama, Marginal Botafogo, prolongamento da Avenida Araguaia, Estrada de Ferro, Planetário, quadras dos setores Vila Nova, Nova Vila e Ferroviários (PEREIRA, 2011). Além da substancial redução de área, a implantação do Parque Mutirama e das vias Avenida Araguaia e Marginal Botafogo fracionam o Parque e fragmentam profundamente sua paisagem, interferindo em seus usos, no tratamento das questões ambientais e na relação dos moradores da cidade com ele.

- Área verde (invadida)
- Área verde (atual)
- Nome das quadras em área invadida
- Av. Araguaia
- Marginal Botafogo
- 1 Parque Mutirama



Fonte: Intervenção do autor sobre mapa de PEREIRA, Livia. Bosque Botafogo como apropriação de patrimônio natural.

Plano de Goiânia
Cinturão Verde

Prolongamento da
Av. Araguaia

Parque Mutirama
98.800m²

Marginal
Botafogo

Reforma do Mutirama
e Trincheira da Av. Araguaia

Proposta
de revitalização

1930

1960

1969

1991

2011

2021

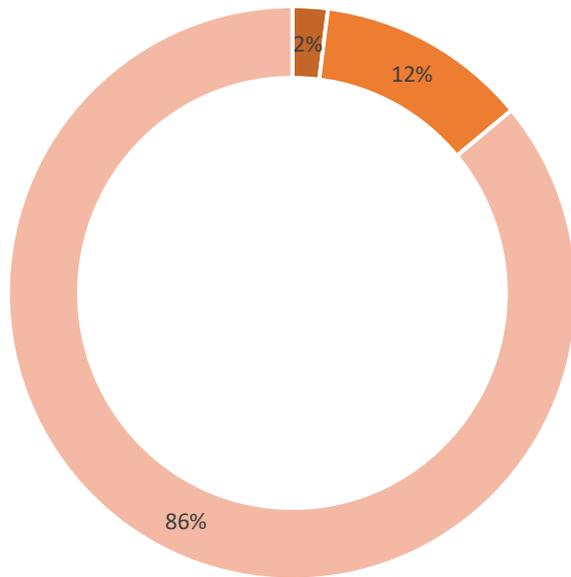
4.2 Situação atual e relações urbanas

Localizado a nordeste do plano original de Goiânia, o Parque hoje divide o Bairro Central e o Setor Vila Nova. Delimitado ao norte pela Av. Independência, é cortado pela Marginal Botafogo e Avenida Araguaia, além da proximidade com as avenidas Leste-Oeste, Anhanguera, Goiás e Paranaíba, todas importantes vias da cidade.

O Parque Botafogo conforma um referencial para Goiânia, sua relevância e simbolismo permanecem no imaginário dos moradores. No entanto, a pesquisa (POP) realizada neste trabalho vem confirmando a suspeita daqueles que conhecem o local: ele não

tem sido uma opção de lazer e outras atividades para a maior parte da população.

Atualmente o Parque sofre com o abandono e a degradação de suas infraestruturas, o que pode justificar apenas 14% dos entrevistados frequentarem o Parque. Destes, apenas 2% o utilizam com frequência. Reportagens do site G1 de 2014 e 2019 apresentam queixas dos moradores sobre as infraestruturas precárias, a falta de segurança e a dificuldade de acesso tanto ao Parque, como entre suas diferentes partes.



Você frequenta o Parque Botafogo e o utiliza como uma opção de lazer ou local de prática de atividade física?

■ Sim, com frequência ■ Sim, raramente ■ Não

Relevância inquestionável:

Na mesma medida, relatos sobre a relevância do Parque no passado não faltam por parte daqueles que o vivenciaram em outros momentos da cidade. Local de encontro, de fim de tardes, de debates e manifestações, o Parque era e é cheio de experiências que lhe atribuem sentido e validam sua existência.

Nos aspectos ambientais, o Parque conforma, apesar da redução de área comentada no item 4.1, uma importante área verde da cidade, contribuindo em aspectos de conforto ambiental, drenagem urbana, qualidade do ar e de uma ambiência mais interessante para a região. Potencialidades a serem exploradas como um atrativo para um uso mais efetivo dele.

Destacam-se no interior do Parque algumas infraestruturas e elementos naturais: o Córrego Botafogo, canalizado para viabilizar a Marginal Botafogo, representa um dos principais problemas ambientais da cidade; o Parque Mutirama, inaugurado em 1969 como uma opção de lazer e, após diferentes intervenções, o abandono e falta de manutenção resultou no fechamento em 2017, reativado recentemente; e o Planetário, o mais antigo do país, com funcionamento ininterrupto, hoje sobre administração da Universidade Federal de Goiás.



04/11/2014 13h57 - Atualizado em 04/11/2014 13h57

Moradores denunciam abandono do Parque Botafogo, em Goiânia

Frequentadores se queixam de falta de revitalização e insegurança no local. Prefeitura afirma que obra de teleférico inacabado deve ser retomada.



População reclama de abandono e falta de estrutura no Parque Botafogo, em Goiânia

Queixas recaem sobre estrutura precária dos aparelhos de ginástica, das calçadas quebradas e da falta de segurança para fazer exercícios e caminhar.

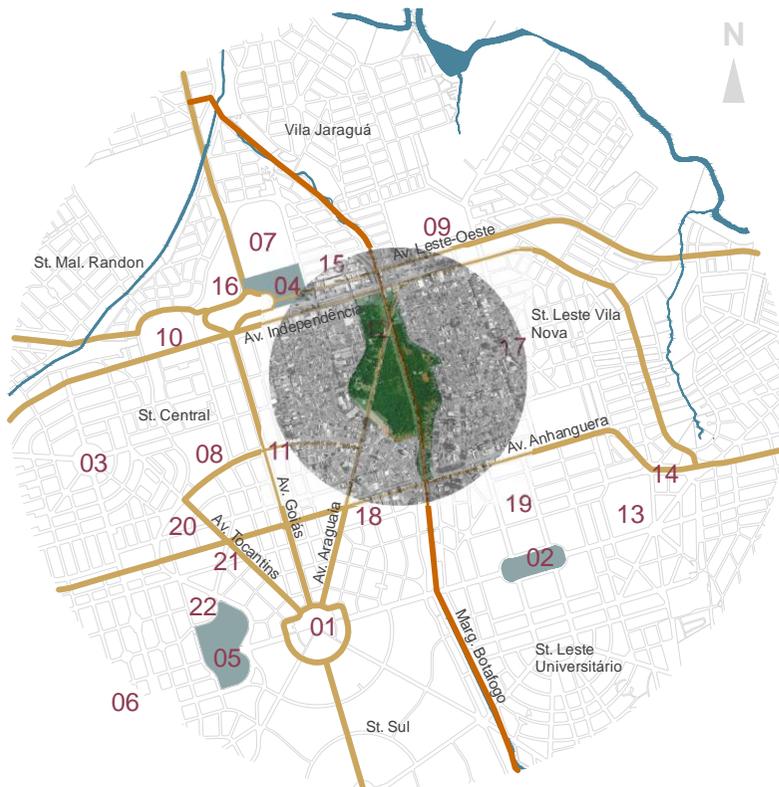
Por Yanika Araújo e Guilherme Rodrigues, TV Anhanguera
04/10/2019 07h27 - Atualizado há um ano

Fonte: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2019/10/04/populacao-reclama-de-abandono-e-falta-de-estrutura-no-parque-botafogo-em-goiania.ghtml>. Acesso em: 02/04/2020

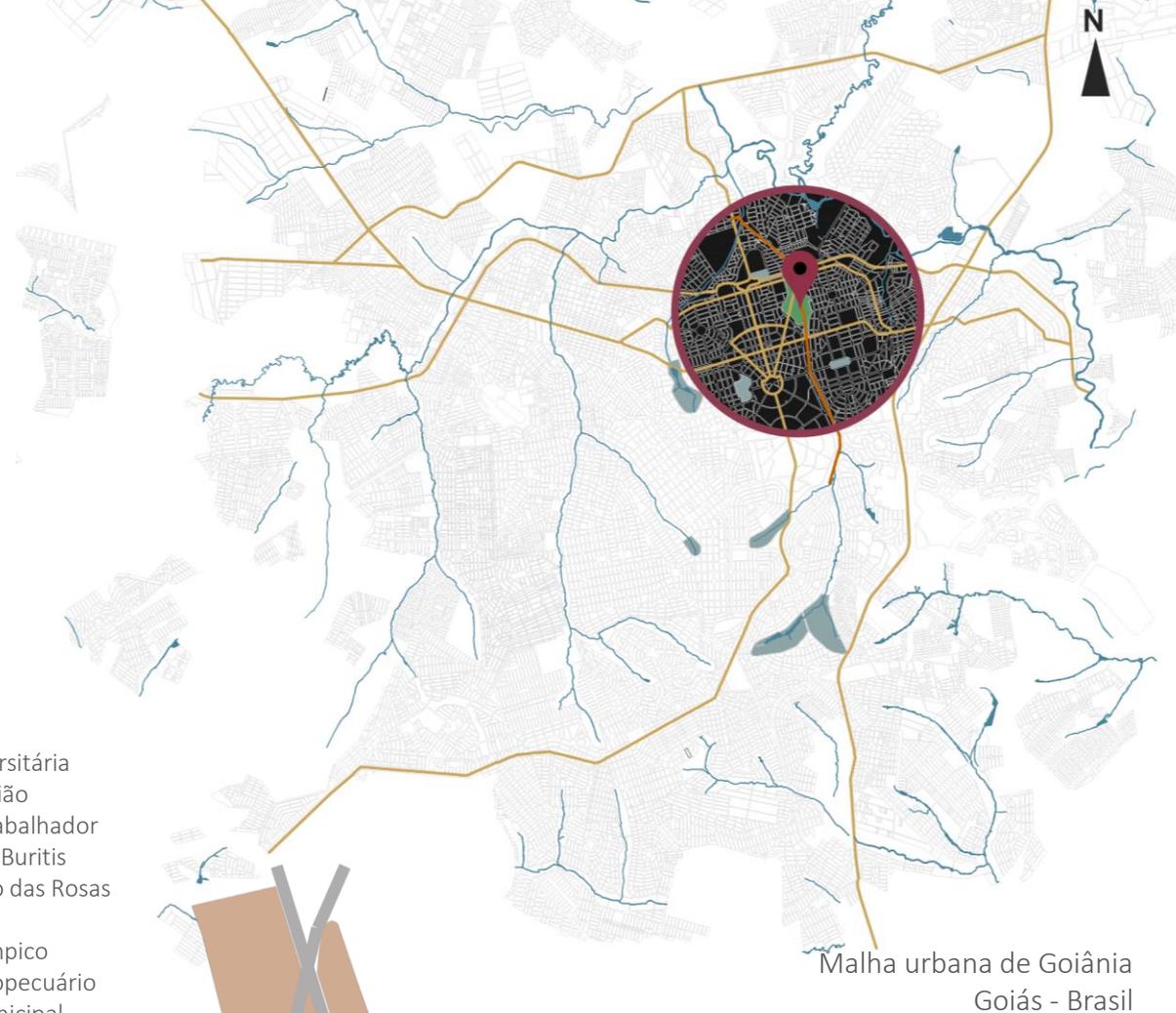
4.3 CONTEXTO URBANO

Os mapas apresentam o Parque Botafogo em relação a malha urbana de Goiânia bem como alguns dos equipamentos de maior relevância da região.

O recorte abaixo mostra o raio de influência da região, demonstrando a forte integração que o Parque tem com o Centro Histórico/Tradicional de Goiânia, bem como regiões e equipamentos importantes da cidade, como a região da 44 e a rodoviária.



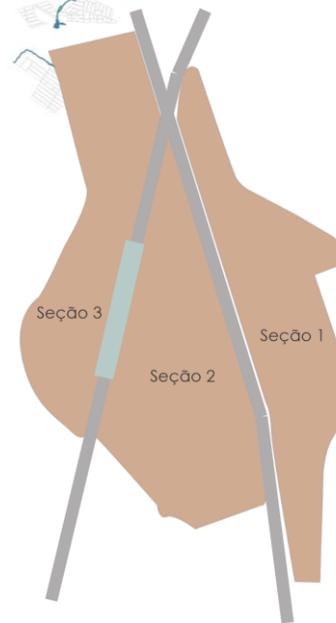
- 01 - Praça Cívica
- 02 - Praça Universitária
- 03 - Praça do Avião
- 04 - Praça do Trabalhador
- 05 - Bosque dos Buritis
- 06 - Parque Lago das Rosas
- 07 - Rodoviária
- 08 - Estádio Olímpico
- 09 - Parque Agropecuário
- 10 - Câmara Municipal
- 11 - Mercado Aberto
- 12 - Parque Mutirama
- 13 - Estádio OBA
- 14 - Terminal Praça da Bíblia
- 15 - Região da 44
- 16 - Shopping da Estação
- 17 - Praça Boaventura
- 18 - Mercado Central
- 19 - Hospital das Clínicas
- 20 - Centro de convenções
- 21 - Teatro Goiânia
- 22 - Assembléia Legislativa

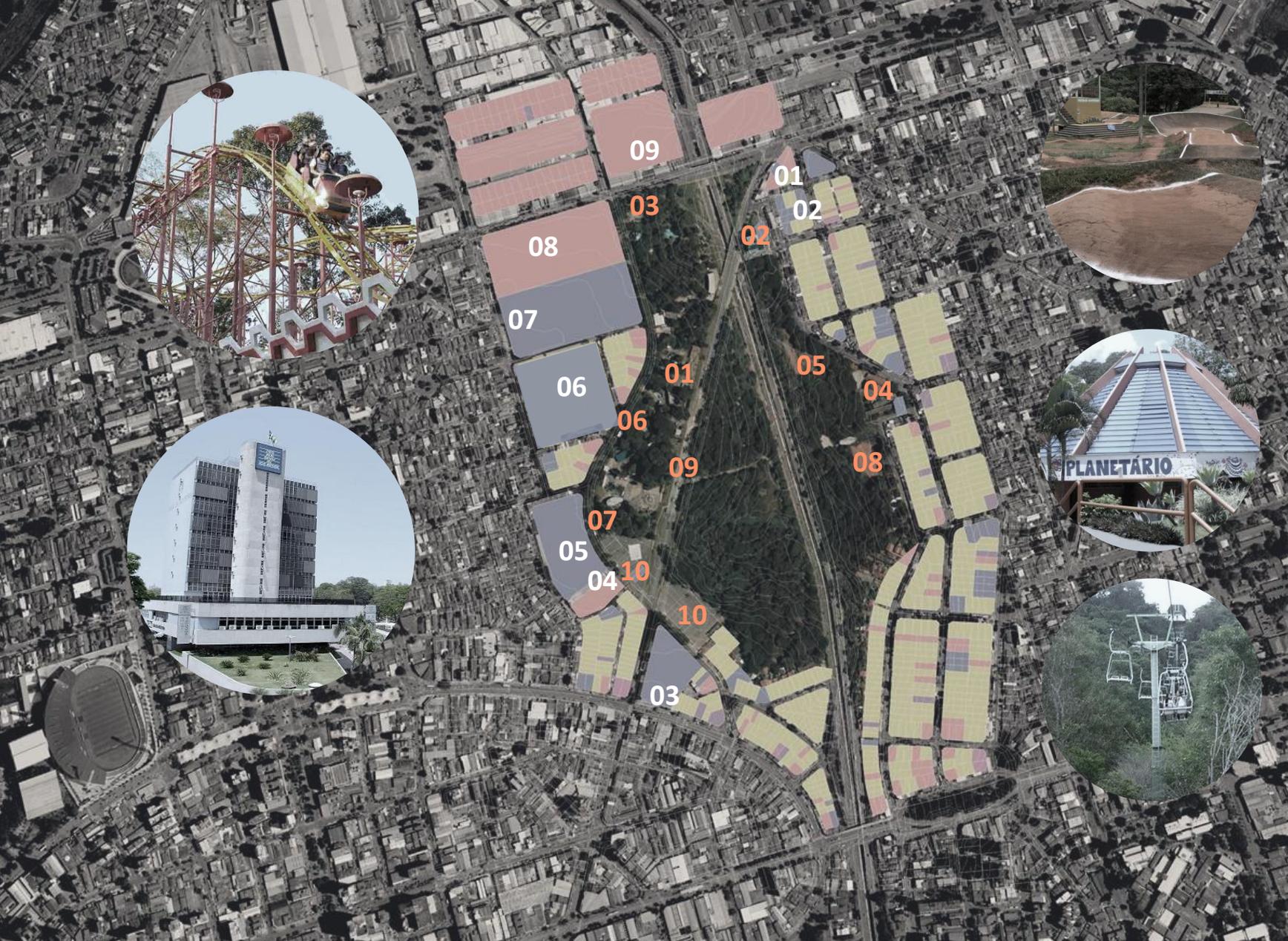


Malha urbana de Goiânia
Goiás - Brasil

SEÇÕES

A Av. Araguaia e Marginal Botafogo seccionam o Parque em 3 seções. Recebendo diferentes tratamentos e intervenções, cada seção apresenta características específicas. Além de desenvolver a plena integração das seções, a requalificação deve considerar diferentes ações na solução de problemas e promoção das potencialidades de cada uma.





Equipamentos e usos

Equipamentos dentro do Parque

- 01- Mutirama
- 02- SESI/FIEG-Casa da Indústria
- 03- Planetário UFG
- 04- Colégio Est. Murilo Braga
- 05- Pista de Bicicross
- 06- Agetul
- 07- Centro Espírita Luz e Vida/Escola
- 08- Campo de Futebol
- 09- Trincheira
- 10- Estacionamento

Equipamentos do entorno imediato

- 01- SENAI
- 02- IEL
- 03- Claretiano - Centro Universitário
- 04- Supermercado Tatico
- 05- Teatro Madre Esperança Garrido
- 06- IFG
- 07- 1º Batalhão Bombeiro Militar
- 08- Assaí Atacadista
- 09- Shopping Mega Moda

Usos:

- Habitação
- Comércio
- Serviços
- Uso Misto
- Institucional

Pesquisa de opinião pública:
 Você já utilizou algum dos equipamentos presentes no Parque Botafogo?



4.3.1 USOS

O mapa indica a variedade de usos do entorno imediato do Parque, com destaque para o uso residencial, especialmente no lado do Parque voltado para o Setor Vila Nova e o uso comercial, especialmente a oeste ao norte, representado pela região conhecida por 44, importante polo de comércio têxtil do estado. Por estar na região central, seus arredores são adensados, apesar da baixa verticalização.

Apesar da já referida diferença da representatividade econômica do Centro em relação a seu passado ele ainda conforma importante espaço social e econômico da cidade de Goiânia. Observa a expressividade dos usos comerciais e de serviços, o que também é problemático por indicar que o Centro não tem sido muito considerado como opção de moradia: incentivar o Centro como uma opção de moradia é fundamental no seu fortalecimento enquanto área qualificada e bem abastecida da cidade.

No lado Leste do Parque o uso residencial já é majoritário. Incentivar a potencialização desse uso misto deve ser critério para as intervenções locais.





50 100 0 200 500

4.3.2 CHEIOS E VAZIOS

A alta ocupação mais do que justifica a atenção e recuperação do Parque como alternativa de lazer e bem estar aos moradores e trabalhadores. Para além do atendimento a população local, o Parque tem potencial de equipamento metropolitano, reafirmando sua importância para toda Região Metropolitana de Goiânia.

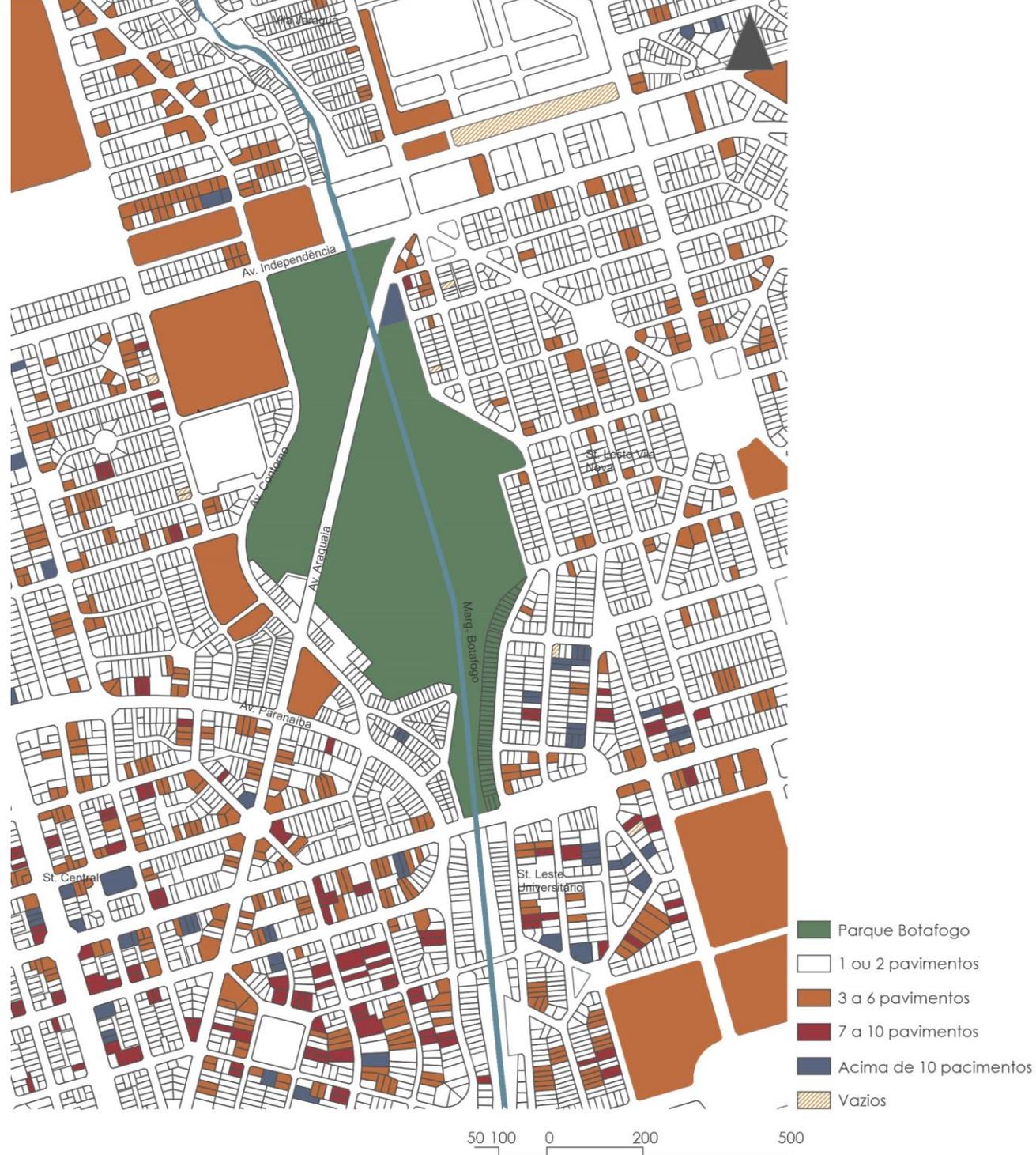
A alta ocupação justifica também uma intervenção que se atente aos aspectos ambientais. Indica uma impermeabilidade grande no local, que contribui, inclusive, para a sobrecarga do córrego Botafogo nos períodos chuvosos.

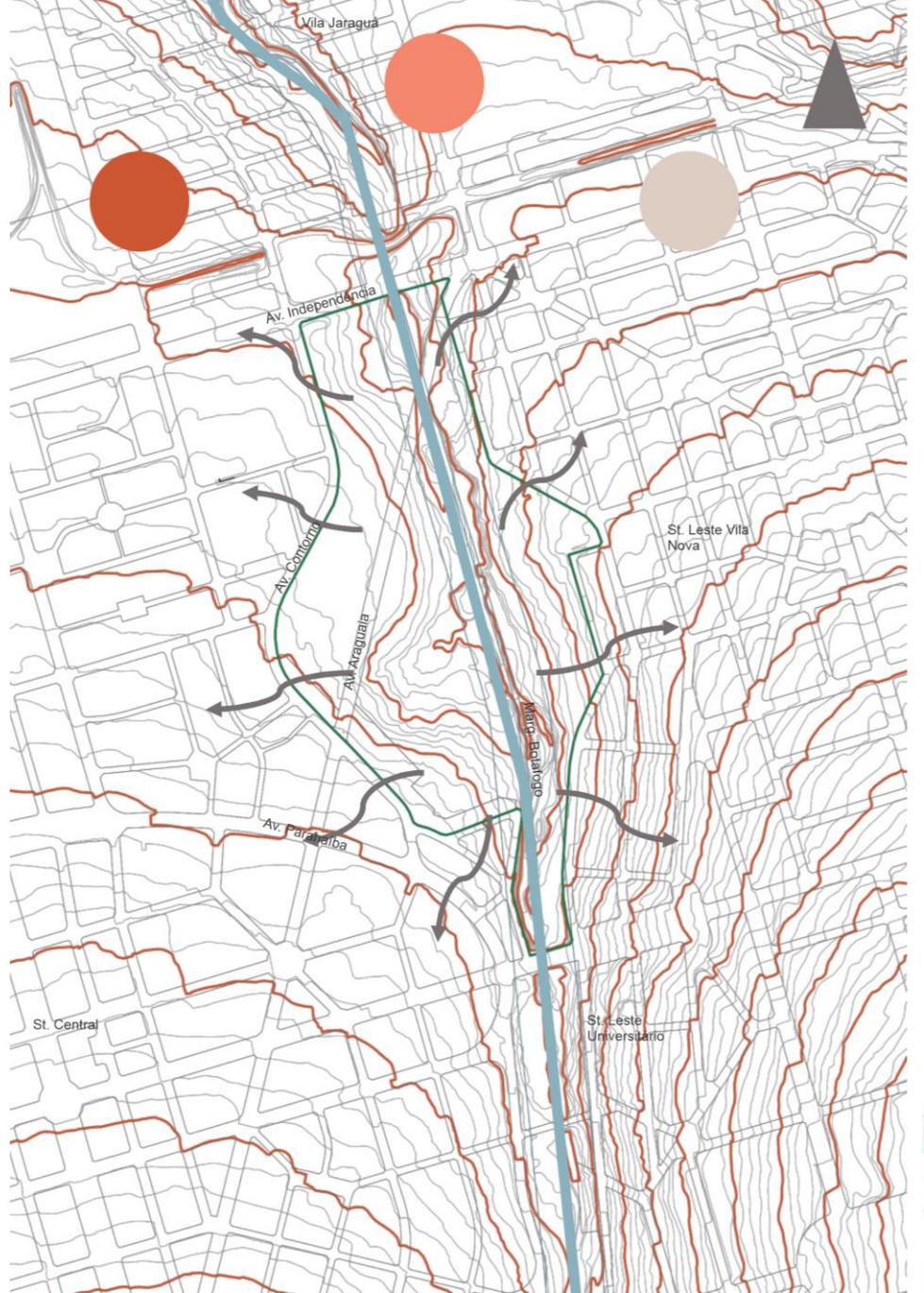
4.3.3 GABARITOS

A maioria da ocupação da região é de até dois pavimentos. Se somarmos também as construções de até seis pavimentos (altura defendida por Lúcio Costa como máxima para manter ainda uma relação com a rua e entorno próximo), a quase totalidade da área é compreendida.

Uma intervenção no Parque Botafogo pode incentivar uma verticalização do entorno, muito ligada aos processos de gentrificação já apresentados. A intervenção deve considerar então mecanismos que minimizem um super adensamento da área.

Talvez seja necessário o estabelecimento de raios de verticalização, onde a verticalização seria permitida gradualmente a partir do distanciamento do Parque. Isso, obviamente, deve estar em consonância com o Plano diretor.





4.3.4 ASPECTOS NATURAIS

Topografia

Caimento natural em direção ao córrego;
Sobrecarga do sistema de drenagem;
Alteração excessiva do terreno na Trincheira da Av. Araguaia;

Córrego Botafogo

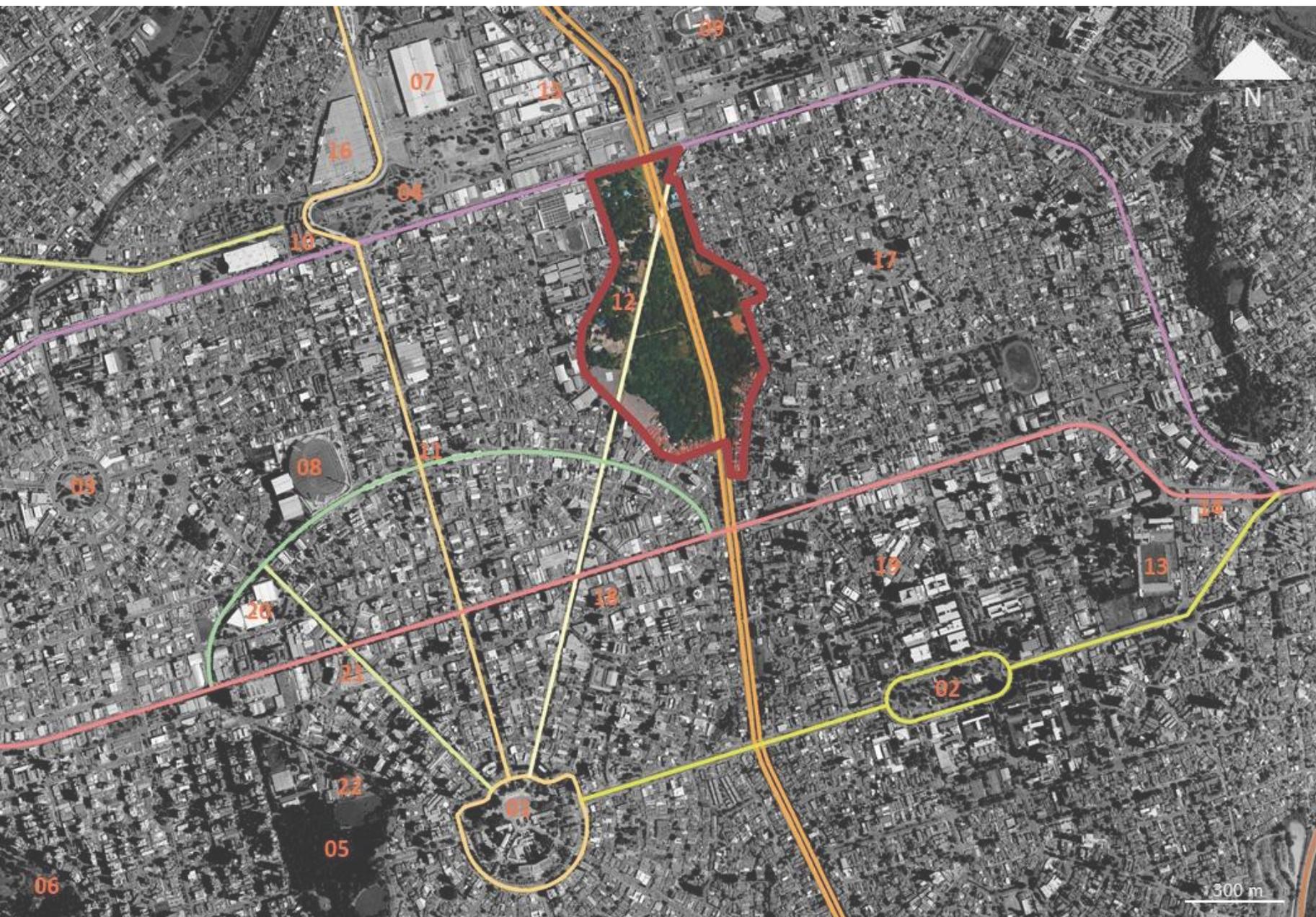
Canalizado;
Poluído;
Limitado pela Marginal;
Infraestruturas precarizadas;
Problemas de drenagem.

Vegetação

Descaracterizado de sua idealização inicial;
De Bosque à Parque: a perda de massa de vegetação e a substituição de espécies nativas por exóticas forçou a mudança de nome;
Há ainda uma vegetação expressiva.



Córrego Botafogo - foto do Autor



- Legenda**
- Parque Botafogo
 - Marginal Botafogo
 - Av. Araguaia
 - Av. Goiás
 - Av. Tocantins
 - Av. Anhanguera
 - Av. Paranaíba
 - Av. Independência
 - Av. Leste-Oeste
 - Av. Universitária
 - BR-153
- 01- Praça Cívica
 - 02- Praça Universitária
 - 03- Praça do Avião
 - 04- Praça do Trabalhador
 - 05- Bosque dos Buritis
 - 06- Parque Lago das Rosas
 - 07- Rodoviária
 - 08- Estádio Olímpico
 - 09- Parque Agropecuário
 - 10- Câmara Municipal
 - 11- Mercado Aberto
 - 12- Parque Mutirama
 - 13- Estádio do OBA
 - 14- Terminal Pç. da Bíblia
 - 15- Região da 44
 - 16- Shopping da Estação
 - 17- Praça Boaventura
 - 18- Mercado Central
 - 19- Hospital das Clínicas
 - 20- Centro de Convenções
 - 21- Teatro Goiânia
 - 22- Assembleia Legislativa

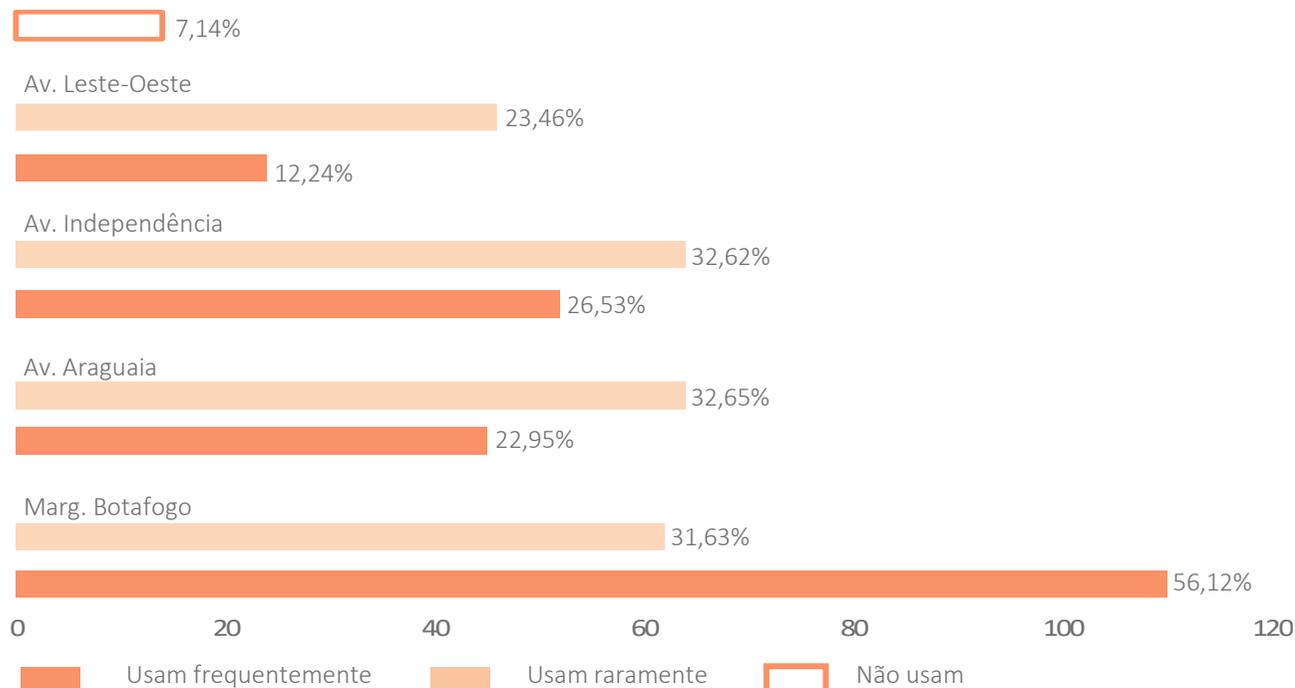
4.3.5 SISTEMA VIÁRIO E MOBILIDADE

Conforme já observado, o Parque possui conexões com importantes vias da cidade, algumas de relevância metropolitana. De positivo, observa-se a facilidade de conexão com vários pontos da RMG. No entanto, há o excesso de infraestruturas de circulação de veículos automotores (viadutos, trincheiras e paralelismo de vias), evidenciando a prioridade dos carros e a falta de planejamento integrado do sistema viário;

Circulação por vias

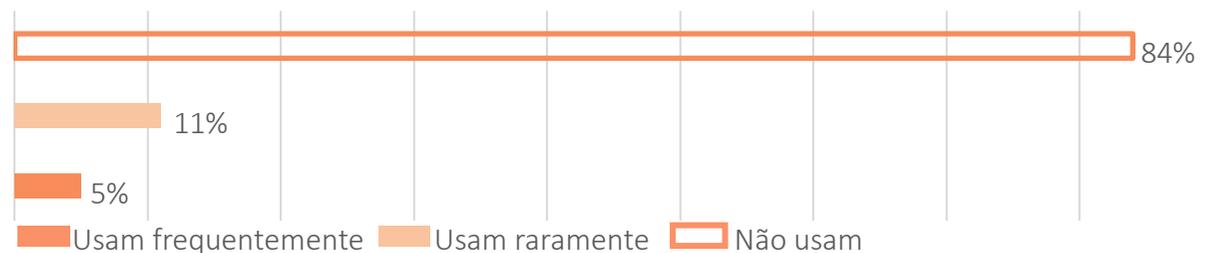
Como previsto, a Marginal Botafogo se mostra a via de maior expressividade na Pesquisa de Opinião Pública, com quase 89% dos entrevistados fazendo uso dela, onde mais de 56% fazem uso frequente. Isso respalda a decisão projetual de manter a Marginal, mantendo o volume e fluxo atual, readequando seu desenho no trecho do Parque conciliando outros aspectos, conforme detalhado mais a frente.

Também as outras vias verificadas mostram grande importância, com destaque para a Av. Araguaia que também secciona o Parque e a Av. Leste-Oeste cujo o trecho próximo ao Parque está em execução e pode aumentar ainda mais a circulação automotora na região.



Fonte: Pesquisa de opinião pública desenvolvida pelo autor

Circulação de Pedestres e ciclistas



Fonte: Pesquisa de opinião pública desenvolvida pelo autor

Segundo a Pesquisa de Opinião Pública (POP), apenas 16% dos entrevistados fazem uso do Parque Botafogo na condição de pedestre ou ciclista.

É preciso considerar que, como a pesquisa foi realizada com moradores de toda a Região Metropolitana de Goiânia, parte dos entrevistados não fazem uso por não morarem na região. No entanto, outros aspectos emergem como justificativa para 84% não considerarem caminhar ou pedalar pelo Parque, mesmo que por lazer. São eles:

- Não há ciclovias ou ciclofaixas no Parque e em todo o raio de vizinhança (500m);
- Não há vias pedonais apesar do intenso fluxo de pedestres em áreas como a Região da 44 e Av. Anhanguera;
- Não há conectividade entre as seções 1 e 2 do Parque, forçando o contorno dele por pedestre e ciclista;
- Apesar do Passeio Público possuir larguras adequadas, há muitos pontos onde o calçamento está comprometido ou inexistente.

4.4 Parque Botafogo: *lugar* simbolicamente qualificado e de interação social

A dimensão do tempo é um requisito para a compreensão de determinada espacialidade enquanto lugar (Leite, 2007, citando Doreen Massey). O Parque Botafogo representa um exemplo paradigmático disto: a medida em que ele é cortado por vias de trânsito rápido, passa a ser percebido por muitos moradores como um elemento passageiro, fugaz, e não de permanência. A relação das pessoas na pós-contemporaneidade com espaços é ditada não mais pelas distâncias e pouco pelas relações sociais válidas ali possíveis, mas sim pelo relógio (HARVEY, 2016). Esta característica não anula, no entanto, as ações e experiências dos moradores, que embora muito reduzidas em relação ao seu grande potencial, ainda se faz presente e atribuem sentido a ele.

Além da dimensão do tempo, onde se encontram as ações que atribuem sentido ou as práticas que esvaziam os sentidos, o *lugar* é uma configuração espacial qualificada simbolicamente (LEITE, 2007). O Parque Botafogo, para além de um marco referencial aos transeuntes, ainda conforma símbolos significativos. Nascido junto com a cidade, sua história se entrelaça com a de muitos moradores.

O Parque é esta espacialidade qualificada, onde ações e experiências dos indivíduos lhe atribuem sentido. Ele faz isso por conseguir conectar estes mesmos indivíduos a uma materialidade sensível (a natureza, a contemplação, as relações sociais válidas) em um

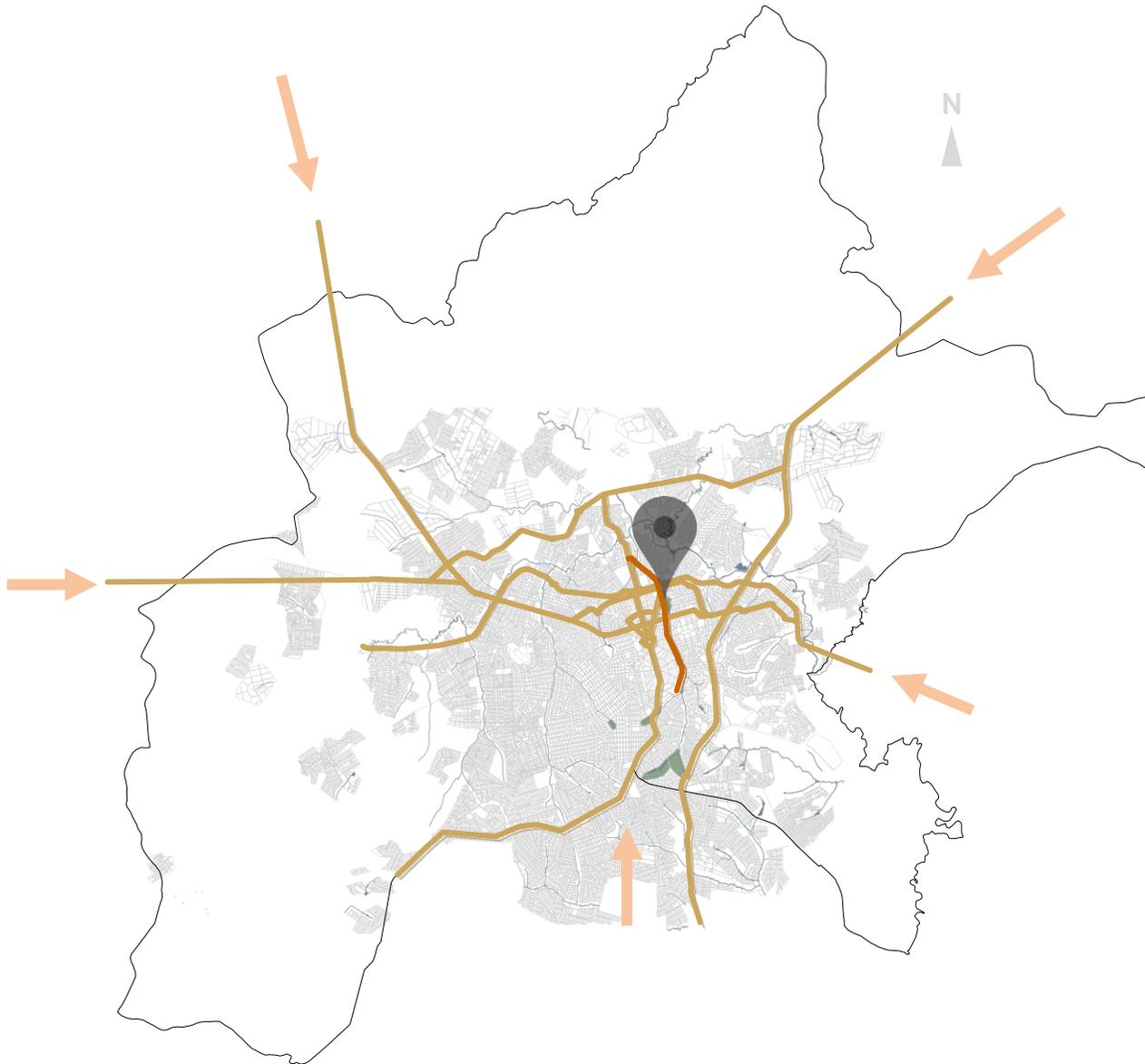
mundo de fluidez e velocidade, por vezes, incompatível com as percepções humanas. Milton Santos (2002) caracteriza esta conformação como *lugar*, onde o Parque seria um conectivo entre esse mundo em *looping* constante e o indivíduo (SANTOS, 2002).

Quando o Parque, enquanto lugar, cumpre esse papel de conexão mundo x indivíduo está inerentemente possibilitando a “comunicação” entre indivíduos e entre indivíduos e uma espacialidade simbolicamente qualificada. Vale lembrar que entendemos a “comunicação” aqui como uma “negociação social”, com preocupações pragmáticas e valores simbólicos, pontos de vistas “compartidos” ou mesmo conflitantes, mas sempre atuantes (LEITE, 2007; SANTOS, 2002).

O Parque enquanto espaço transitório para aqueles que o tem como experiência apenas passando pelas vias que o cortam é uma referência direta ao conceito de não-lugar. Montaner (2001), apoiado em Marc Augé, define os não-lugares como espaços fundamentalmente de transição, geralmente rápida, que é exatamente como se configura a experiência daqueles que percebem o Parque exclusivamente pela perspectiva da Marginal Botafogo e das Avenidas Araguaia e Independência. Esse tipo de experiência se torna cada vez mais comum na pós-modernidade (HARVEY, 2016) e ressalta a importância dos lugares, onde experiências verdadeiramente válidas são possíveis.

Concluir que o Parque Botafogo conforma ou não um *lugar* hoje é tarefa difícil. Suas múltiplas explorações, por múltiplos grupos, de diversas maneiras, o conformam uma espacialidade complexa demais para rótulos. Antes podemos supor uma relativo lugar: pode ser para o vendedor de picolé que lá trabalha e não ser para o motorista apressado passando pela Marginal Botafogo; pode ser para a família que o visita ao fim de semana e não ser para o morador da região que não o frequenta por medo da violência urbana. **A certeza que se tem é de sua relevância histórica, seu importante papel na cidade e do grande potencial para elevar a qualidade de vida e as experiências socialmente válidas dos moradores da cidade.**





Central e acessível, o Parque Botafogo se conforma como um potencial equipamento metropolitano, de caráter democrático e relevância social, ambiental e histórica.

Ligado a vias que cortam Goiânia tanto no sentido leste-oeste quanto norte-sul, o Parque é acessível a diferentes cidades da RM.

A pesquisa de opinião popular realizada ainda conta com uma baixa participação de moradores de outras cidades da RM, visto que a quarentena pela pandemia do Sars-Covid19 dificulta a coleta presencial. No entanto, o interesse por um Parque Botafogo mais atrativo e com atividades que justifiquem o deslocamento já é claro nos resultados preliminares.

Em *O Direito ao Espaço Público*, Josep Maria Montaner e Marina Simone Dias, nos ajudam a atender a importância histórica e contemporânea dos espaços públicos e a necessidade de espaços de qualidade como lazer e práticas sociais.

Os autores chamam a atenção para três grupos muitas vezes negligenciados nas práticas de projeto e implantação dos espaços públicos: **crianças**, principalmente por questões de escalas; **mulheres**, cujo as experiências específicas com o espaço público poucas vezes são consideradas; e, **idosos**, cujo os espaços públicos nem sempre oferecem condições de uso.

Acrescentamos ao trabalho dos autores as **pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida**. Para além das questões de acessibilidade universal, a inclusão deste grupo deve estar presente desde o projeto, em uma perspectiva inclusiva que, além dos aspectos do espaço físico, considere as experiências do grupo nos espaços públicos.

O Parque Botafogo deve garantir o acesso pleno e universal aos mais variados grupos, garantindo acessibilidade universal e a consideração das experiências da população no projeto.

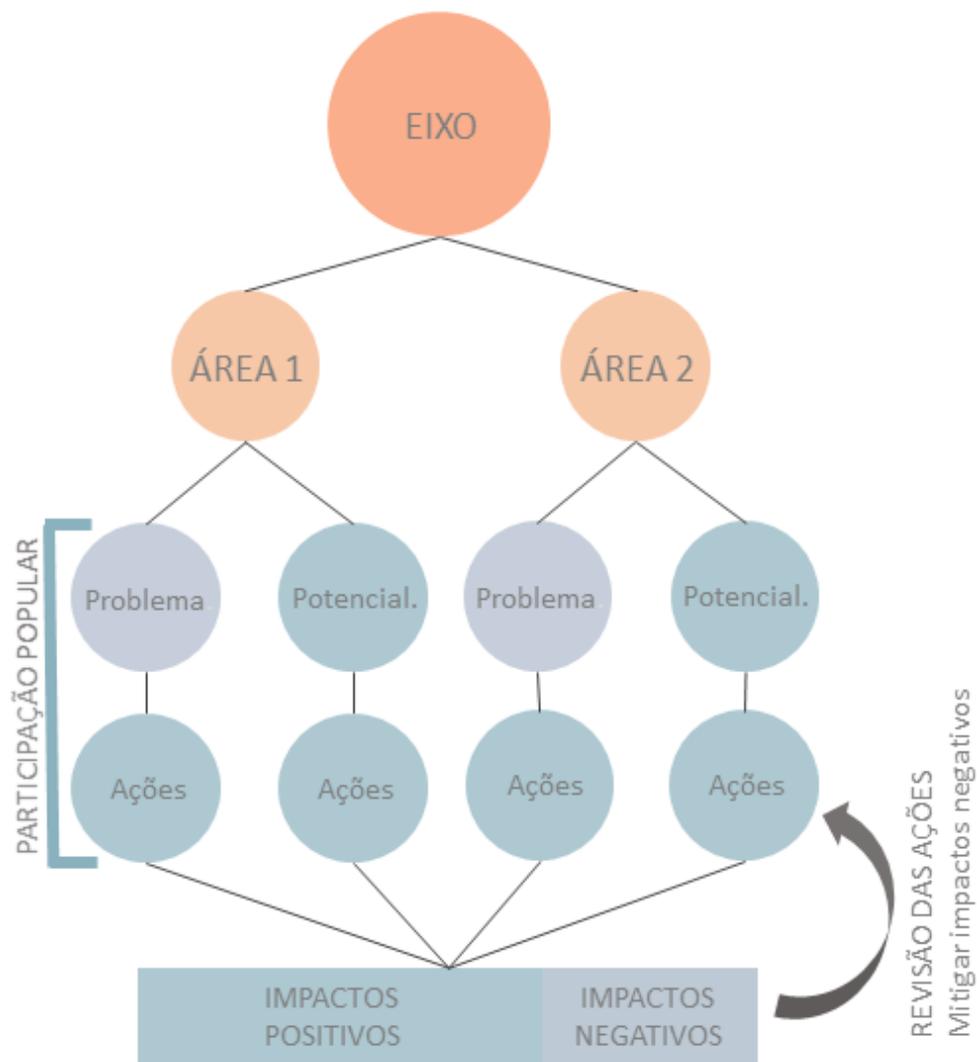


6 O PROJETO

6.1 PROBLEMAS, POTENCIALIDADES E AÇÕES

Metodologia

O seguinte esquema demonstra o processo metodológico usado na definição do quadro de problemas, potencialidades e ações:



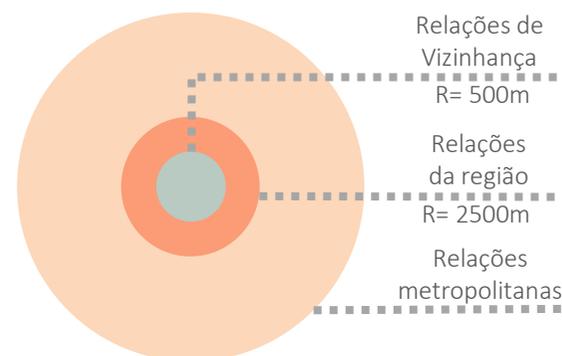
Eixos de intervenção

A revitalização deve ser o elemento integrador de diferentes dimensões urbanas onde apenas o planejamento estratégico pode garantir o êxito. Moura et al (2007) definem quatro grandes áreas como grandes áreas envolvidas no projeto de requalificação:



Fonte: MOURA, Dulce *et al.* A Revitalização Urbana, 2007.

Essas áreas foram interpretadas neste trabalho como os quatro eixos de intervenção, entendendo que ações específicas para cada eixo são necessárias para explorar suas potencialidades e mitigar problemas.



Ainda, as três escalas de atuação do projeto de requalificação são consideradas no quadro, entendendo que diferentes problemas e potencialidades se apresentam a depender da distância do Parque, exigindo ações específicas.

PROBLEMAS, POTENCIALIDADES E AÇÕES

	PROBLEMAS	POTENCIALIDADES	DIRETRIZES	AÇÕES		PROBLEMAS	POTENCIALIDADES	DIRETRIZES	AÇÕES
TERRITÓRIO E CIRCULAÇÃO INTERNA	Parque seccionado em 3 seções pelas infraestruturas viárias com ausência de integração entre as partes:	Conectivo entre seção 2 e 3 (Túnel da Avenida Araguaia) - Relativa eficiência mas seção 2 não é atrativa;	Conexão e integração do Parque;	<ul style="list-style-type: none"> - Conexões entre seção 1 e 2: em níveis, pelo córrego e suspensão, sobre o córrego através de ponte; - A ponte referida no item anterior deverá conformar espaços de permanência: mirante, áreas de sombreamento. - Requalificação da conexão entre as seções 2 e 3 (parte superior do Túnel da Av. Araguaia), com vistas a incentivar as práticas esportivas, culturais e econômicas que já ocorrem; - Requalificação dos passeios públicos e criação de passeios internos na seção 2, hoje inexistentes, plenamente acessíveis; Incentivo fiscal aos moradores para adequação das calçadas seguindo projeto padrão definido por esta intervenção; - Definição das áreas irregularmente ocupadas. Como se tratam de edificações consolidadas, propõe-se a permanência destas, garantindo que nenhuma nova área seja subtraída do Parque; - Programa de educação ambiental para os moradores de áreas irregulares; os moradores como agentes de manutenção e fiscalização do Parque; - Fiscalização e autuação de atividades ou ocupações que comprometam sobremaneira os aspectos ambientais locais; - Redimensionamento das vagas de estacionamento; fracionamento do estacionamento, minimizando ilhas de calor e possibilitando diferentes acessos ao Parque: Piso drenante; - Incentivo fiscal aos moradores para adequação das calçadas seguindo projeto padrão definido por esta intervenção; - Acessos múltiplos ao Parque, considerando pontos de ônibus de vias de melhores acessos por pedestres; - Todas as pavimentações internas deverão ser com piso drenante, com tipo e grau de absorção definido pelo uso e grau de manutenção de cada pavimentação 	<p>CONEXÕES URBANAS E INFRAESTRUTURAS DE MOBILIDADE</p> <p>Ausência de infraestruturas para circulação de ciclistas;</p> <p>Excesso de infraestruturas de circulação de veículos automotores (viadutos, trincheiras e paralelismo de vias), evidenciando a prioridade dos carros e a falta de planejamento integrado do sistema viário;</p> <p>Malha viária acessível e com ligação com toda a cidade;</p> <p>Alto atendimento pelo transporte coletivo;</p>	<p>Parque seccionado em 3 seções pelas infraestruturas viárias com ausência de integração entre as partes:</p> <p>Conectivo (trincheira sobre a Av. Araguaia) entre a seção 2 e 3 pouco efetivo; a baixa atratividade da seção 2 não estimula a travessia;</p> <p>Circulação de pedestres comprometida: a seção 2 não possui pavimentação na sua circulação interna e as outras seções com passeios públicos comprometidos;</p> <p>Ocupações irregulares (habitação e institucionais) de áreas do Parque e APPs;</p> <p>Grande área de estacionamento concentrada (estacionamento do Multirama e na esquina da Av. Araguaia com a Av. Contorno);</p> <p>Alta ocupação e impermeabilidade;</p> <p>Baixa densidade ao consideramos o abastecimento de serviços e infraestruturas urbanas.</p>	<p>Conectivo entre seção 2 e 3 (Túnel da Avenida Araguaia) - Relativa eficiência mas seção 2 não é atrativa;</p> <p>Conectivo entre seção 2 e 3 (Túnel da Avenida Araguaia) é utilizado como principal acesso ao Parque Multirama, movimentando o espaço.</p> <p>Os ocupantes irregulares do Parque podem se tornar agentes de manutenção e cuidado com ele, especialmente os institucionais;</p> <p>Os estacionamentos são utilizados como espaços Multirama, onde ocorrem feiras de economia alternativa, competições de dança, prática de esportes e outras atividades culturais;</p> <p>Entorno imediato (r= 500m) quase totalmente com até 6 pavimentos - relações de vizinhança;</p>	<p>Integração entre os equipamentos de lazer, cultura e educação presentes no Parque;</p> <p>Manutenção e preservação dos elementos naturais e equipamentos existentes;</p> <p>Acessibilidade Universal;</p> <p>Incentivo ao movimento.</p>	<p>Urbanização das vias com circulação de transporte coletivo;</p> <p>Mobiliário urbano: pontos de ônibus</p> <p>Ciclofaixa no perímetro do Parque e ciclovia no trecho de intervenção da Marginal Botafogo; com previsão de conexão a rede cicloviária da cidade;</p> <p>Infraestruturas de apoio ao pedestre e ao ciclista: bicicletários, banheiros, bomba de ar, bebedouros;</p> <p>Adequação de todo o passeio público dentro do raio de vizinhança (PPP);</p> <p>Condições de acesso ao Parque a partir das vias de maior expressividade e atendidas por transporte coletivo: acessos marcados e referenciais;</p> <p>Redimensionamento das vagas de estacionamento; fracionamento do estacionamento, minimizando ilhas de calor e possibilitando diferentes acessos ao Parque: Piso drenante;</p>
	<p>Drenagem ineficaz ao longo de toda canalização do Córrego Botafogo com sobrecarga na região do Parque nas períodos chuvosos: poluição e ausência da mata ciliar do Córrego Botafogo; Marginal localizada em APP do córrego;</p> <p>Lago poluído e com infraestrutura do estorno precarizada;</p> <p>Drenagem ineficaz na Trincheira da Av. Araguaia;</p> <p>Perda histórica de áreas verdes, com vegetação nativa reduzida e substituída por espécies exóticas; mata ciliar do córrego Botafogo inexistente;</p> <p>Comprometimento ambiental em diversos aspectos pela Região da 44;</p>	<p>Apesar das consideráveis perdas de áreas verdes, o Parque ainda conforma uma das maiores áreas verdes da capital;</p> <p>Conforto térmico: massas verdes, córrego e lago como refrigerador natural da região;</p> <p>A exemplo de outros Parque com maior número de frequentadores, a recuperação do lago e qualificação do seu entorno pode ser um forte atrativo;</p> <p>Córrego Botafogo possui relevância histórica e afetiva com Goiânia e seus moradores;</p>	<p>Reinserção de espécies nativas em novas áreas de adensamento da vegetação;</p> <p>Mapeamento das áreas verdes existentes garantindo sua preservação;</p> <p>Raios de verticalização: impedimento do fechamento vertical do Parque por edifícios em altura, garantindo melhor circulação dos ventos. A verticalização poderá ocorrer gradativamente a partir do maior afastamento do Parque;</p> <p>Galerias ou piscinas de retenção para o córrego Botafogo e trincheira da Av. Araguaia; Piso drenante para todas as pavimentações internas ao Parque; aumento da área de transbordado do córrego.</p> <p>Reestruturação da infraestrutura de canalização: orla e passeio ao longo das margens;</p> <p>Etapos de permanência próximos ao Córrego e lago;</p> <p>Dentro das áreas suprimidas, levantar vazios para intervenção paisagística, criando entre eles um circuito urbano integrado ao Parque Botafogo;</p> <p>Preservação plena da área de nascente existente no Parque;</p>	<p>Manifestações culturais, como competições de dança de rua e batalhas de rima sobre Trincheira da Araguaia;</p> <p>As áreas de estacionamentos podem abrigar parcialmente os novos equipamentos e usos propostos, sem comprometimento das áreas ambientalmente mais sensíveis e/ou mais preservadas;</p> <p>Lista de Bicicross com histórico de competições e relevância para os praticantes da modalidade;</p> <p>Campo de Futebol: iniciativa dos próprios moradores, o campo de terra batido atrai moradores nos fins de semana;</p> <p>Quadras de esportes sobre a trincheira da Av. Araguaia; apesar da baixa infraestrutura (apenas pintura no piso) o uso é efetivo;</p> <p>Uso do estacionamento existente para atividades de motorcross</p> <p>Planetário: relevância acadêmica e científica, além de ligação afetiva com os goianenses;</p> <p>Colégio Estadual Múrio Braga: apesar de implantado em área do Parque, integrados podem possibilitar um aprimoramento do ensino ambiental na instituição;</p>					
MEIO AMBIENTE E DRENAGEM URBANA	<p>Drenagem ineficaz ao longo de toda canalização do Córrego Botafogo com sobrecarga na região do Parque nas períodos chuvosos: poluição e ausência da mata ciliar do Córrego Botafogo; Marginal localizada em APP do córrego;</p> <p>Lago poluído e com infraestrutura do estorno precarizada;</p> <p>Drenagem ineficaz na Trincheira da Av. Araguaia;</p> <p>Perda histórica de áreas verdes, com vegetação nativa reduzida e substituída por espécies exóticas; mata ciliar do córrego Botafogo inexistente;</p> <p>Comprometimento ambiental em diversos aspectos pela Região da 44;</p>	<p>Apesar das consideráveis perdas de áreas verdes, o Parque ainda conforma uma das maiores áreas verdes da capital;</p> <p>Conforto térmico: massas verdes, córrego e lago como refrigerador natural da região;</p> <p>A exemplo de outros Parque com maior número de frequentadores, a recuperação do lago e qualificação do seu entorno pode ser um forte atrativo;</p> <p>Córrego Botafogo possui relevância histórica e afetiva com Goiânia e seus moradores;</p>	<p>Reinserção de espécies nativas em novas áreas de adensamento da vegetação;</p> <p>Mapeamento das áreas verdes existentes garantindo sua preservação;</p> <p>Raios de verticalização: impedimento do fechamento vertical do Parque por edifícios em altura, garantindo melhor circulação dos ventos. A verticalização poderá ocorrer gradativamente a partir do maior afastamento do Parque;</p> <p>Galerias ou piscinas de retenção para o córrego Botafogo e trincheira da Av. Araguaia; Piso drenante para todas as pavimentações internas ao Parque; aumento da área de transbordado do córrego.</p> <p>Reestruturação da infraestrutura de canalização: orla e passeio ao longo das margens;</p> <p>Etapos de permanência próximos ao Córrego e lago;</p> <p>Dentro das áreas suprimidas, levantar vazios para intervenção paisagística, criando entre eles um circuito urbano integrado ao Parque Botafogo;</p> <p>Preservação plena da área de nascente existente no Parque;</p>	<p>Teatro Madre Esperança Gamito: teatro já tradicional na cidade, não possuem qualquer interação com o Parque;</p> <p>Teatro IFG, já tradicional na cidade, não possuem qualquer interação com o Parque;</p> <p>Região economicamente ativa e movimentada: proximidade com a Região da 44 e outros pontos de comércio do Centro, (CORREA, 1995).</p> <p>Presença massiva de equipamentos de educação, entre escolas de ensino básico e facultades.</p>	<p>Teatro Madre Esperança Gamito: teatro já tradicional na cidade, não possuem qualquer interação com o Parque;</p> <p>Teatro IFG, já tradicional na cidade, não possuem qualquer interação com o Parque;</p> <p>Região economicamente ativa e movimentada: proximidade com a Região da 44 e outros pontos de comércio do Centro, (CORREA, 1995).</p> <p>Presença massiva de equipamentos de educação, entre escolas de ensino básico e facultades.</p>	<p>Conexão e integração com entorno</p>	<p>Integração entre os equipamentos de cultura, propiciando um futuro circuito cultural na microrregião;</p> <p>Compartilhamento dos equipamentos do Parque com as escolas da região;</p>		
	<p>Contra-usos: as seções 1 e 2, dado suas características de sub-utilização e ausência de manutenção, tem sido usado como ponto de consumo de drogas, permanência de moradores de rua e vandalização de infraestruturas públicas;</p> <p>Segurança: mais de 82% dos entrevistados na pesquisa de opinião pública afirmam que a falta de segurança é, pelo menos, um dos motivos para não frequentarem o Parque;</p> <p>Tendência a gentrificação: a exemplo de outros parques da cidade, criados ou revitalizados nas últimas décadas, pode haver gradativamente a substituição dos moradores atuais por grupos de maior poder econômico dado a melhoria da qualidade de vida local;</p>	<p>Acessibilidade a toda RMG; diversos públicos/grupos sociais;</p>	<p>Conexão e integração do Parque;</p> <p>Integração e políticas de integração com bairros mais afastados;</p> <p>Acessibilidade Universal;</p> <p>Incentivo ao movimento.</p>	<p>Atenção aos acessos por transporte coletivo e pedestres;</p> <p>Atividades culturais e esportivas públicas e com divulgação ampla;</p> <p>Atenção ao design não excludente;</p> <p>Fortalecimento do uso noturno e iluminação voltada para o pedestre;</p>					

6.2 DIRETRIZES

Diretrizes conceituais



Diretrizes projetuais

- Recuperação do trecho do córrego botafogo, dentro do conceito de acupuntura urbana, como exemplo para o tratamento do restante do córrego;
- Ações de potencialização do conforto ambiental no Parque e entorno;
- Recuperação e manutenção da vegetação.
- Adequação das infraestruturas de drenagem urbana;
- Educação ambiental;
- Adequação dos meios e infraestruturas de circulação e mobilidade
- Adequação das infraestruturas e equipamentos existentes;
- Proposição de novos equipamentos no fortalecimento de usos de lazer, cultura, esportes e gastronomia;
- Incentivo ao uso misto;
- Táticas de prevenção de processos de gentrificação;
- Integração com o entorno para contribuir com o fortalecimento econômico e social da região;

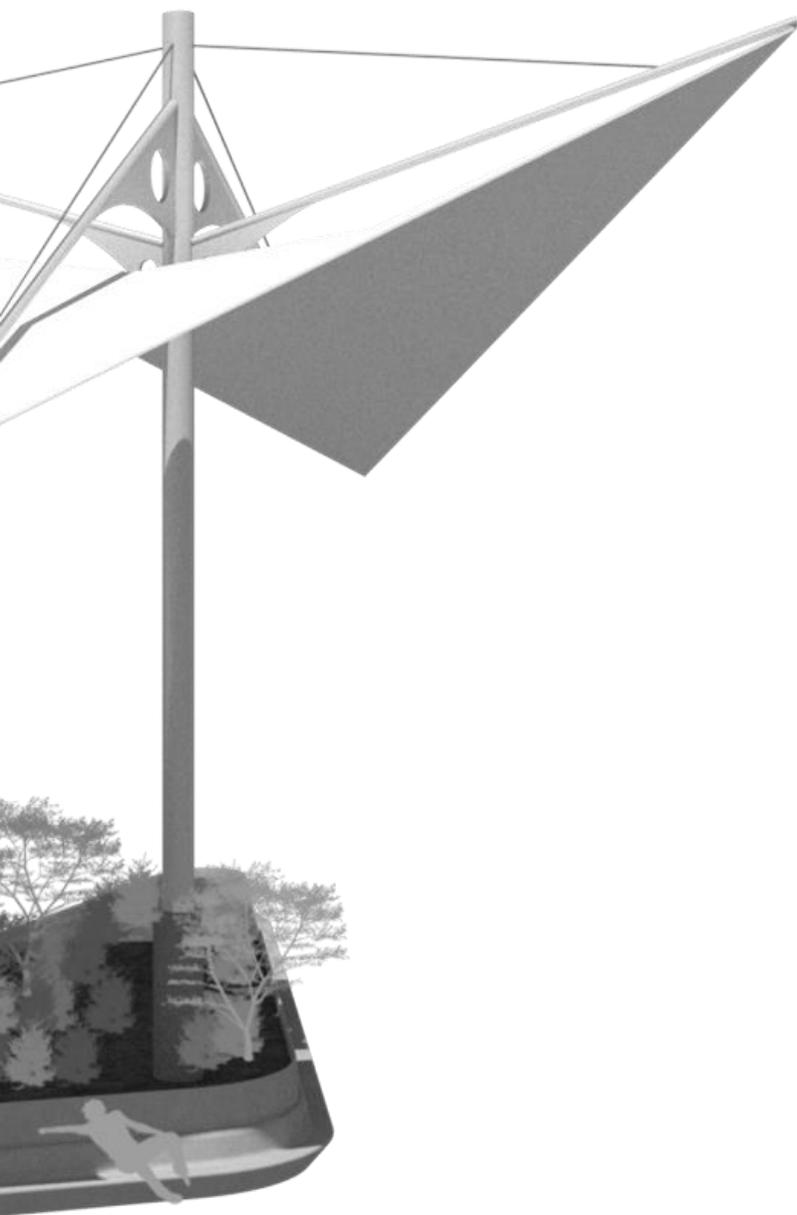
Ian Gehl nos ajuda a definir alguns critérios para a intervenção. **O Parque deve ajudar a incentivar e possibilitar as pessoas a caminharem mais, passarem mais tempo no espaço público e a sair dos espaços privados.** Para Gehl, “isso permite que a cidade seja mais emocionante, interessante e segura, além de promover a inclusão social”.

Sars-Covid19

O ano de 2020 marca o início de um dos momentos mais difíceis da história recente da humanidade. A pandemia pelo novo Corona Vírus nos força a adaptar todo nosso modo de vida a medida que é altamente transmissível e já vitimou milhões de pessoas ao redor do mundo.

Em 2021 as incertezas e inseguranças permanecem, e fica cada vez mais clara as novas relações que teremos com os espaços públicos e nossa relação com o meio-ambiente. Os aspectos ambientais, de saúde urbana, de relações interpessoais e com o espaço se redesenham, e um espaço público como o Parque Botafogo deve assimilar estas novas reflexões.

Entendendo o Parque como espaço propiciador de experiências socialmente válidas, propomos um Pavilhão Memorial. Um lugar de memória e reflexão que nos ajude a lembrar da nossa relação simbiótica com a natureza, além de uma homenagem aqueles vitimados pela Covid-19.

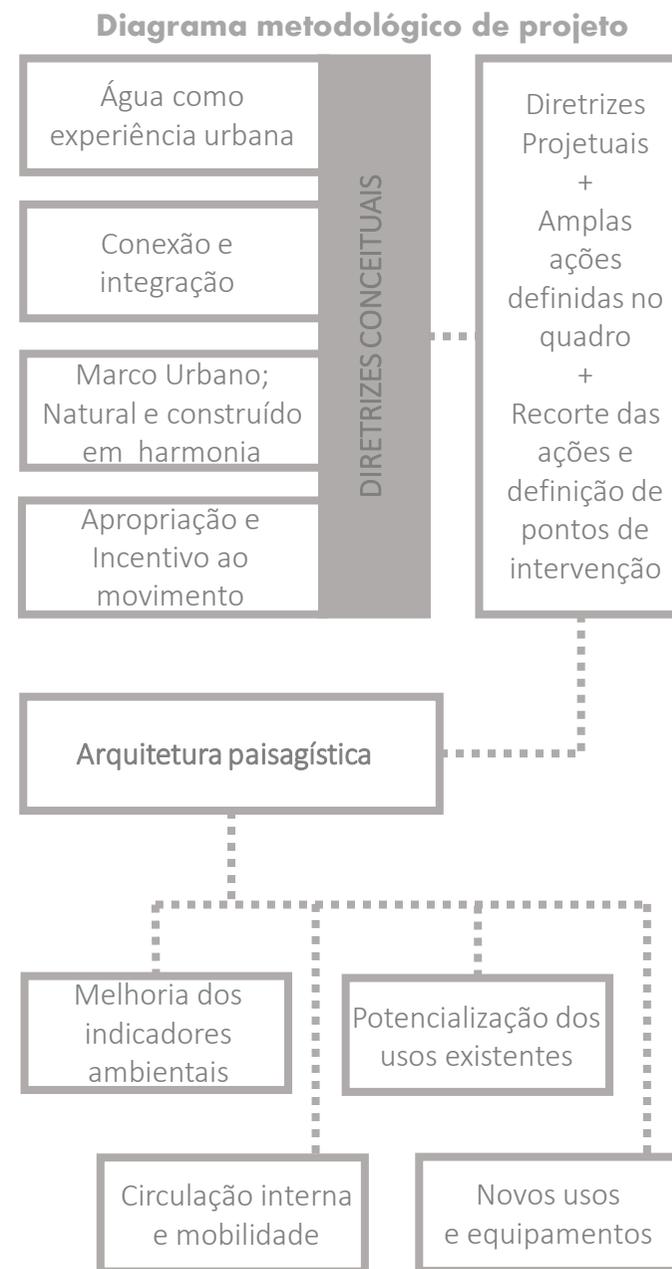


6.3 Metodologia de projeto

A análise dos problemas e potencialidades do Parque Botafogo, antes de fazerem emergir as ações, ajudaram na percepção de que esses problemas e potencialidades se encontram relacionados a quatro pontos chaves na compreensão a intervenção do Parque:

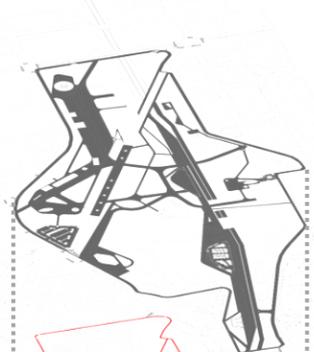
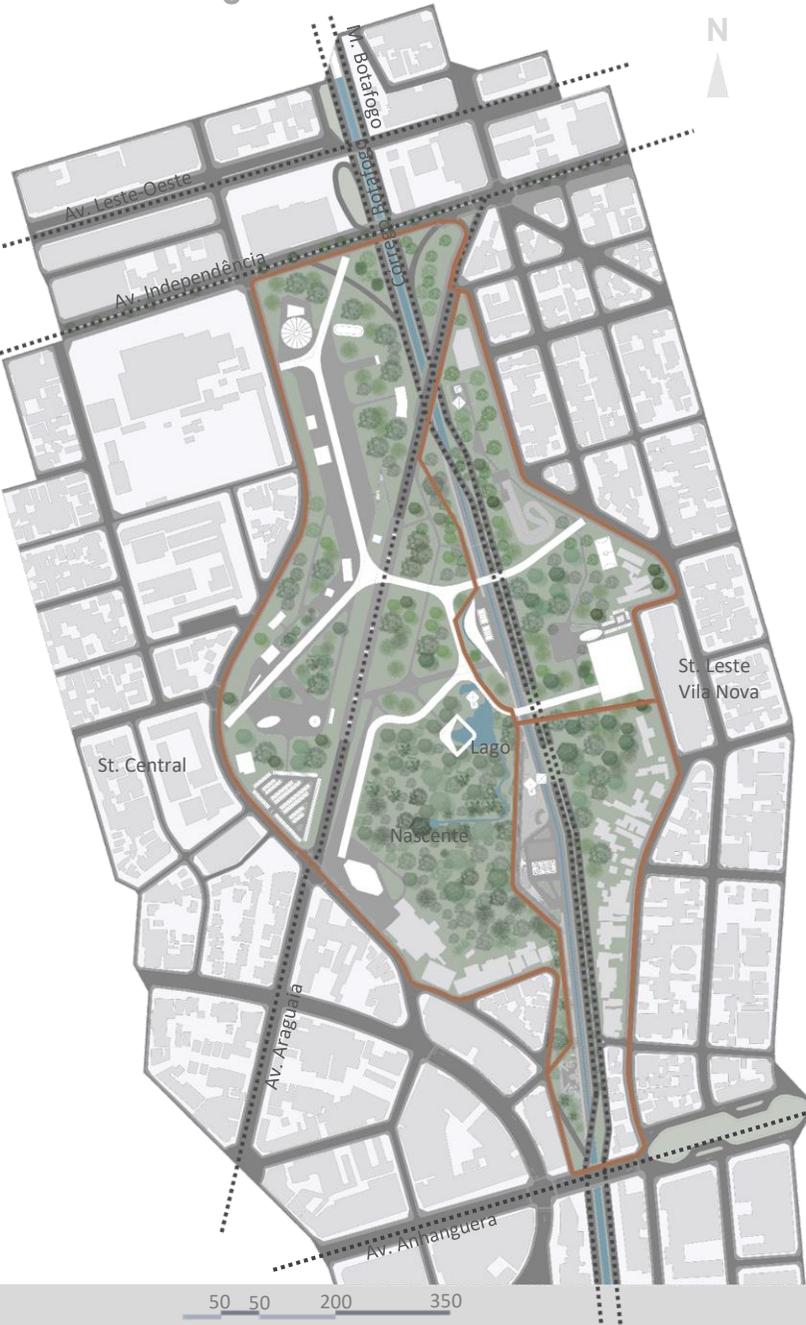
- **Água:** o córrego botafogo, que dá nome ao Parque se encontra canalizado, poluído e limitado pela Marginal Botafogo, praticamente invisível ao moradores. Também as infraestruturas de drenagem urbana se mostram insuficientes e precarizadas;
- **Fracionamento e falta de integração:** as excessivas infraestruturas viárias e a priorização dos veículos motorizados divide o Parque em três áreas com conexões comprometidas (inexistentes entre duas delas), limitando usos e precarizando espaços;
- **Invisibilidade:** embora seja um dos Parque mais antigos de Goiânia, a falta de planejamento e consideração dos aspectos naturais ao construir ignora seu potencial turístico, econômico, de lazer e esportes, especialmente das seções 1 e 2;
- **Subutilização:** os problemas percebidos e a POP indicam que muitos moradores não consideram o Parque como uma opção de lazer, logo, ações para torna-lo mais atrativo e acessível são fundamentais.

A partir dos pontos descritos, quatro diretrizes conceituais são definidas e conformam o ponto de partida do projeto. Cada ação proposta se baseia em ao menos uma destas diretrizes.



6.4 MASTER PLAN

Programa

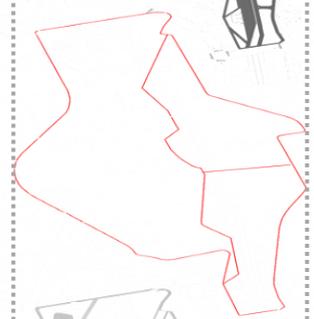


Circulação interna e mobilidade:

- Circulação interna: acessível, otimizada e de permanência;
- Passeio público: reestruturado;
- Marquise: Convite a circulação, proteção e marco urbano;
- Marg. Botafogo: Unilateral e com trecho em trincheira.

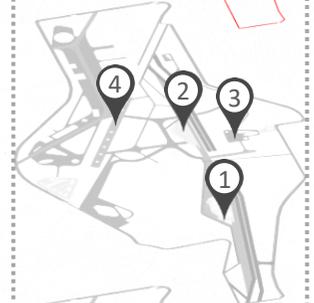
Ciclofaixa:

- Uso esportivo e de lazer;
- Mobilidade: trecho seguro e adequado para futura conexão com o sistema cicloviário da cidade.



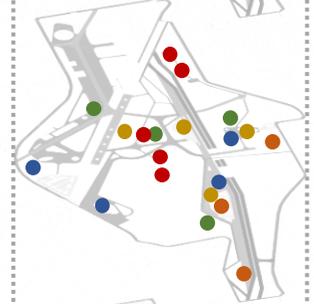
Praças:

- Praça 1:** Lazer; esportes; cultura; drenagem urbana
- Praça 2:** Lazer; cultura; economia criativa e drenagem
- Praça 3:** Lazer; esportes; economia criativa
- Praça 4:** Lazer e esportes



Novos equipamentos:

- Lazer;
- Esportes;
- Cultura;
- Multiuso;
- CeSU.



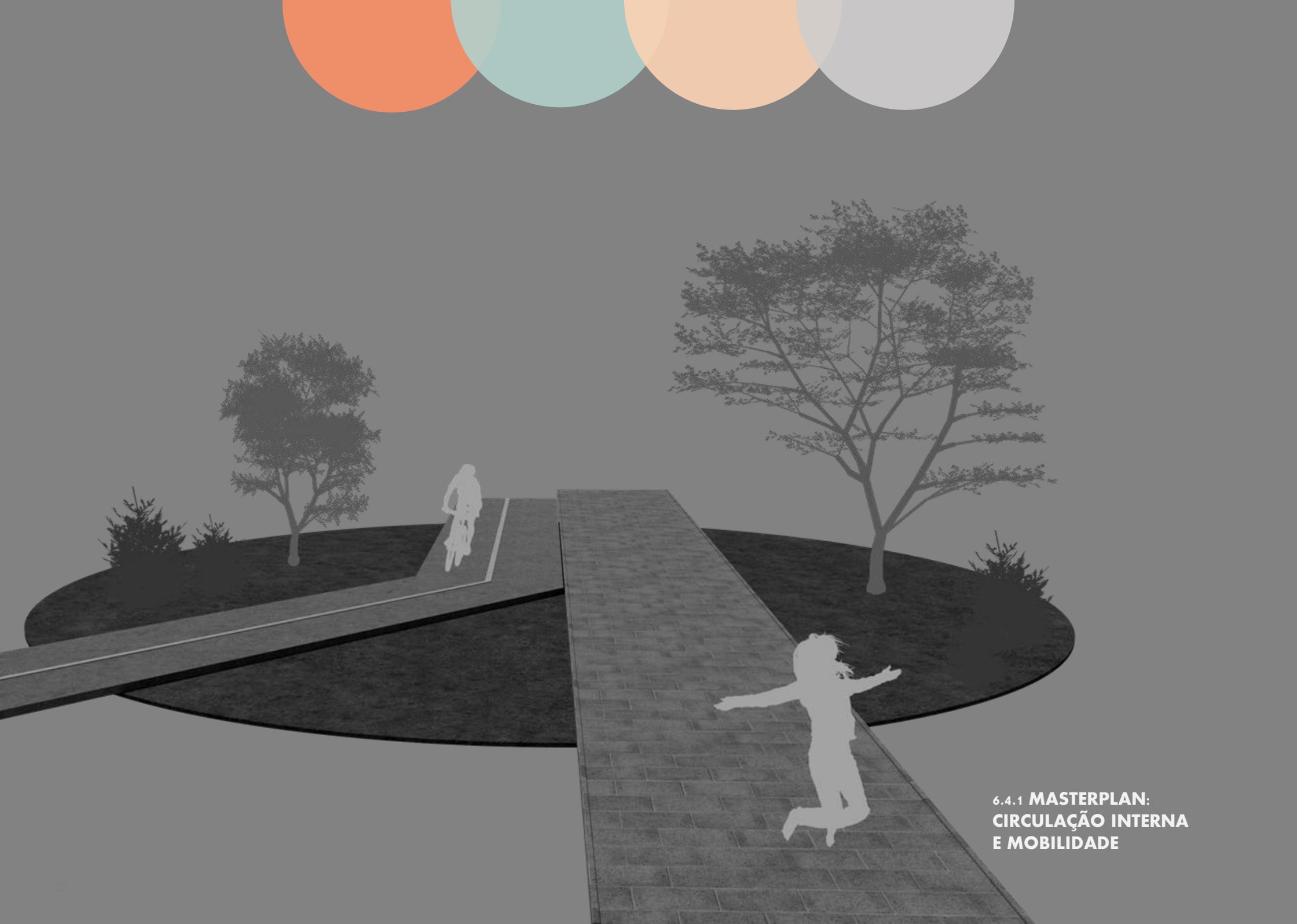
Equipamentos reformados:

- Parque Mutirama;
- Pista de Bicicross
- Bondinho;
- Planetário;
- Quadras esportivas;
- Teatro aberto;
- Edifício administrativo;



O programa prevê a qualificação das infraestruturas de lazer e esporte existentes, reforçando o compromisso com a história do Parque e seus usuários. Novos equipamentos são propostos, também de lazer e esportes, mas também cultural e de economia criativa, sempre buscando definir espaços de uso misto. Os Centro de Suporte ao Usuário (CeSU) complementam o programa fornecendo apoio ao usuário em diversas frentes.

Sobre circulação e mobilidade o programa prevê a conexão e integração das seções do Parque, com caminhos acessíveis. Uma marquise é proposta contemplando os principais acessos ao Parque e convidando a circulação entre as seções. Na circulação viária há a reorganização da caixa das vias do entorno, contemplando passeios públicos acessíveis, ciclofaixa e algumas faixas de pedestre elevadas. A Marginal Botafogo, no trecho que corta o Parque, passa ser unilateral e com trecho em trincheira, viabilizando a conexão em nível para pedestres entre as seções 1 e 2.



**6.4.1 MASTERPLAN:
CIRCULAÇÃO INTERNA
E MOBILIDADE**

Circulação interna e mobilidade

MARGINAL BOTAFOGO

Unilateralidade da via

Atualmente o Córrego se encontra canalizado (5m abaixo do nível da rua) e margeado pelas duas *mãos* da Marginal Botafogo, impedindo qualquer experiência com o curso d'água que dá nome ao Parque. O rearranjo das faixas no lado leste do Córrego e redesenho do canal permite espaços de circulação e permanência próximos a água,

O Córrego como uma experiência urbana, ao alcance dos olhos, dos usos e da consciência coletiva sobre o recurso natural.



Proposta: A unilateralidade da Marginal viabiliza o alargamento do canal, melhorando a drenagem urbana e configurando espaços de circulação e permanência próximos ao córrego. A trincheira viabiliza a conexão entre as seções 1 e 2 e o acesso ao Córrego pela seção 1.



Marginal e córrego Botafogo: Canalizado e margeado pela via, o córrego é invisibilizado e um dos principais problemas ambientais e de infraestrutura da cidade

Trecho em trincheira

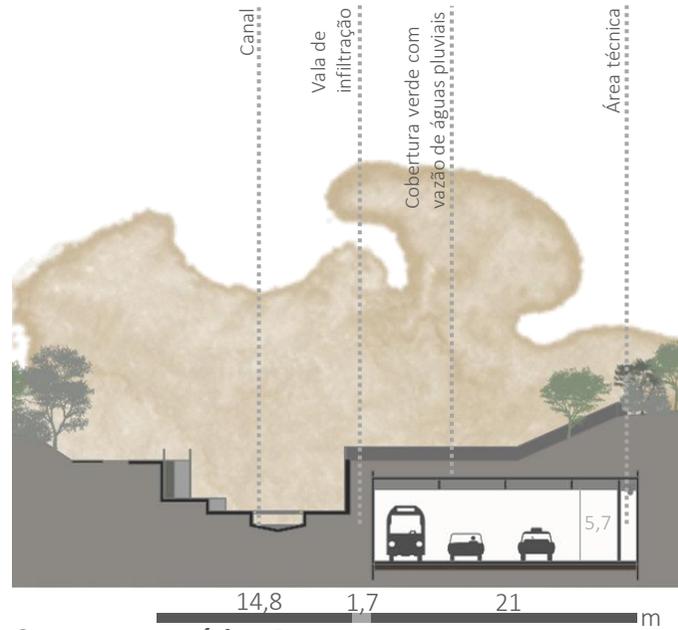
Não há hoje um conectivo eficiente entre as seções 1 e 2 do Parque. A travessia se dá apenas pelos viadutos, sendo preciso contornar o Parque. Propõe-se um trecho da Marginal Botafogo em *trincheira*, com dois conectivos em nível para o pedestre. Inverte-se a atual lógica e a prioridade de cruzamento passa a ser do pedestre facilitando tanto o acesso ao canal como a conexão entre as seções 1 e 2.

Os desvios da Marginal Botafogo ocorrem entre os viadutos da Av. Araguaia e da Av. Anhanguera, não precisando intervir nessas infraestruturas.

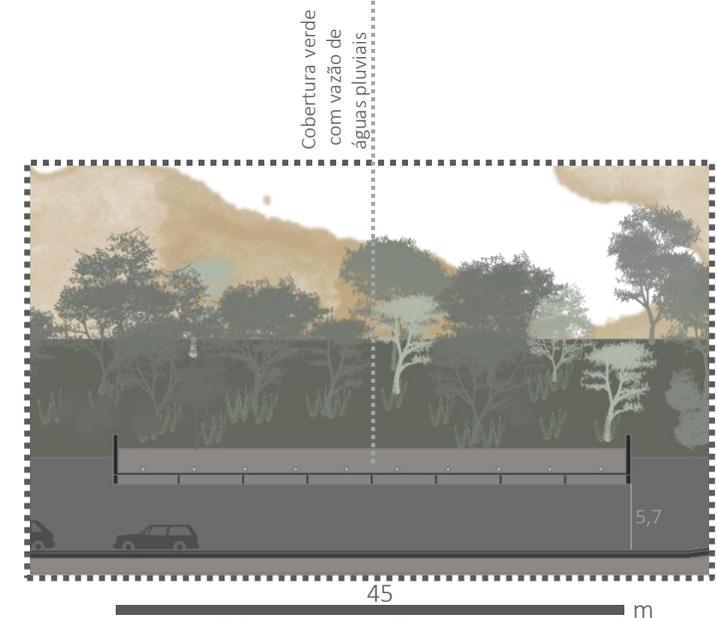
-  Córrego Botafogo;
-  Marginal Botafogo unilateral (800m);
-  Marginal Botafogo (sem alteração);
-  Marginal Botafogo (desvio);
-  Trincheira (260m);
-  Travessias em nível (Pedestres).



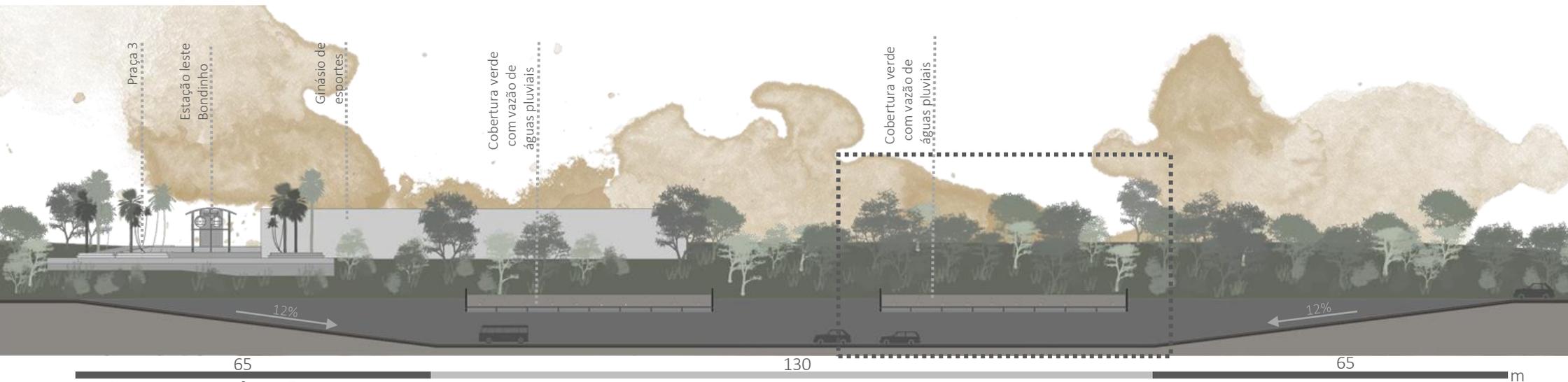
Circulação interna e mobilidade MARGINAL BOTAFOGO



Corte esquemático A



Corte esquemático B - Detalhe



Corte esquemático B



3 9,5 2,5 5 m

VIAS

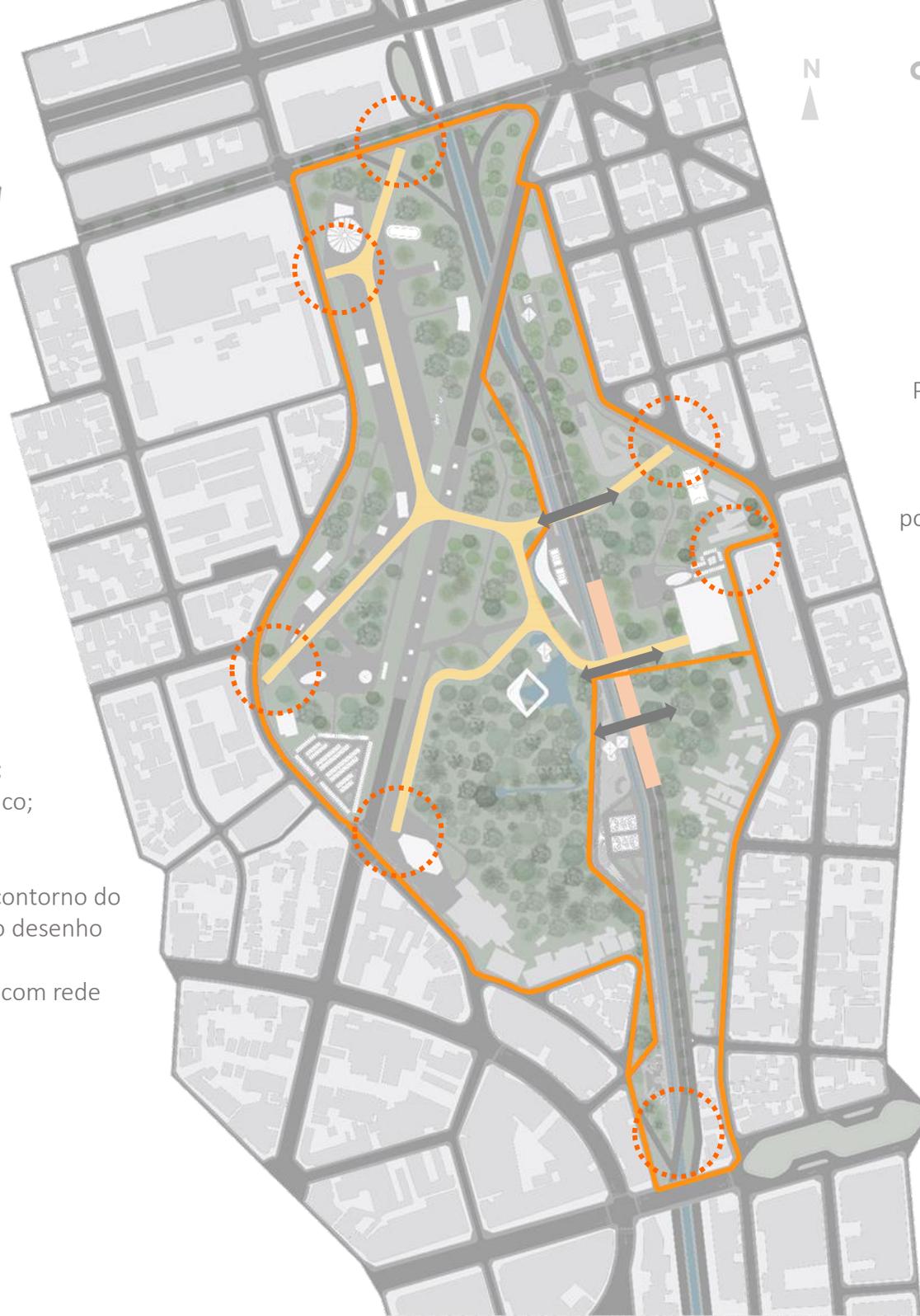
- Não há alteração das caixas;
- Adequação do passeio público;

CICLOFAIXA

- Implantação de ciclofaixa no contorno do Parque, seguindo diretrizes do desenho acima;
- Previsão de integração futura com rede cicloviária;

TRAVESSIAS

- Em nível e acessíveis;



Circulação interna e mobilidade ACESSOS E INFRAESTRUTURAS DE CIRCULAÇÃO

MARGINAL BOTAFOGO

Unilateralidade da via;

 Trecho em trincheira.

PASSEIO PÚBLICO

Acessibilidade;

Permeabilidade – valas de infiltração.

ACESSOS

Consideração dos fluxos existentes, pontos de ônibus, pontos de atração e principais vias;

MARQUISE

Orienta e incentiva o caminhar;

Consideração dos caminhos, fluxos e acessos existentes para o traçado da marquise.

Larguras a partir de 10m, conformando não só espaços de circulação, mas também permanência



TELEFÉRICO



Perspectiva – Estação Leste do teleférico

Propõe-se a Praça 3 onde esta a **Estação Leste** e a reforma dos equipamentos esportivos da seção 1, incentivando a permanência de quem vem da Seção 3 pelo teleférico.

A **Estação Oeste**, no Parque Mutirama, terá acesso direto e livre ao entorno urbano, sendo o teleférico também opção de mobilidade da microrregião.

Além das três travessias propostas conectando as seções 1 e 2, e da conexão sobre a trincheira da Av. Araguaia conectando as seções 2 e 3, o Parque já conta com um teleférico conectando as seções 1 e 3.

Hoje o teleférico está desativado, com a promessa de reforma e reativação em breve. Neste projeto, propõe-se a **reforma e requalificação das duas estações**.

A Estação Oeste fica dentro do Parque Mutirama, equipamento de maior uso. Já a estação leste está na seção 1, que conta apenas com alguns equipamentos esportivos com grandes problemas de manutenção. Esta configuração faz com que o teleférico seja usado exclusivamente como um “brinquedo” do Parque Mutirama. Ao chegar na estação Leste os usuários voltavam para o Parque Mutirama.



Circulação interna e mobilidade **PAVIMENTAÇÃO**

Passeios:

Sem trepidações excessivas;

Antiderrapante;

Baixo índice de absorção de calor;

Durável – mínimo de 5 anos.



Problemas identificados: Não há pavimentação na seção 2, com os caminhos com forte processo de erosão e comprometendo as circulação em vários pontos. Os passeios públicos tem excelentes larguras, mas com muitos pontos de problemas no calçamento. Fotos do autor.

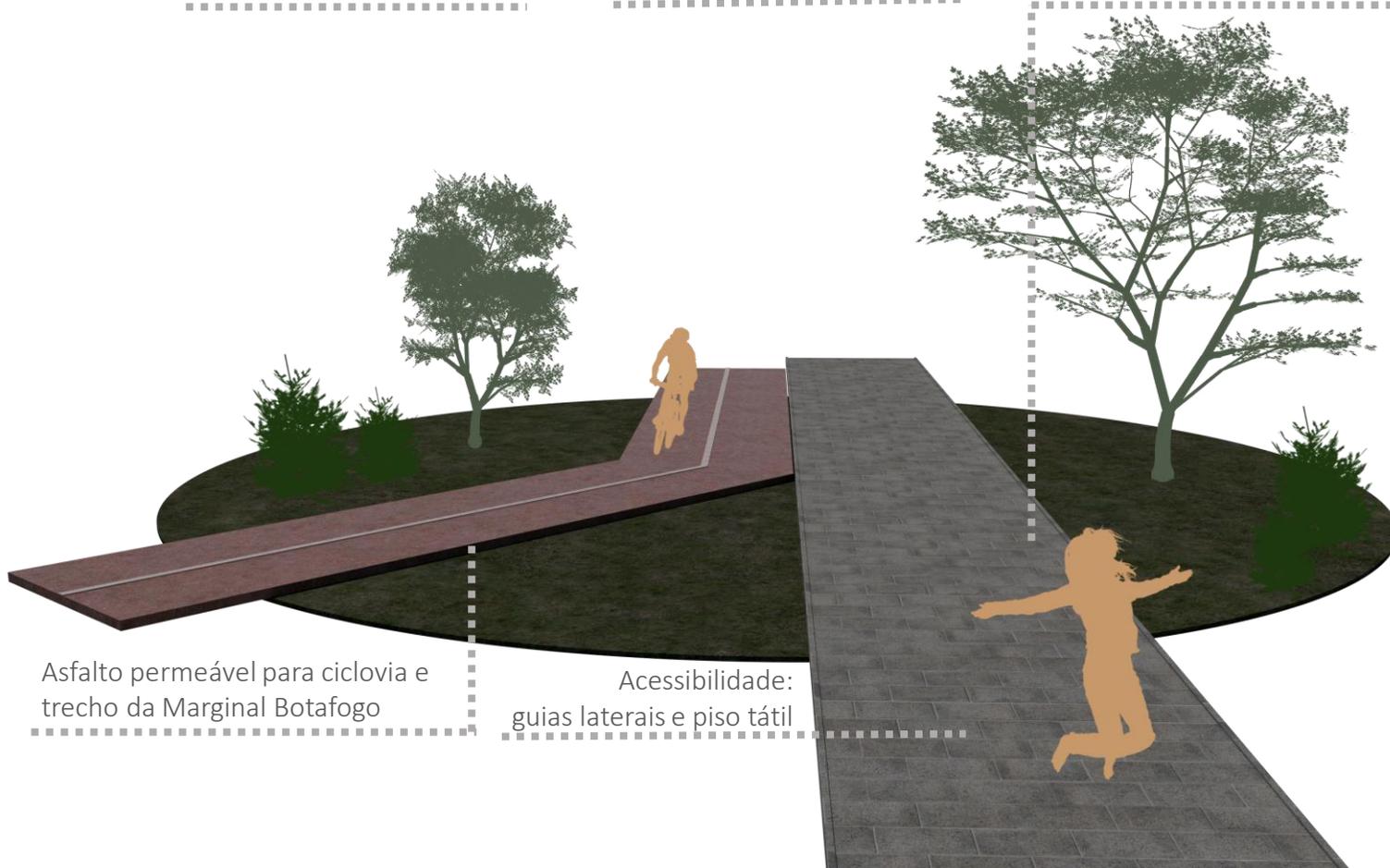
Piso drenante para áreas de permanência sem fluxo de veículos

Concregrama para áreas de estacionamento e circulação interna de veículos;

Piso intertravado para passeio público e caminhos internos

“A arquitetura é criada, ‘inventada de novo’, por cada homem que anda nela, que percorre o espaço...”

Lina Bo Bardi



Asfalto permeável para ciclovia e trecho da Marginal Botafogo

Acessibilidade: guias laterais e piso tátil

Circulação interna e mobilidade

PAVIMENTAÇÃO

Asfalto permeável: a tecnologia permite que a água, ao invés de correr ao longo das sarjetas, ela irá percolar para dentro da camada de rocha abaixo da manta asfáltica. Estudos da Prefeitura de Praia Grande, que aplica o material, indicam **permeabilidade de até 50%** das águas de chuva. O material será aplicado em todo o trecho refeito da Marginal Botafogo e no trecho interno da ciclofaixa.



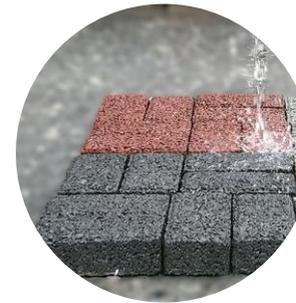
Asfalto permeável

Trilha suspensa em madeira: atualmente a seção 2 não possui pavimentação nos seus caminhos, decisão que, provavelmente, buscava manter as características do solo e a permeabilidade. No entanto, os processos erosivos comprometem a circulação e tornam as trilhas inacessíveis para pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida. Buscando dar **acesso universal** sem grandes alterações no solo e na permeabilidade, a trilha suspensa é proposta nos caminhos na seção 2. O **desempenho térmico** da madeira soma mais uma característica positiva.



Trilha suspensa em madeira

Piso intertravado de alta permeabilidade: permite o escoamento da água em **mais de 70%**, segundo algumas fabricantes. O piso também é citado pelo Manual da Calçada Acessível de Goiânia como um **piso adequado e acessível**. Este piso é o principal aplicado tanto nos passeios públicos do perímetro do Parque como em seus caminhos internos. Sua porosidade ainda melhora seu **desempenho térmico** em relação a outros produtos cimentícios.



Piso intertravado de alta permeabilidade





Circulação interna e mobilidade **PAVIMENTAÇÃO**



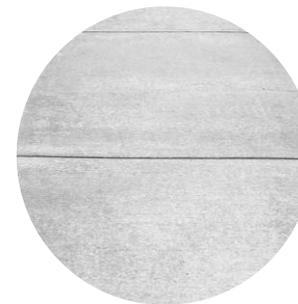
Concregrama

Concregrama: previsto para os dois estacionamentos, este modelo permite uma permeabilidade de 75%. Ideal para os locais de fluxo de veículos leves, ajudando na manutenção do nivelamento do solo, sem processos erosivos ou deformação pelo fluxo de veículos sem impedir em grande parte infiltração da água no solo.



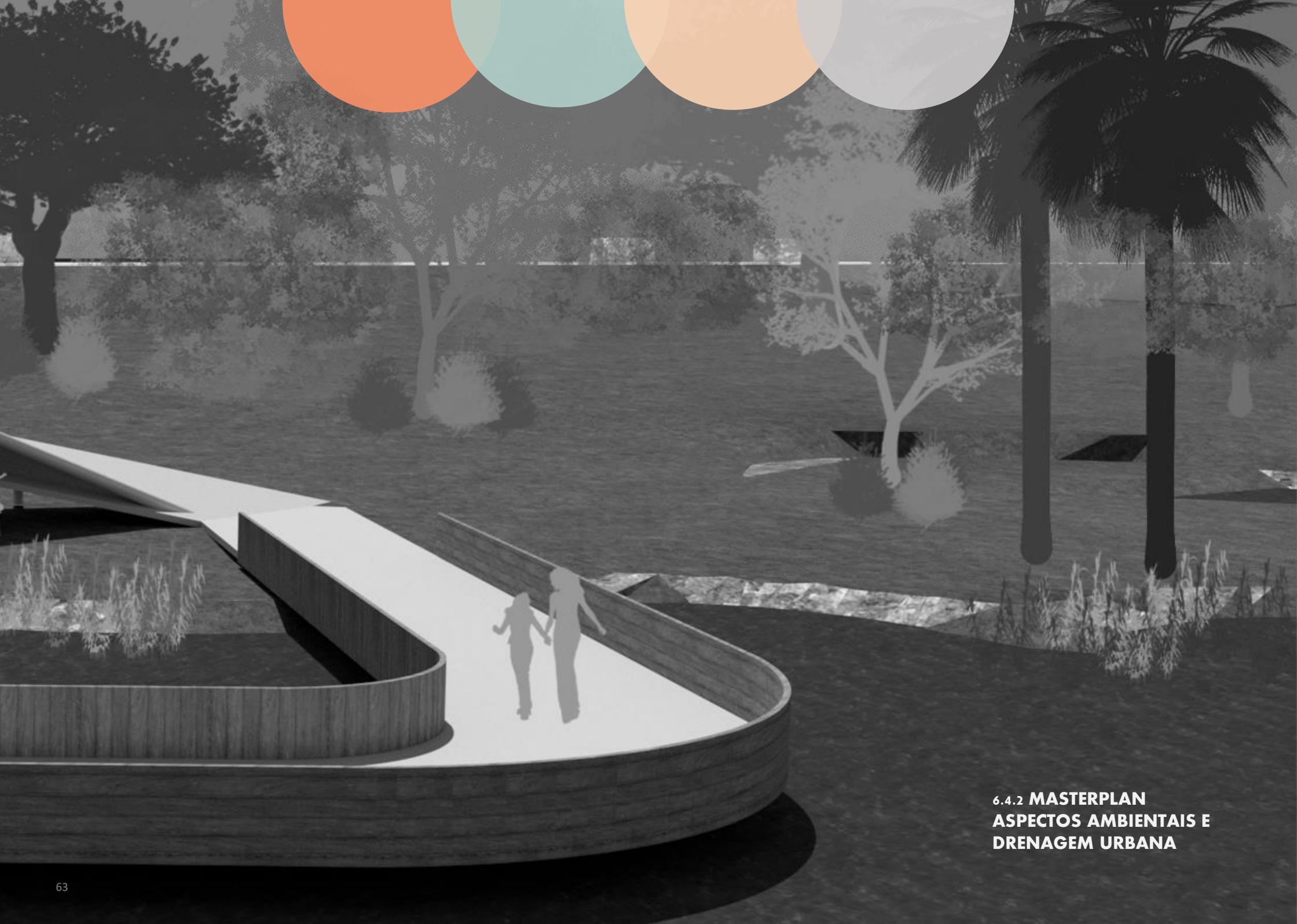
Piso permeável sobre reservatório de retenção

Piso permeável sobre galeria de retenção: conforme veremos mais a frente, duas galerias de retenção são propostas abaixo das praças 1 e 2, que margeiam o canal do córrego Botafogo compondo a infraestrutura de drenagem urbana. Assim, o piso das praças dão vazão a água diretamente para a galeria, que por sua vez a depositam no Córrego. A infiltração ocorre nas juntas entre as lajotas.



Piso em concreto durável e resistente

Piso em concreto durável e resistente: Apesar da necessidade de pavimentações permeáveis, as exigências técnicas de algumas áreas exigem um concreto durável, resistente e de baixa manutenção, atrelado a um custo benefício condizente as obras públicas. A pavimentação do canal (alagável), a Praça 4 (existente, sob a trincheira da Av. Araguaia) e pavimentação de alguns trechos sob a Marquise são de concreto.



**6.4.2 MASTERPLAN
ASPECTOS AMBIENTAIS E
DRENAGEM URBANA**

Aspectos naturais e drenagem urbana

VEGETAÇÃO E CONFORTO

Goiânia conserva altas temperaturas ao longo de todo ano. Mesmo nos meses com a menor temperatura média, as máximas se aproximam dos 30°C, observadas durante a tarde, momento de grande atividade urbana, seja para trabalho, prática de atividades físicas ou lazer. Mesmo pela manhã, o que se observa é que em grande parte do ano altas temperaturas já ocorrem, potencializadas inclusive pelas mudanças climáticas observadas em nível global.

A apropriação dos espaços públicos, seja para circulação ou permanência, e o modo como ela ocorre, encontra como importante variante, a questão climática, especialmente a temperatura e as condições dela variantes. **Condições de sombreamento** (especialmente o *sombreamento frio* (ROMERO, 2000)) e **mecanismos de resfriamento são fundamentais** para conferir um uso termicamente confortável aos moradores em suas práticas urbanas.

O método mais natural para conferir estas condições é o uso adequado das massas de vegetação. O ambiente natural potencialmente mais confortável é a sombra de uma árvore, onde há a “sombra fria” (ROMERO, 2000), protegida da radiação direta do sol e resfriando naturalmente o ambiente através do processo de evapotranspiração da árvore.

Além do conforto térmico, a vegetação auxilia na manutenção dos solos, resistindo às ações erosivas e ajudando na drenagem. É capaz de criar ambiências agradáveis e é um dos principais elementos de conexão com o natural nos meios urbanos.



Plano de massas da vegetação:

Área de preservação integral
ou mata de galeria

Área de adensamento da vegetação
ou matas secas

Área de média densidade (Bosque)
ou cerradão

Vegetação de margem de cursos d'água
ou veredas

Áreas de baixa densidade de vegetação
ou campos limpos

ÁREA DE PRESERVAÇÃO INTEGRAL

Nesta área há uma nascente e um grande densidade vegetal, que impede o acesso dos usuários. A proposta é manter esta área conservada, sem conformar áreas de circulação e permanência, preservando a própria nascente e respeitando sua APP. Dentro das fitofisionomias do Cerrado, esta área corresponde as **Matas de Galeria**, onde a presença da água garante a cor verde em todo o ano e espécies de maior altura.



Mata de Galeria. Foto: Lobo Mídia Digital

ÁREA DE ADENSAMENTO DA VEGETAÇÃO

Algumas áreas sem uso ou apropriação pelos usuários do Parque apresentam baixa densidade de vegetação. Propõe-se então o adensamento da vegetação nestes locais. Três delas (A1, A2 e A3 no mapa) separam as construções que invadem o Parque: o maior adensamento da vegetação auxilia no impedimento de que estas invasões avancem sobre o Parque.



Mata seca. Foto: Felipe Ribeiro

ÁREAS DE MÉDIA DENSIDADE

Corresponde a maior parte da área do Parque e de maior uso. Sua vegetação deve ser de médio/grande porte para não comprometer os usos e o solo deve possuir com forrageiras. A fitofisionomia do Cerrado que define esta área e o **Cerradão**, com árvores maiores, em média 9m e média densidade se comparado ao Cerrado Strictu Sensu e a Mata Seca.



Cerradão. Foto: Fundação Florestal

NOSSA PAISAGEM FITOFISIONOMIAS DO CERRADO

O Cerrado é o segundo maior bioma da América do Sul e uma das formações vegetais com maior biodiversidade. Sua preservação foi por muito tempo negligenciada com a errônea percepção de que seria um ambiente a ser menos protegido que outros biomas brasileiros, tidos como “mais ricos”.

Se o cerrado como um todo encontra problemas de políticas públicas e conhecimento popular para sua preservação, nas cidades isso se agrava. A ocupação pouco ou nada planejada consome as áreas verdes e mesmo os espaços destinados a conexão com o natural, como parques e jardins privados, são pensados frequentemente sob uma ótica de valorização do sul do país ou mesmo europeia. Percebe-se que é um problema amplo e social, não só ambiental.

O Parque Botafogo deixou de possuir a nomenclatura “Bosque” pela perda de densidade da vegetação e de espécies nativas, muitas para abrir lugar para espécies exóticas.

Propomos recuperar, tanto quanto possível, uma quantidade maior de espécies nativas e a construção de micropaisagens que referenciem e valorizem o cerrado e a identidade da paisagem do centro do país. Propomos 5 áreas no *Plano de massas da vegetação* baseadas nas **fitofisionomias do cerrado**, dando as diretrizes para que isso ocorra a partir das diferentes características encontradas no próprio Parque, tomando partido de certas potencialidades, como o lago e algumas áreas de maior densidade da vegetação.

VEGETAÇÃO DE MARGEM DE CURSOS D'ÁGUA

Embora o Córrego Botafogo seja canalizado, o que impede a recuperação da paisagem natural, ilhas de vegetação são propostas citando de maneira poética a vegetação nativa da área. A fitofisionomia das **veredas** são aplicadas nestas ilhas e na área do lago, visto que a vegetação pertinente necessita de água em abundância (ex.: Buritis)



Veredas. Foto: Lívia Dias



Buriti



Tucum



Grande porte
Ex.: Gomeira



Grande porte
Ex.: Copaiba



Médio porte
Ex.: Pau doce



Médio porte
Ex.: Embiruçu



Pequeno porte
Ex.: Peroba



Pequeno porte
Ex.: Pequi

ÁREA DE BAIXA DENSIDADE DE VEGETAÇÃO

As áreas de grande fluxo de pessoas, pavimentadas, inviabilizam uma grande densidade de vegetação. Tomamos como referência a fitofisionomia dos **campos limpos**, onde a vegetação forrageira é predominante. Assim como a vegetação do córrego, essa proposta ocorrerá nas ilhas de vegetação devido as áreas serem pavimentadas, referenciando de maneira poética o cenário natural



Campos limpos. Foto: Felipe Ribeiro

Aspectos naturais e drenagem urbana

SOLUÇÕES DE DRENAGEM

Fernandes (2007), ressalta a dificuldade de definir Goiânia dentro da “divisão clássica de climas quentes”, ou seja, em quente e úmido ou quente e seco. Trata-se, segundo ele, de um *clima composto*, com uma estação chuvosa, com 5 meses de precipitações de aproximadamente 200mm e uma estação seca, onde ocorrem 3 meses sem chuva.

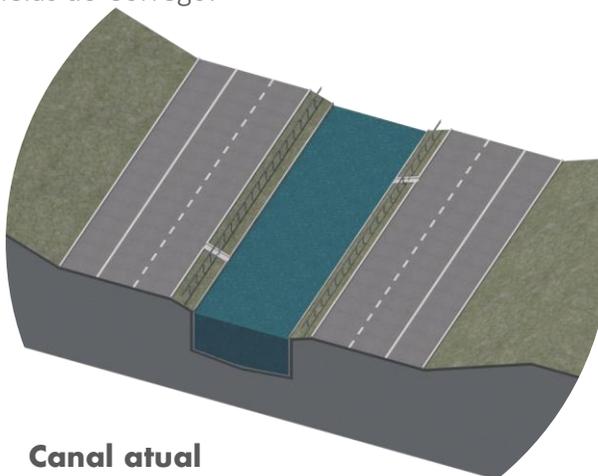
Conforme observado, durante a estação chuvosa, grandes precipitações ocorrem. A implantação da Marginal Botafogo significou a canalização do córrego e o comprometimento integral de seu curso e da conformação topográfica local. Somado a alta impermeabilidade da região central, que se adensou sem técnicas compensatórias de permeabilidade, problemas de enchentes e comprometimento das infraestruturas lindeiras são recorrentes nas estações chuvosas (ver item 3.4).

Ao mesmo tempo, a significância da Marginal Botafogo na circulação de pessoas e produtos é inegável: daí a opção deste projeto em manter seu fluxo e volume, readequando seu desenho a outras necessidades (ver item 6.4.1).

Pinto e Pereira (2006) afirmam que medidas de drenagem dão segurança, diminuem prejuízos e auxiliam no desenvolvimento urbano harmônico, articulado e ambientalmente sustentável. A seguir, as técnicas de drenagem aplicadas na intervenção:

Alargamento do canal

A transposição da Marginal para o lado leste do córrego possibilitou o alargamento do canal em seu lado oeste que, além de conformar espaços de circulação e permanência, aumentam sua vazão, melhorando sua função em relação as cheias do Córrego.



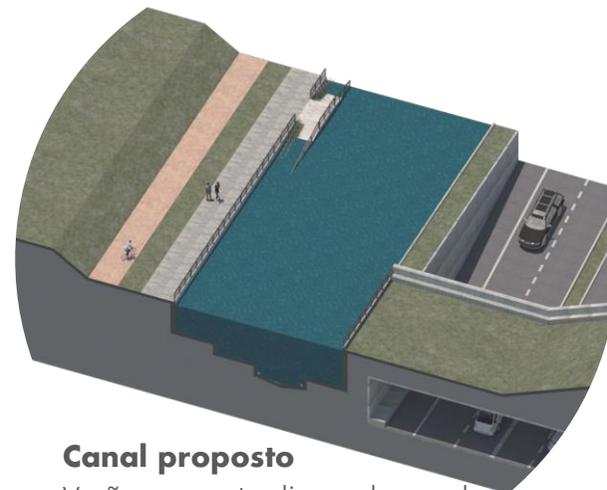
Canal atual

Vazão por metro linear do canal:

até 39,60m³

Vazão em todo o trecho de

intervenção (850m): **até 33.700m³**



Canal proposto

Vazão por metro linear do canal:

até 60m³

Vazão em todo o trecho de

intervenção (850m): **até 51.000m³**

O alargamento do canal possibilita o ganho em vazão de **aproximadamente 17.300m³** no trecho da intervenção

Galerias de retenção

As galerias de retenção colaboram com a diminuição das inundações urbanas retendo, temporariamente, as águas das cheias do Córrego Botafogo. Essas galerias possuem estruturas que tem por finalidade suavizar as cheias e inundações urbanas, como também apanhar sedimentos e detritos e auxiliar na recuperação da qualidade das águas do córrego Botafogo.

Duas galerias são propostas: a primeira sob a Praça 1, com 3.722m² e capacidade de 5.583m³ de água; a segunda, abaixo da praça 2, tem 2.413m² e capacidade de 3.620m³ de água.

Muro de controle: o muro de controle garante que a galeria só comece a ser usada quando o primeiro nível no canal encher, garantindo que a galeria só seja usada quando for realmente necessária, diminuindo a necessidade de manutenção e acúmulo de resíduos.

Elementos pré-moldados: a opção pelo concreto pré-moldado busca, além da agilidade e precisão de execução, a garantia de resistência a água e as decorrentes ações desta sobre o concreto. A precisão das juntas entre as lajes é fundamental para o escoamento da água das praças para a galeria.

Praças alagáveis

Como último recurso de drenagem urbana, outros dois pontos alagáveis são propostos: a **Praça 1, com capacidade de até 21.200m³**; a **Praça 2, com capacidade de até 7.400m³**.

Cidades resilientes

Os alagamentos ocorrem, assumir isso em infraestruturas multiuso que suportem os momentos críticos, minimizando impactos e propiciando a rápida recuperação é fundamental.



Segurança:

ALERTA PERMANENTE: Nos totens de informação e em placas haverá a orientação para não utilizar as praças em caso de chuva;

SINAL SONORO E LUMINOSO: Em caso de chuva/chuva forte alertas luminosos e sonoros indicaram a saída das praças;

POSTO DA GUARDA MUNICIPAL: Em local estratégico, com ampla visibilidade.



**6.4.3 MASTERPLAN
USOS E EQUIPAMENTOS**

Usos e equipamentos

REFORMAS E REQUALIFICAÇÕES

Teatro de arena

Aulas e eventos do Planetário;

Planetário

Reforma e integração com o entorno com o Parque pelos elementos de circulação interna

Parque Mutirama

Reforma e cronograma de manutenção. Acesso livre durante o horário de funcionamento, com apresentação de ingresso por brinquedo. O objetivo é que o Parque Mutirama se integre ao Parque Botafogo e não seja visto como um equipamento isolado

Praça 4

Praça existente sobre a trincheira da Marginal. Ocorrem feiras e eventos de dança e música.

Teleférico – Estação Oeste

Reforma e integração com o entorno urbano. O bondinho como elemento de circulação da microrregião;

Estacionamento

Aumento do número de vagas a partir do novo traçado. Pisos permeáveis e valas de infiltração nos canteiros

Pista de Bicicross

Requalificação considerando o inserção nos ciclos de competições nacionais

Teleférico – Estação Leste

Reforma e integração com o entorno urbano; O bondinho como elemento de circulação da microrregião;

50 50 200 350

Usos e equipamentos **NOVOS USOS E EQUIPAMENTOS**

Mirante

Tomando partido da topografia e fortalecendo os usos da seção 1, um mirante é proposto. O ponto alto permite uma visualização do canal e todo o complexo proposto

Praça 2

Ginásio de Esportes

Há uma grande quadra de terra batida onde ocorrem jogos aos fins de semana. Propõe-se um ginásio que atenda a comunidade e que esteja vinculado a Escola Murilo Braga.

Praça 1

Praça 2

Pavilhão do Lago / Memorial

Água como experiência urbana e conexão com a natureza. A situação pandêmica atual reforça a importância da relação simbiótica que devemos ter com o meio natural.

Pavilhão de exposições

Tomando proveito das características culturais locais, propõe-se o uso do pavilhão adaptado a diversas manifestações: exposições, pequenas feiras e shows. Implanta-se em uma esplanada, propiciando usos diversos ou que precisem de maiores espaços. A implantação se dá em área de estacionamento subutilizada, sem comprometimento da vegetação.

50 50 200 350

Usos e equipamentos

MOBILIÁRIO URBANO E ILUMINAÇÃO PÚBLICA

Pesquisa de opinião pública (POP):

71%

AFIRMAM A NECESSIDADE DE MELHORIA DAS INFRAESTRUTURAS E MOBILIÁRIO DO PARQUE PARA TORNÁ-LO MAIS ATRATIVO

82%

AFIRMAM QUE OS ASPECTOS LIGADOS A SEGURANÇA DEVEM SER MELHORADOS, COMO, POR EXEMPLO, A ILUMINAÇÃO PÚBLICA.

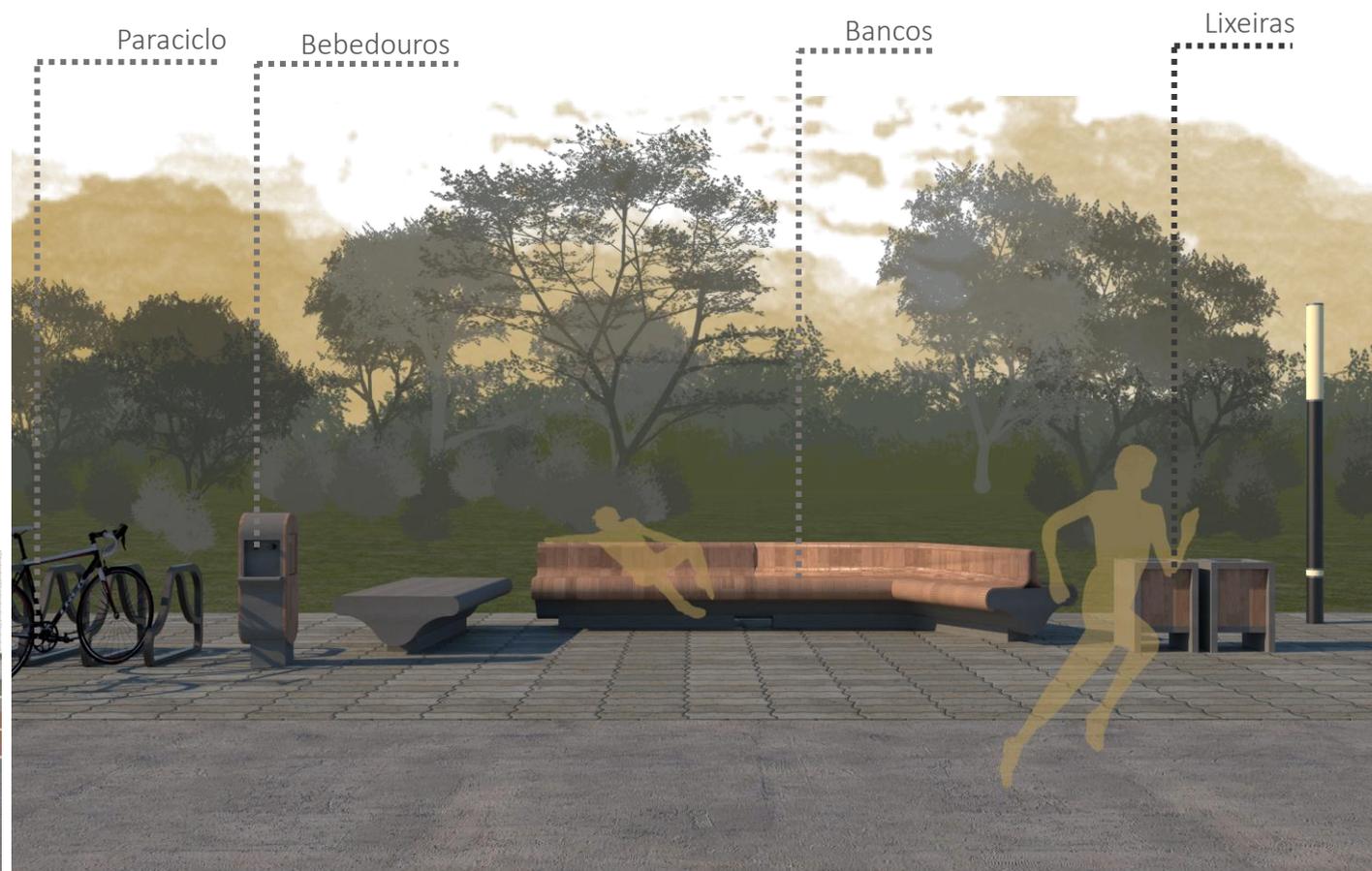


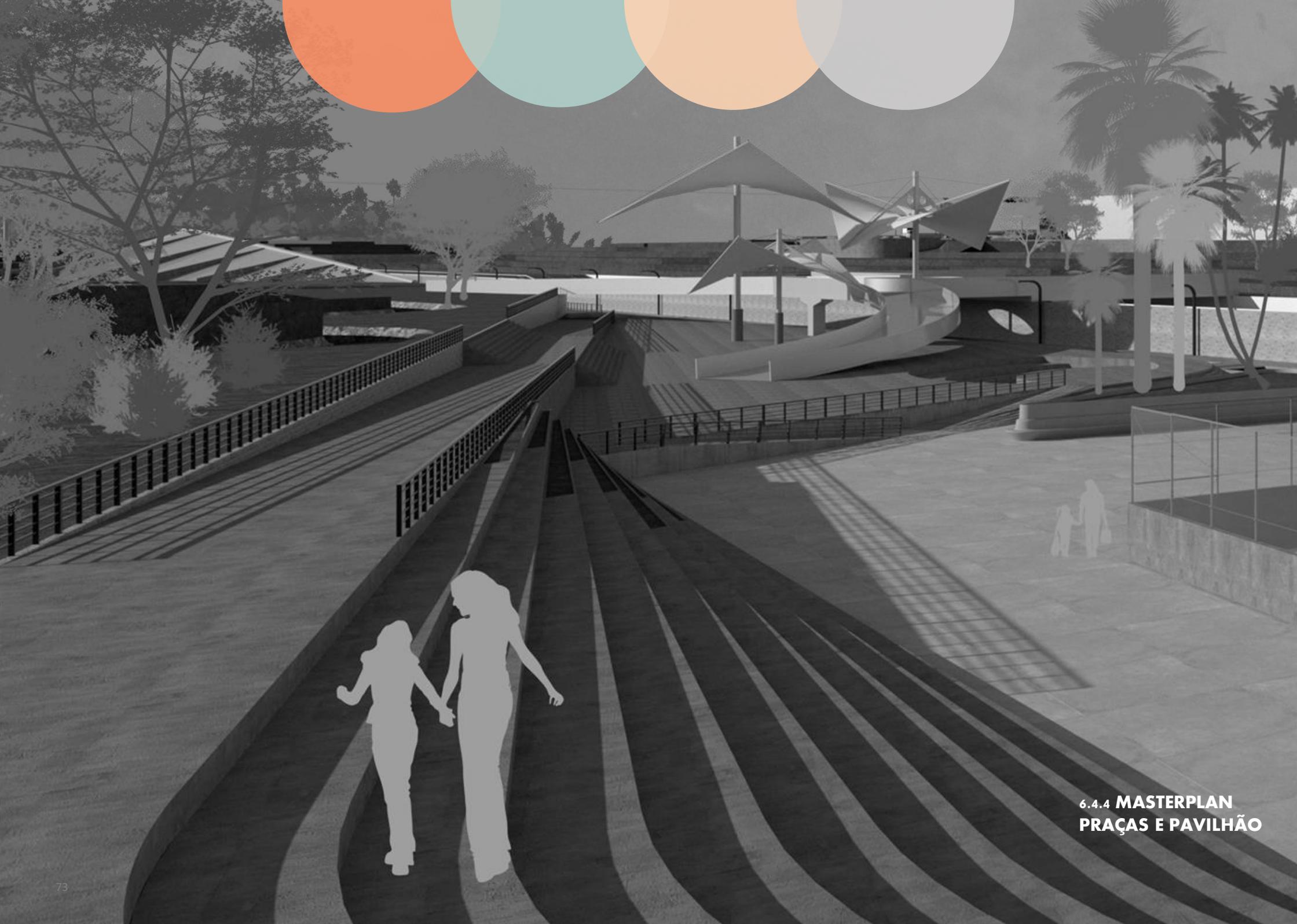
Diretrizes:

- Acessíveis e inclusivos;
- Elemento de integração e unidade do Parque;
- Adequado nos aspectos de conforto térmico e ergonômicos;
- Resistentes e ambientalmente adequados;
- Seguros;
- Versatilidade e adaptabilidade;
- **Mobiliários do canal:** resistentes a inundação.

Iluminação pública:

- Ampla e efetiva;
- Priorização do pedestre;
- Marco Urbano;
- Fiação subterrânea;
- Fortalecimento do uso noturno





**6.4.4 MASTERPLAN
PRAÇAS E PAVILHÃO**



Praças

Além da qualificação da praça hoje existente (Praça 4), sobre a trincheira da Av. Araguaia, outras três Praças são propostas.

As Praças 1 e 2 são propostas como espaços perto do córrego, colocando a *água como uma experiência urbana* e aproximando o usuário do elemento natural que dá nome ao Parque. A ideia foi criar espaços de uso misto, que abriguem os diversos usos existentes hoje (eventos de dança e canto, feiras criativas), bem como novos usos (atividades culturais, pequenas apresentações, prática de skate, patins e outros esportes, ou mesmo somente a contemplação). Elementos arquitetônicos são propostos afim de que estes espaços conformem marcos urbanos, buscando que o Parque marque a paisagem da cidade e conforme um *marco urbano*. Compõem ainda o sistema de drenagem, tendo uma galeria de inundação abaixo delas e, caso necessário, sendo alagáveis.

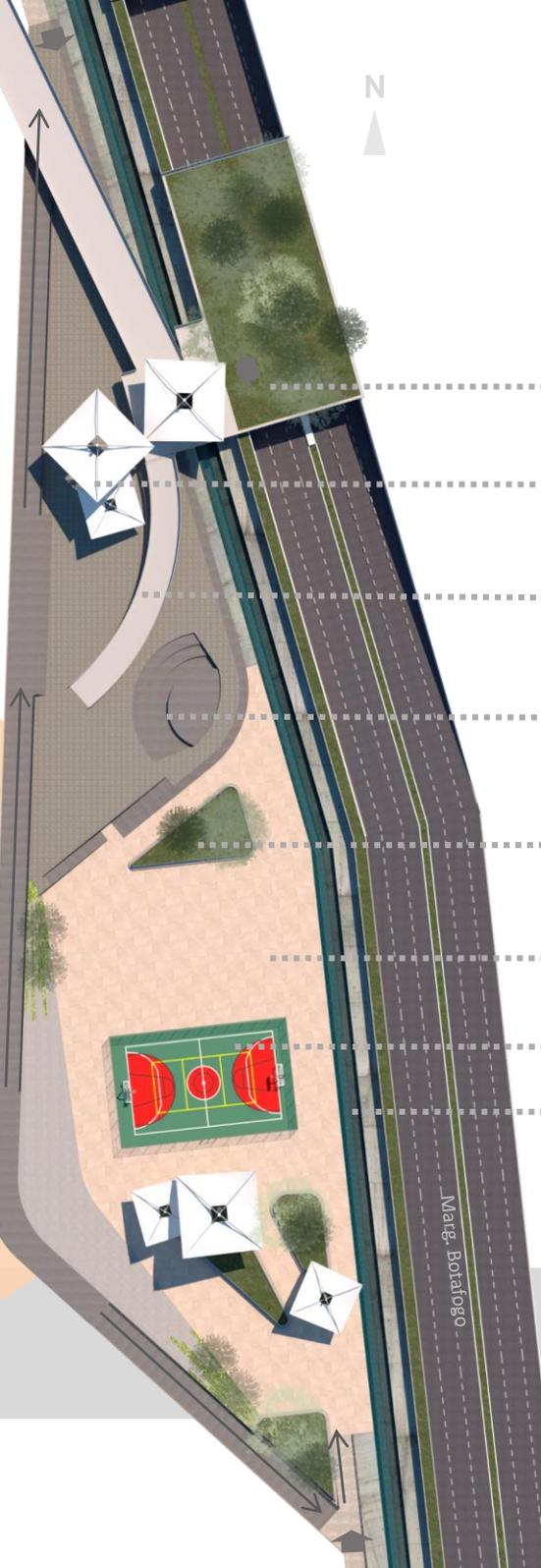
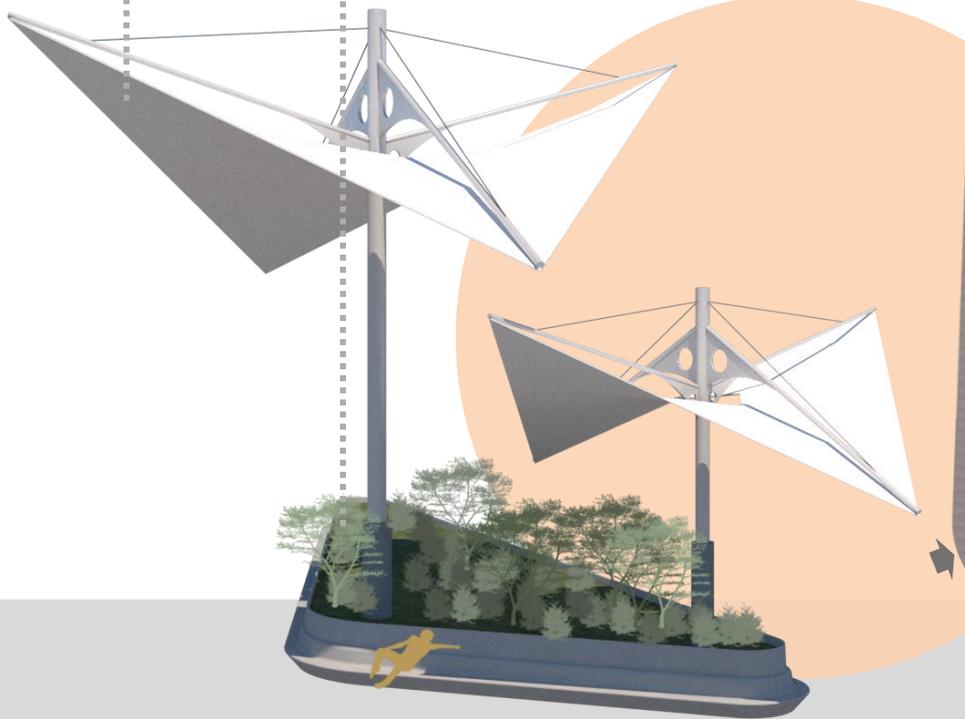
A praça 3 é proposta com o intuito de dar maior atratividade a seção 1, mais distante do Parque Mutirama (elemento hoje mais atrativo do Parque Botafogo). Ela permite acesso de pequenos veículos (foodtrucks etc) e pretende dar suporte aos equipamentos esportivos mais próximos, como o ginásio de esportes e a pista de bicross, podendo ser usada como espaço de recepção, alimentação e afins em competições e eventos nestes equipamentos. Ela fica onde está a estação Leste do teleférico, tornando mais atrativo para quem vem por ele do Mutirama a permanecer também nestes espaços.

**Elementos de sombreamento
e Marco urbano**

Entendendo nosso clima e na inviabilidade de trazer uma maior massa vegetal para a Praça, visto que estas são alagáveis, os elementos “guarda-sol” são propostos. Trata-se de um quadrilátero torcido e os outros elementos são só aqueles fundamentais a sua estabilização.

**Ilhas de vegetação
Espécies nativas**

As ilhas são propostas para trazer vegetação para as praças alagáveis sem comprometer as espécies, permitindo até 1,5m de alagamento sem atingir a massa vegetal. Apesar das espécies especificadas no plano de massa vegetal para estes espaços serem as nativas de veredas, suportando muita água, elas precisam ser protegidas da força das enchentes



Travessia em nível

Elementos de sombreamento

Atenção aos aspectos de acessibilidade

Teatro de Arena

Ilhas de vegetação

Piso permeável sobre galeria de retenção

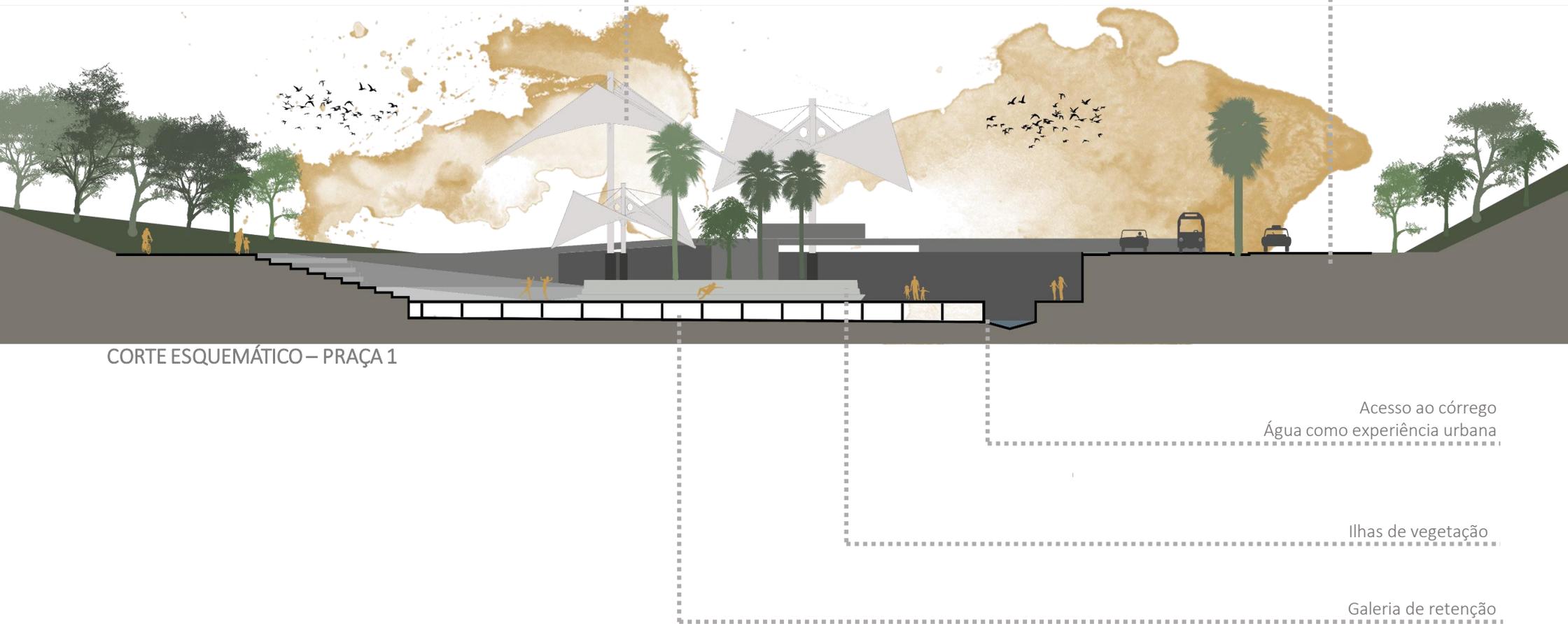
Quadra de esportes

Integração ao córrego



Unilateralidade da Marginal Botafogo

Elementos de sombreamento
Marco urbano

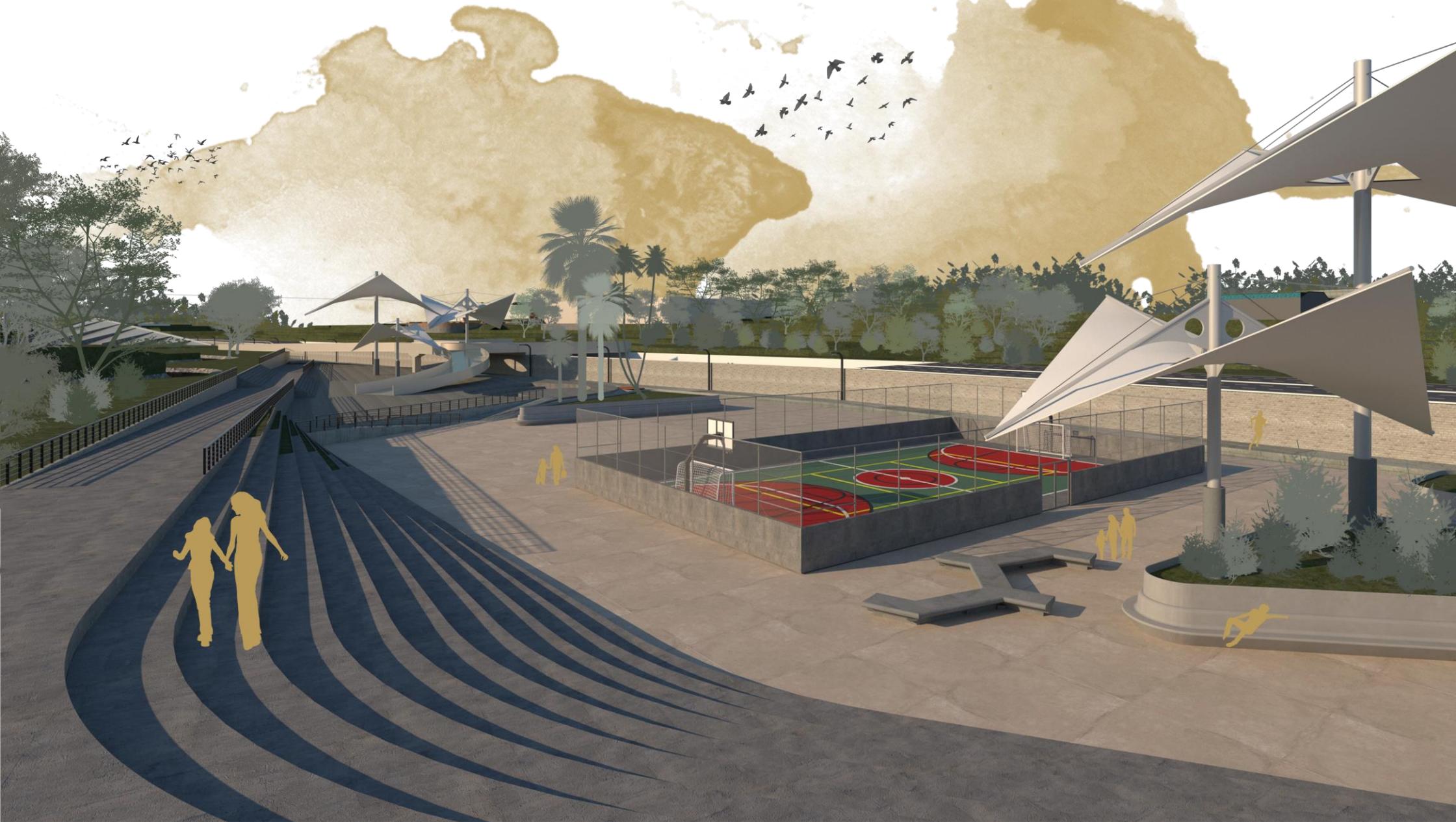


CORTE ESQUEMÁTICO – PRAÇA 1

Acesso ao córrego
Água como experiência urbana

Ilhas de vegetação

Galeria de retenção

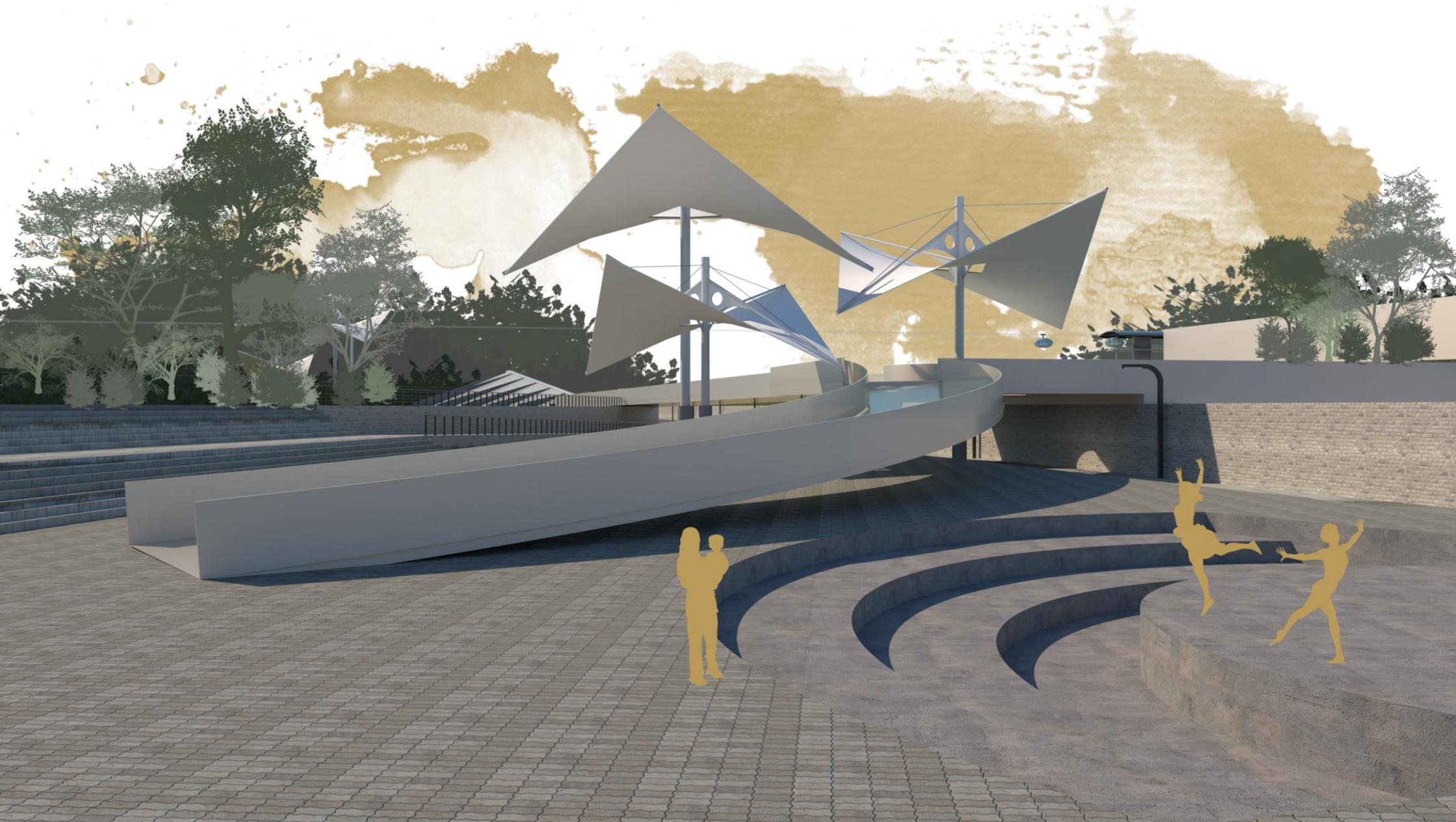


Perspectiva 1 – Praça 1

A escadaria pode assumir o papel de arquibancada. Rampas garantem a acessibilidade a todos os níveis da praça. As ilhas de vegetação

garantem a proteção da vegetação nos momentos de alagamento e as grandes estruturas “guarda sol” ajudam no sombreamento.





Perspectiva 2 – Praça 1

A rampa, em seu desenho orgânico, que dialoga com os elementos naturais, permite o acesso direto a Praça 1 por quem vem da Seção 1

Pela passagem sobre a trincheira da Marginal Botafogo. O Teatro de Arena é um espaço para manifestações espontâneas de arte e cultura.





Perspectiva 3 – Praça 1

A grande esplanada permite os mais diversos usos de lazer, esportes e até culturais e econômicos. As rampas, além de tornar acessível

para PCD, possibilitam o acesso de bicicletas, carrinhos de comida e outros, viabilizando manifestações de diversas ordens.





Perspectiva 4 – Praça 1

O canal se conforma um espaço de estar e circulação e se integra com a praça. O muro de controle da galeria de retenção sob a praça garante que ela só seja usada quando necessária.

A praça conta com sistemas de aviso aos usuários e saídas estratégicas. Elementos para simular uma paisagem natural podem ser usadas no canal, como rochas presas por argamassa.





Cobertura
A grande estrutura consiste em mastros rígidos inclinados que sustentam o grande arco. Como este arco é inclinado na direção dos elementos que o sustentam, estes tiveram que ser rígidos dado os esforços de compressão. Nestes elementos se prendem a superfície tencionada, ideia para assumir a curvatura proposta sem sobrecarga das estruturas

Atenção aos aspectos de acessibilidade

Cobertura – Marco urbano
Sombreamento e proteção

Piso permeável sobre galeria de retenção

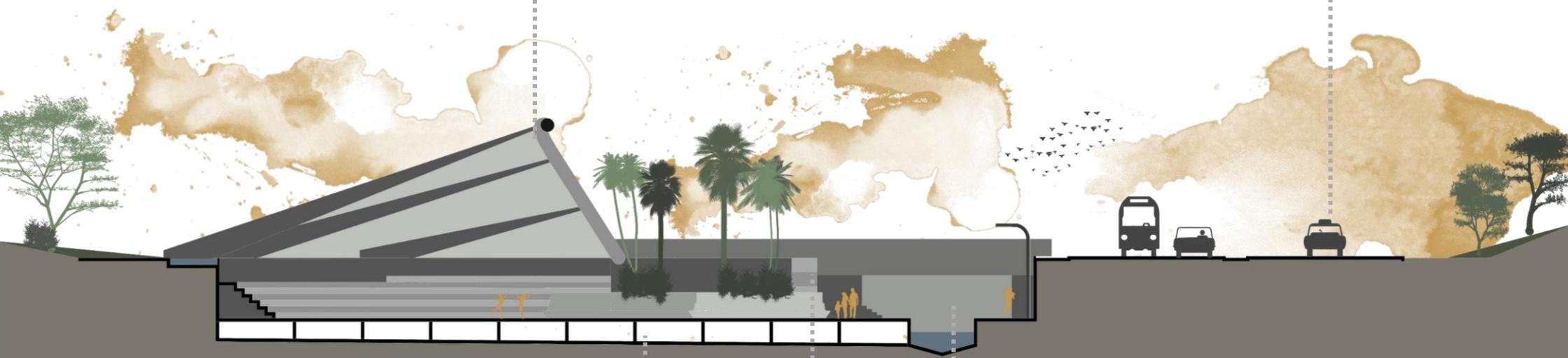
Ilhas de vegetação

Integração ao córrego



Unilateralidade da Marginal Botafogo

Cobertura – sombreamento e proteção
Marco urbano



CORTE ESQUEMÁTICO – PRAÇA 2

Acesso ao córrego
Água como experiência urbana

Ilhas de vegetação

Galeria de retenção



Perspectiva 1 – Praça 2

A grande cobertura garante o sombreamento e proteção parcial a chuva para abrigar diversos usos que ocorrem hoje no Parque sem uma infraestrutura adequada.

Ocorrem feiras de economia criativa, competições de RAP e Hip-hop entre outras. Além de abrigar estas atividades, a versatilidade do espaço é um convite a diversas manifestações.



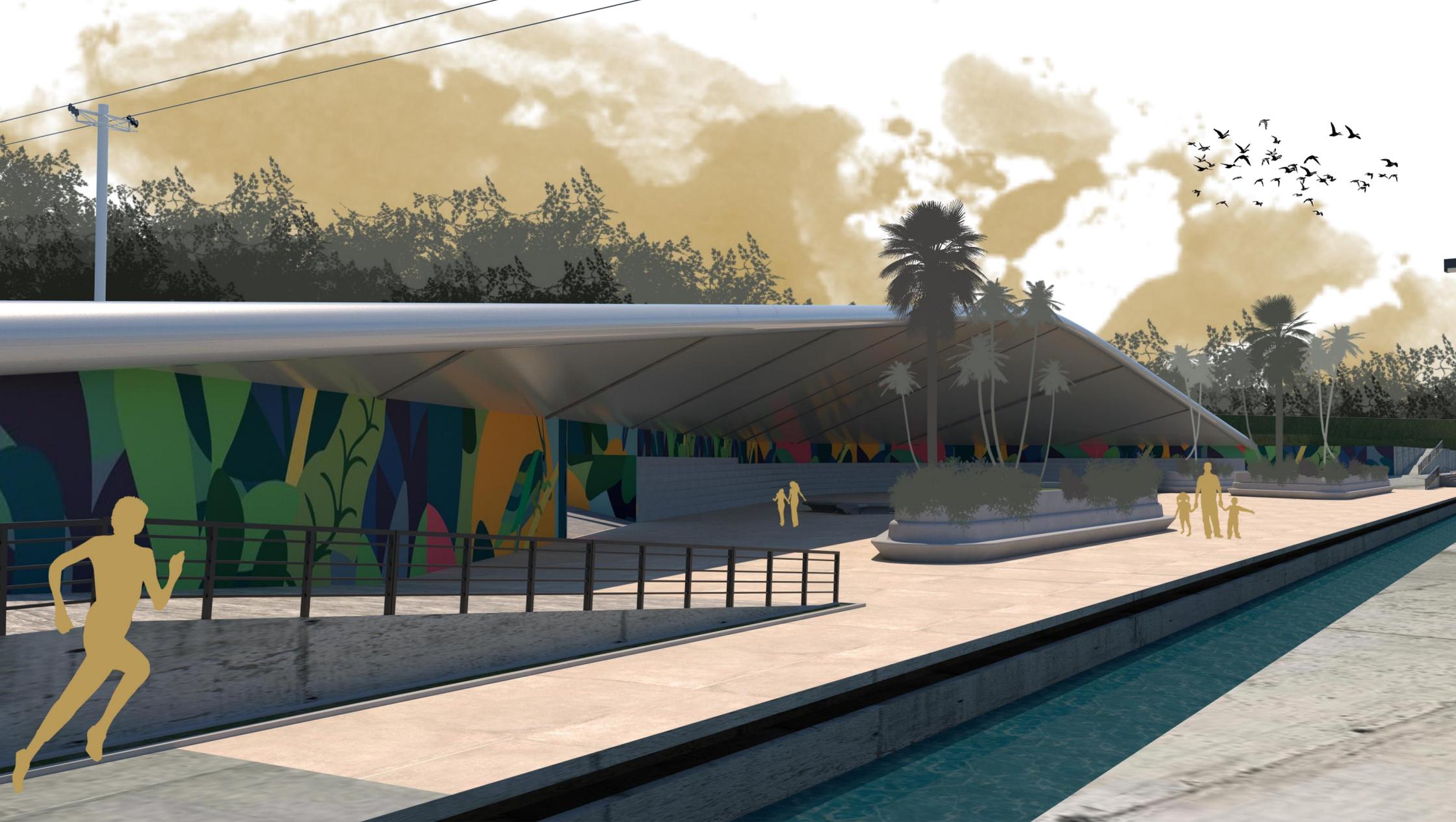


Perspectiva 2 – Praça 2

As ilhas de vegetação (altas floreiras) garantem a proteção da vegetação em caso de alagamento. Os bancos permitem diferentes agenciamentos e são resistentes a alagamentos.

A grande cobertura consiste em grandes mastros de concreto armado que sustentam o grande arco metálico. A superfície tencionada se prende a estes elementos.





Perspectiva 3 – Praça 2

O canal, conformando espaços de estar e circulação, se integra a Praça 2. A galeria de retenção sob a praça garante que a praça só seja alagada quando realmente for necessário, ou seja

quando o volume de água chegar aos níveis mais altos. Arte urbana: os painéis da *Maiteliê* criam ambiência e sugerem o uso cultural do espaço. As rampas garantem o acesso a todos os níveis.



Praças e Pavilhão

PRAÇA 3



Via compartilhada

A praça permite a entrada de pequenos Veículos para feiras e outras atividades

Floreiras

Estação Leste – Teleférico

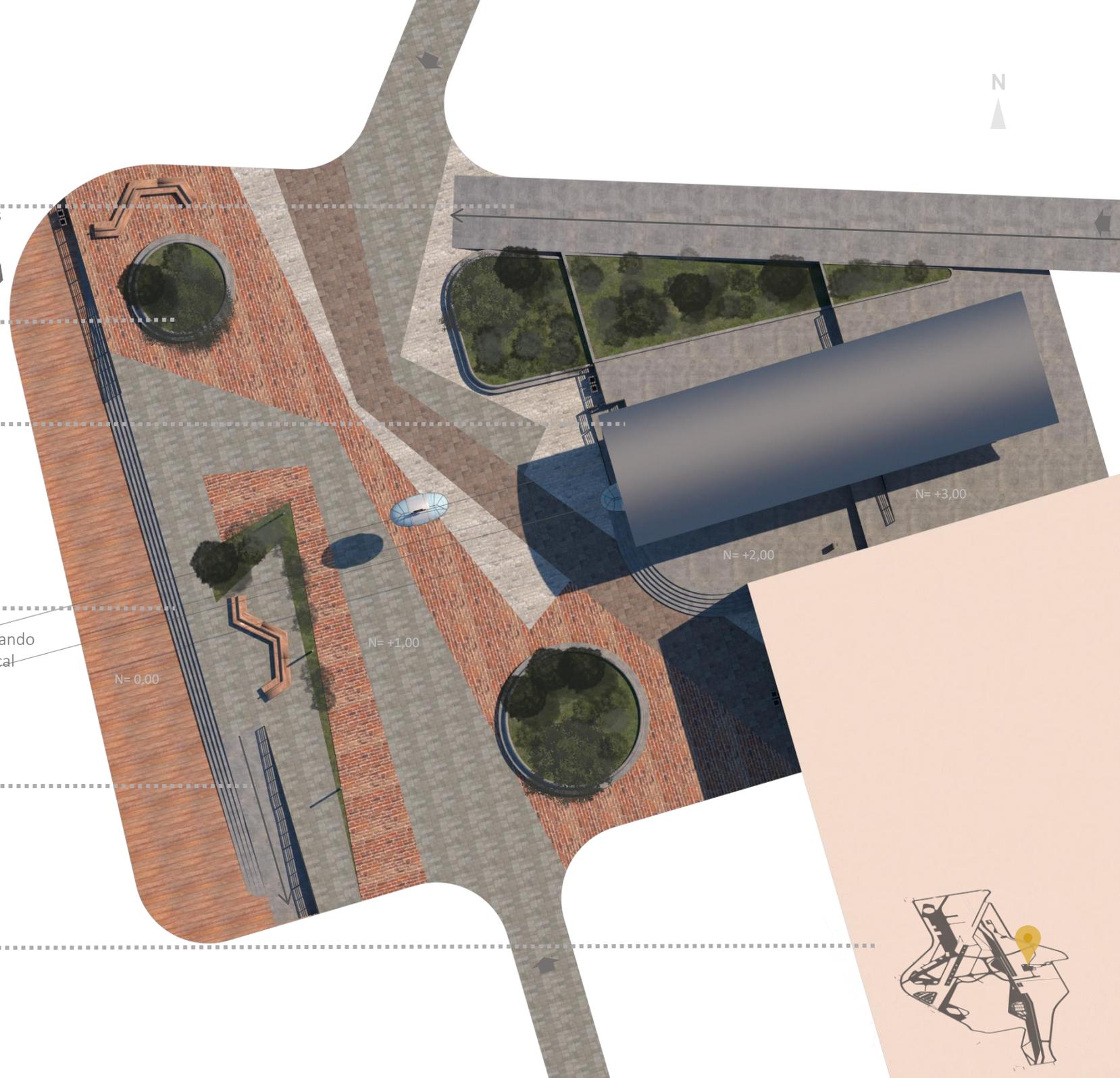
Requalificada e multiuso

Topografia

A praça 3 se conforma em 4 níveis, conectados por rampas e escadas, tomando partido da conformação topográfica local

Atenção as aspectos de acessibilidade

Ginásio de esportes



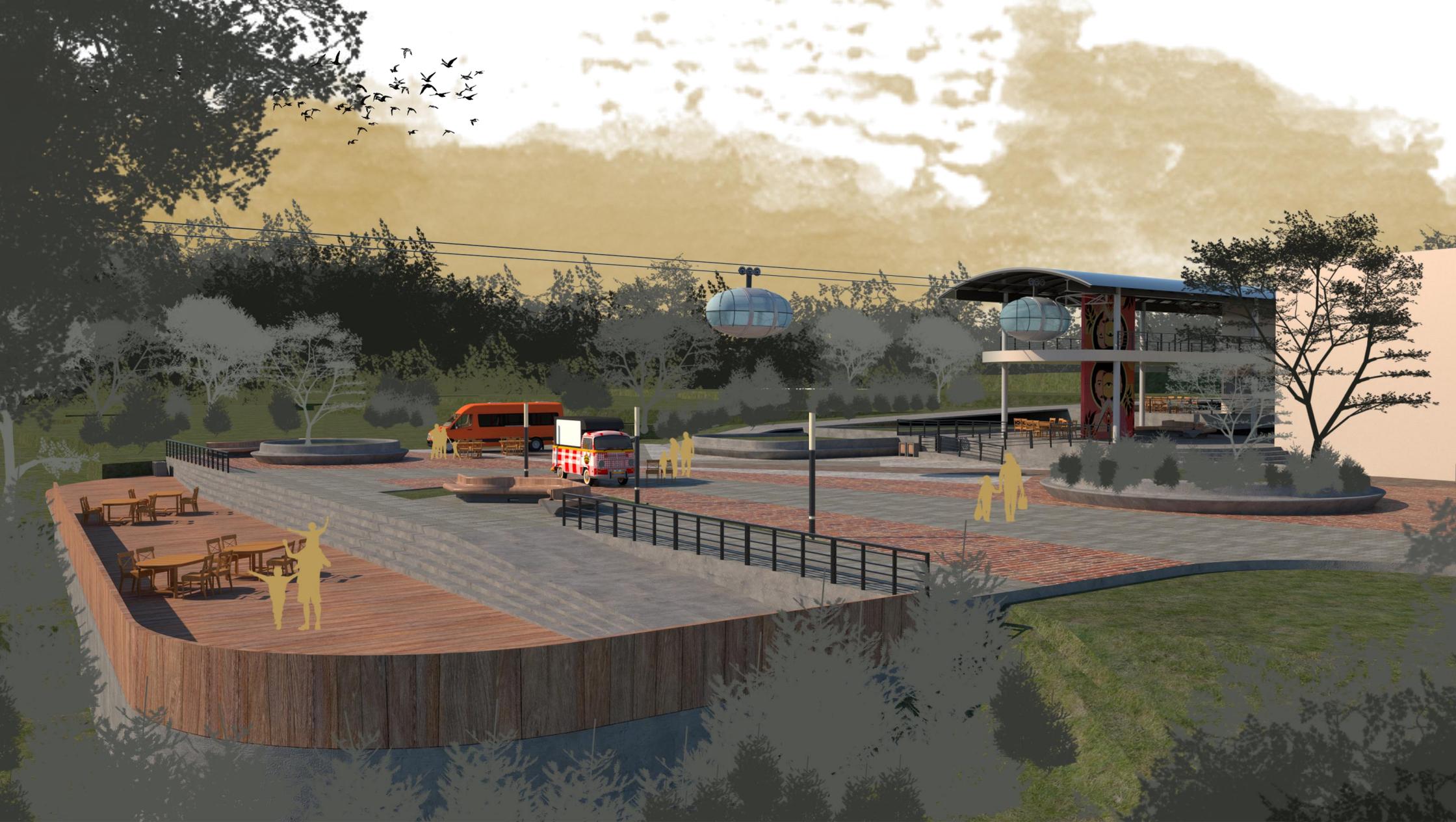


Perspectiva 1 – Praça 3

O mobiliário urbano é adaptativo apesar de fixo. Em reformas e manutenções é sempre possível readaptá-lo a partir de novas necessidades.

Um dos usos da Praça 3 é o gastronômico, com pequeno restaurante na Estação Leste do teleférico e a possibilidade de acesso de foodtrucks para feiras e eventos.



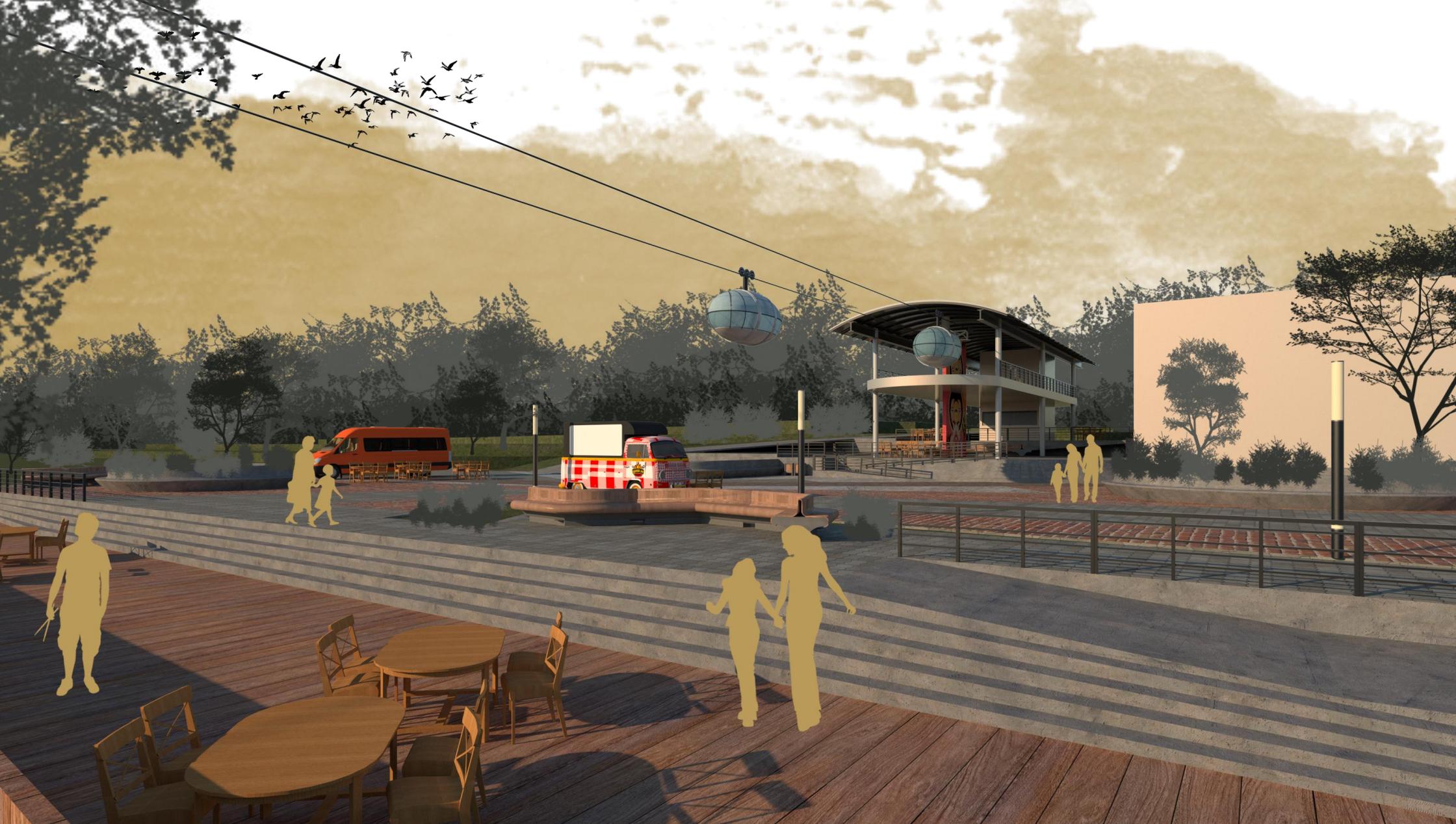


Perspectiva 2 – Praça 3

Além dos diferentes níveis, os materiais dos revestimentos orientam uma certa setorização da praça. Por exemplo, os veículos só acessam o nível +1,00, garantindo que não

sobrecarreguem os espaços da praça. Nenhum elemento em altura é usado para não comprometer a circulação do teleférico.





Perspectiva 3 – Praça 3

Os diferentes níveis incorporam a topografia e conferem mais dinamismo a Praça. A conexão entre níveis é sempre feita por rampas e

escadas, garantindo o acesso de todos. A iluminação, como nas outras praças, é pensada pela perspectiva do pedestre.





Perspectiva 4 – Praça 3

A Praça 3 tem uma visão privilegiada do complexo proposto. De lá é possível ver a grande cobertura da Praça 2, os elementos da Praça 1 e o Pavilhão do Lago.

A via compartilhada permite o acesso de pequenos veículos, como foodtrucks, para feiras e eventos na Praça. Os painéis artísticos da *Maiteliê* complementam a paisagem.





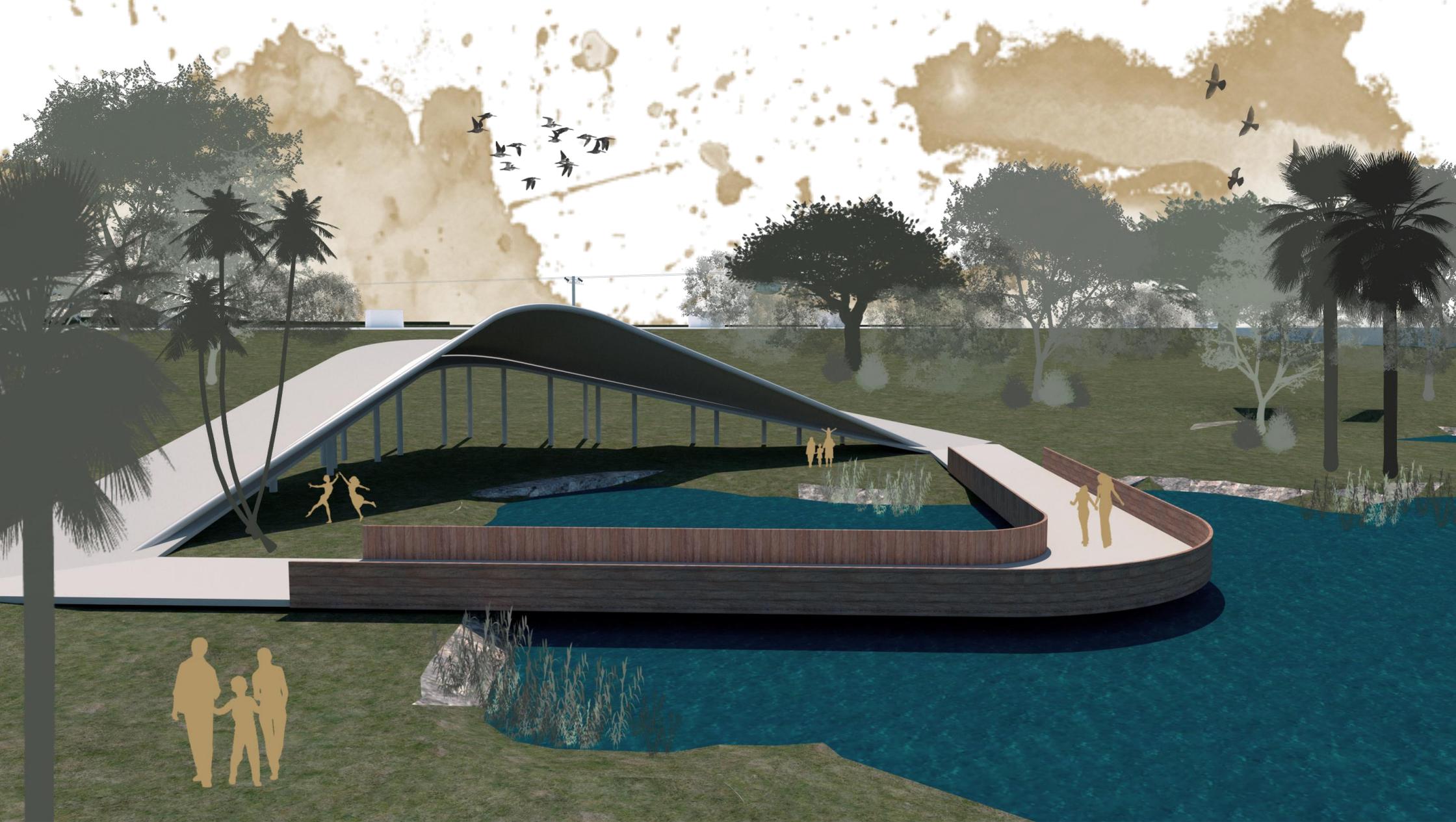
Pavilhão do Lago / Memorial

No coração do Parque está o lago, abastecido por uma pequena nascente. Hoje ele está com as infraestruturas lindeiras de circulação e permanência comprometido, com a vegetação sem manutenção e usado para contra-usos.

Este projeto propõe a requalificação desta área e a valorização dos aspectos ambientais do lago enquanto um potencial atrativo do Parque. Propõe-se o Pavilhão do Lago que pretende assimilar as relações entre construído e meio ambiente, ou seja, entre homem e natureza.

A crise pandêmica mundial ocorrendo durante o desenvolvimento deste projeto nos faz revisar as relações que o homem tem construído com o ambiente. Os aspectos ambientais, de saúde urbana, de relações interpessoais e com o espaço se redesenam, e isso justifica toda a intervenção no Parque Botafogo. Especificamente o Pavilhão pretende ser um memorial deste momento, que marca o desenvolvimento deste trabalho e, principalmente, a história da humanidade.

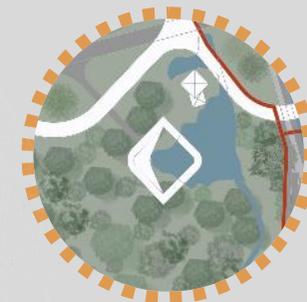
Nele é intencionado que ocorram debates, exposições ao ar livre e, principalmente, a conexão e reflexão das relações entre homem x natureza e homem x homem



Perspectiva – Pavilhão do Lago / Memorial

Água como experiência urbana e conexão com a natureza. A situação pandêmica atual reforça a importância da relação simbiótica que devemos ter com o meio natural.

O Pavilhão pretende ainda ser memória daqueles afetados pela crise e deste momento significativo da história.



7 REFERÊNCIAS

ARAUJO, Márcia; ALMEIDA, Maria. G. A paisagem do núcleo pioneiro de Goiânia: Uma interface entre patrimônio e a metrópole contemporânea. Curitiba. 2007

CORREA, Roberto Lobato. O espaço urbano. São Paulo – SP: Ática, 1995.

DINIZ, Anamaria. Goiânia de Attilio Corrêa Lima (1932-1935) – Ideal estético e realidade política. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Brasília, 2007.

FERNANDES, António Manuel C. P. Arquitetura e sombreamento: parâmetros para a região climática de Goiânia. Dissertação. 2007

GEHL, J. Cidades para Pessoas. São Paulo: Perspectiva, 2013.

HARVEY, David. Condição Pós-Moderna. 26 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

LERNER, Jaime. Acupuntura Urbana. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

LOPES, Vitor Vieira. O Bosque do Botafogo nos Planos de Atílio Corrêa Lima. Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-Goiás.

MONTANER, Joseph Maria. Espaço e antiespaço, lugar e não-lugar na arquitetura moderna. In: A modernidade superada: arquitetura, arte e pensamento do século XX. Barcelo – Espanha: Gustavo Gili, 2001.

MONTANER, Joseph Maria. DIAS, Marina Simone. O Direito ao Espaço Público. Arqtextos, 2017. Acesso em 17/04/2017.

MOURA, Dulce et al. A Revitalização Urbana. Barcelona, 2005.

NASCIMENTO, Ofélia Sócrates Monteiro. Como Nasceu Goiânia. Empresa gráfica da “revista dos tribunais”, São Paulo, 1938.

PANZINI, Franco. Projetar a natureza: arquitetura da paisagem e dos jardins desde as origens até a época contemporânea. Tradução de Letícia Andrade, São Paulo: Ed. do Senac, São Paulo, 2013.

PECO, Martín. Quão Público é o Nosso Espaço?. Suma, Mundial, Vol. 1, N. 125, p. 4 e 5, novembro, 2012.

PEREIRA, Lívia. Bosque Botafogo como apropriação de patrimônio natural. 2011.

PINTO, Luiza H; PINHEIRO, Sérgio A. Orientações Básicas para Drenagem Urbana. Belo Horizonte: FEAM, 2006. 17 p.

REIS, Lucimara Flávio. SILVA, Rodrigo Luiz Medeiros. Decadência e renascimento do Córrego Cheong-Gye em Seul, Coreia do Sul: as circunstâncias socioeconômicas de seu abandono e a motivação política por detrás do projeto de restauração. Revista Brasileira de Gestão Urbana. 2016.

RIBEIRO, M.E.J. Goiânia os planos, a cidade e o sistema de área verdes. 1. ed. Goiânia: Editora da UCG, 2004. v.1.1p

ROMERO, Marta Adriana B. Princípios Bioclimáticos para o Desenho Urbano. CopyMarket.com, 2000.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2002.

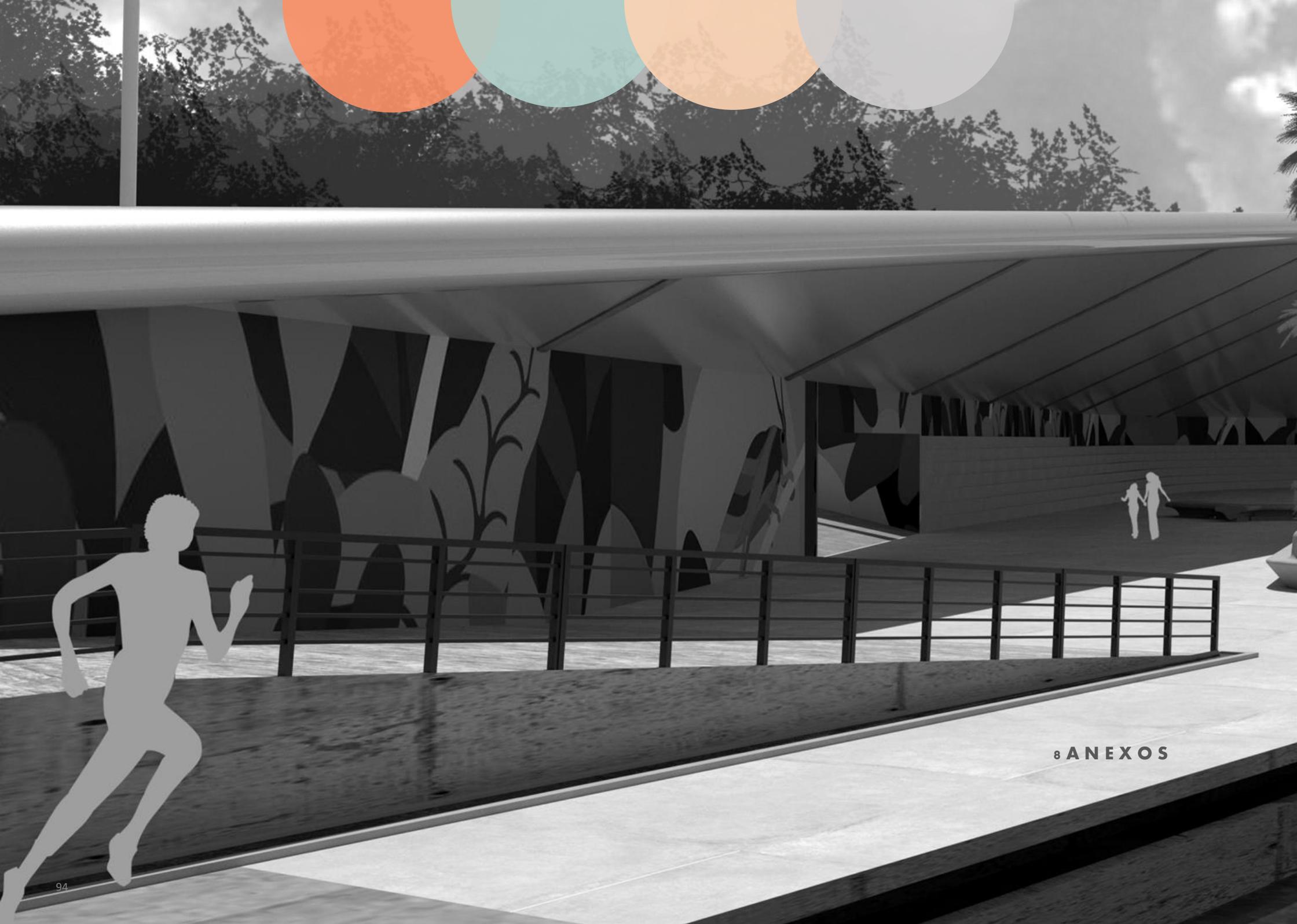
SERPA, Angelo. O espaço público na cidade contemporânea. São Paulo, Editora Contexto, 2011.

SOARES, Evelyn Cristine Moreira. Centralidades e Transformações na Avenida Rio Verde em Aparecida de Goiânia. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação Projeto e Cidade – FAV/UFG. Goiânia, 2016

VARGAS, Heliana Comin; CASTILHO, Ana Luisa Howard. Intervenções em centros urbanos: objetivos, estratégias e resultados. São Paulo, 2015.

VILLAÇA. Flávio. Direções de expansão urbana. In: Espaço intraurbano no Brasil. São Paulo – SP: Studio Nobel / Fapesp / Lincoln Institute, 2001.





8 ANEXOS

RESOLUÇÃO n°038/2020 – CEPE

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante Lucas Mendes Silva, do Curso de Arquitetura e Urbanismo, matrícula 2015.2.0016.0004-2, telefone: 62 99520-4603, e-mail lucashartlieb@gmail.com, na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei n° 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *Requalificação do Parque Botafogo: Lugar simbolicamente qualificado e de interação social*, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

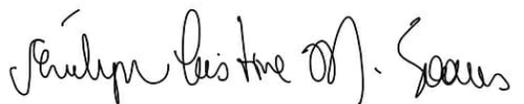
Goiânia, 24 de novembro de 2020.

Assinatura do(s) autor(es):



Nome completo do autor: Lucas Mendes Silva

Assinatura do professor-orientador:



Nome completo do professor-orientador: Evelyn Cristine Moreira Soares

PESQUISA DE OPINIÃO PÚBLICA SOBRE REVITALIZAÇÃO DO PARQUE BOTAFOGO

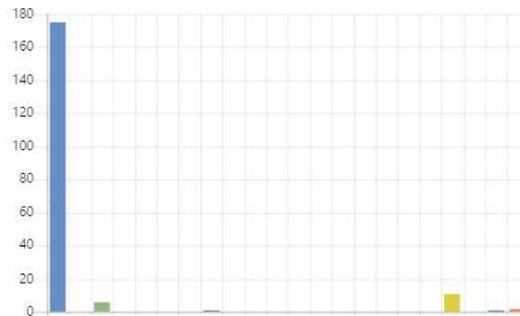
Pesquisa realizada com 197 moradores da RMG como processo participativo da proposta de revitalização do Parque Botafogo.

Texto de orientação ao entrevistados:

Pesquisa de opinião pública sobre projeto acadêmico que propõe a requalificação do Parque Botafogo. Trata-se de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Arquitetura e Urbanismo da PUC-GO e a pesquisa busca garantir a consideração da opinião da população sobre o tema. Meu nome é Lucas Mendes, sou orientado pela prof. Me Evelyn Soares e agradecemos sua contribuição.

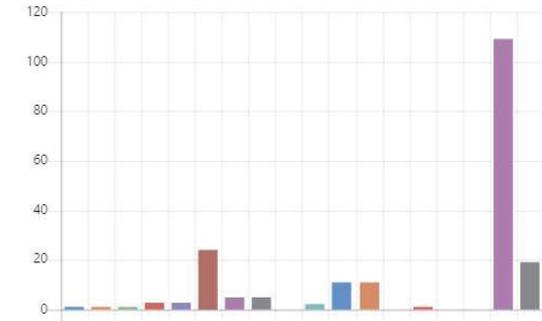
1. Você mora em alguma cidade da Região Metropolitana de Goiânia? Se sim, marque a cidade:

Goiânia;	175
Abadia de Goiás;	0
Aparecida de Goiânia;	6
Aragoiânia;	0
Bela Vista de Goiás;	0
Bonfinópolis;	0
Brazabrantes;	0
Caldazinha;	1
Caturaí;	0
Goianápolis;	0
Goianira;	0
Guapó;	0
Hidrolândia;	0
Inhumas;	0
Nerópolis;	0
Nova Veneza;	0
Santa Bárbara de Goiás;	0
Santo Antônio de Goiás;	0
Senador Canedo;	11
Terezópolis de Goiás;	0
Trindade;	1
Não moro na Região Metro...	2



2. Se você mora em Goiânia, indique o bairro:

Criméia Leste;	1
Elísio Campos;	1
Oswaldo Rosa;	1
Setor Aeroporto;	3
Setor Central;	3
Setor Leste Universitário;	24
Setor Leste Vila Nova;	5
Setor Negrão de Lima;	5
Setor Norte-Ferrovário;	0
Setor Nova Vila;	2
Setor Oeste;	11
Setor Sul;	11
Vila Colemar Natal e Silva;	0
Vila Jaraguá;	1
Vila Santa Isabel;	0
Vila Viana;	0
Outro;	109
Não moro em Goiânia.	19



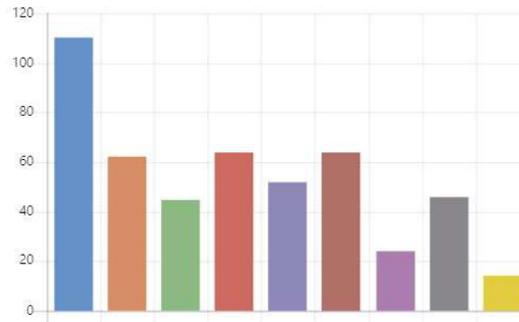
3. Caso tenha respondido OUTRO na questão anterior, informe o bairro onde você mora:

118
Respostas

Respostas Mais Recentes

4. Você costuma passar por alguma das vias abaixo nos trechos próximos ao Parque Botafogo? (é possível marcar mais de uma alternativa)

● Marginal Botafogo, com frequ...	110
● Marginal Botafogo, raramente;	62
● Avenida Araguaia, com frequê...	45
● Avenida Araguaia, raramente;	64
● Avenida Independência, com f...	52
● Avenida Independência, raram...	64
● Avenida Leste-Oeste, com fre...	24
● Avenida Leste-Oeste, raramen...	46
● Não costumo circular nessas v...	14



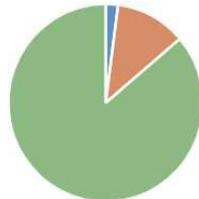
5. Você costuma circular a pé ou de bicicleta pelo Parque Botafogo e proximidades?

● Sim, com frequência;	9
● Sim, raramente;	22
● Não.	165



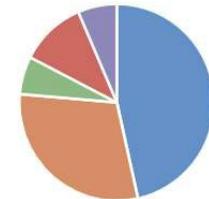
6. Você frequenta o Parque Botafogo e o utiliza como uma opção de lazer ou local de prática de atividade física?

● Sim, com frequência;	4
● Sim, raramente;	23
● Não.	169



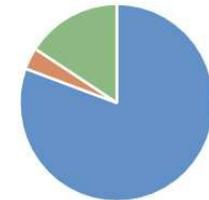
7. Você já visitou algum dos equipamentos abaixo presentes no Parque Botafogo? (é possível marcar mais de uma alternativa)

● Parque Mutirama;	187
● Planetário;	120
● Pista de Bicicross;	25
● Pista de caminhada;	44
● Trilha ecológica;	26



8. Para você, um projeto de requalificação do Parque Botafogo aumentaria sua atratividade como opção de lazer, cultura e prática de esportes para os moradores de Goiânia e da Região Metropolitana?

● Sim;	158
● Não;	7
● Talvez.	31



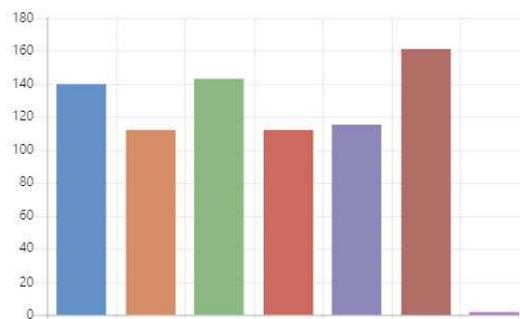
9. Você se considera a favor de um projeto de Requalificação do Parque Botafogo?

● Sim;	189
● Não;	1
● Talvez.	6



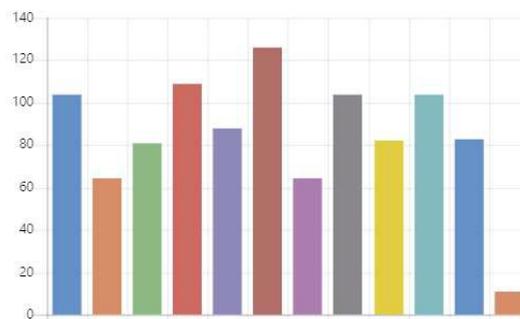
10. Na sua opinião, o que precisa ser melhorado no Parque Botafogo para que você o frequente ou o frequente mais vezes? (é possível marcar mais de uma alternativa)

- Melhoria das infraestruturas e ... 140
- Melhoria dos equipamentos e... 112
- Novos equipamentos de cultu... 143
- Melhoria das questões ambie... 112
- Melhores condições de acesso... 115
- Segurança; 161
- Estou satisfeito com a atual co... 2



11. Qual dos equipamentos e infraestruturas abaixo você acredita que poderiam ser implantados no Parque Botafogo? (é possível marcar mais de uma alternativa)

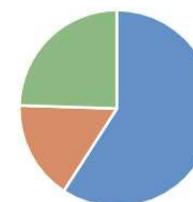
- Teatro aberto; 104
- Museu; 64
- Mídiateca ou Biblioteca públic... 81
- Quadras esportivas; 109
- Quiosques de confraternização; 88
- Lanchonetes e pequenos resta... 126
- Lago a partir do represament... 64
- Ponte sobre o Córrego e Marg... 104
- Trilha ecológica; 82
- Mirante; 104
- Bondinho, conectando duas p... 83
- Outro. 11



12. Caso tenha respondido OUTRO na questão anterior, indique qual equipamento ou infraestrutura você sugere para o Parque Botafogo:

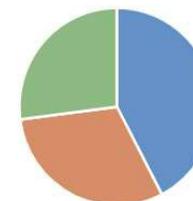
13. Você considera que uma maior integração entre o Parque Botafogo e a Região da 44* seria positiva para os frequentadores de ambos os locais? *Região da 44: importante região da cidade especializada na comercialização têxtil, de atratividade nacional.

- Sim; 116
- Não; 32
- Talvez. 48



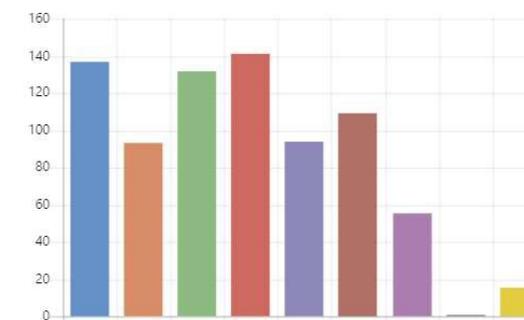
14. Considerando os aspectos ambientais e de mobilidade, você considera que a retirada da Marginal Botafogo e a recuperação do Córrego Botafogo é uma alternativa viável para Goiânia?

- Sim; 83
- Não; 60
- Talvez. 53



15. Você considera que a Marginal Botafogo afete a região do Parque Botafogo nos seguintes aspectos? (é possível marcar mais de uma alternativa)

- Poluição sonora; 137
- Poluição visual; 93
- Poluição do ar; 132
- Comprometimento do Córreg... 141
- Dividindo o Parque e dificulta ... 94
- Dificulta a acessibilidade de p... 109
- Influencia negativamente as at... 55
- Outro; 1
- Não acredito que a via citada ... 15



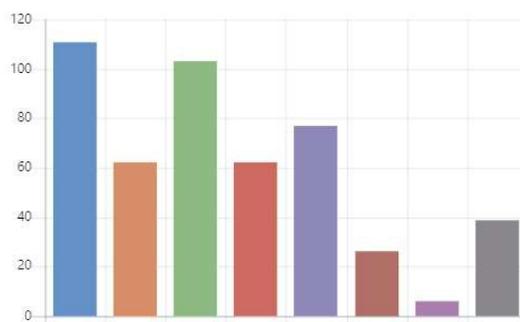
16. Caso tenha respondido OUTRO na questão anterior, indique como você acha que a Marginal Botafogo afeta a região do Parque Botafogo:

6
Respostas

Respostas Mais Recentes

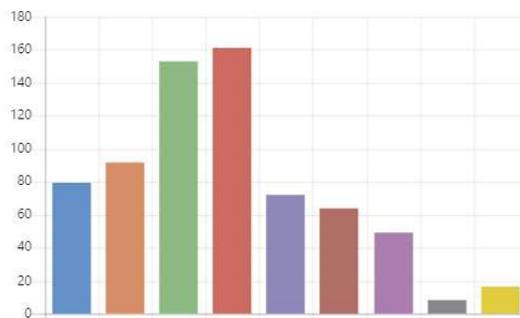
17. Você considera que a Av. Araguaia, a Av. Leste-Oeste e Av. Independência afetam a região do Parque Botafogo nos seguintes aspectos? (é possível marcar mais de uma alternativa)

Poluição sonora;	111
Poluição visual;	62
Poluição do ar;	103
Comprometimento do Córreg...	62
Dificulta a acessibilidade de p...	77
Influencia negativamente as at...	26
Outro;	6
Não acredito que as vias cidad...	39



18. Você considera que a Região da 44 afeta a região do Parque Botafogo nos seguintes aspectos? (é possível marcar mais de uma alternativa)

Poluição sonora;	79
Poluição visual;	92
Geração de lixo;	153
Aumento do fluxo de veículos;	161
Comprometimento do Córreg...	72
Dificulta a acessibilidade de p...	64
Influencia negativamente as at...	49
Outro;	8
Não acredito que as Região d...	16



19. Caso tenha respondido OUTRO na questão anterior, indique como você acha que a Região da 44 afeta seu entorno e/ou o Parque Botafogo:

9
Respostas

Respostas Mais Recentes

20. Você possui alguma memória/experiência no Parque Botafogo que queira compartilhar ou gostaria de acrescentar alguma opinião sobre ele ou as perguntas anteriores?

195
Respostas

Respostas Mais Recentes

" "

"Parque Mutirama quando era criança "

"Sempre levei meus filhos, quando crianças ao Parque Mutirama."